

Emanuela Gonçalves Costa

**Do concreto ao abstrato:  
O corpo humano como base experiencial para conceptualizações**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

Emanuela Gonçalves Costa

**Do concreto ao abstrato:  
O corpo humano como base experiencial para conceptualizações**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Estudos Linguísticos da  
Faculdade de Letras da Universidade Federal  
de Minas Gerais, como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em Linguística  
Teórica e Descritiva

Área de Concentração: Linguística Teórica  
e Descritiva

Linha de Pesquisa: Língua em uso

Orientadora: Profa Dra Ulrike Agathe  
Schröder

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2013

## RESUMO

A fim de demonstrar se termos concretos apresentam uma tendência em ocorrer cada vez mais abstratos ao longo do tempo, fundamentamos esta pesquisa no uso do corpo humano como base concreta e experiencial para conceptualizações. Sendo assim, a pesquisa foi conduzida pelo referencial teórico da Teoria Cognitiva da Metáfora, que compartilha do postulado do pensamento como ‘enraizado’ no corpo e, deste modo, ele é base do nosso sistema conceptual. Além disso, a TCM estabelece que o sistema conceptual humano seja em grande parte metafórico. Portanto, para alcançar as conceptualizações, partimos de seis expressões linguísticas concretas, os lexemas *boca*, *barriga*, *mão*, *cabeça*, *pé* e *perna* e nos apoiamos na metodologia da Linguística de Corpus para analisar cada um deles. Cada lexema foi quantificado e separado entre literal e metafórico. Em seguida, eles foram analisados de acordo com suas conceptualizações mais frequentes no período de cinco séculos. Apresentamos diversas metáforas e metonímias conceptuais que envolvem os termos e, discutimos especificamente a metáfora conceptual PERDER A CABEÇA É ENLOUQUECER para explicar a possibilidade de eventos sociais influenciarem no processo de conceptualização de termos concretos. Finalmente, descobrimos que cada lexema apresenta conceptualizações específicas e, que apesar do corpo humano ser um domínio-fonte preferencial, ele não é empregado uniformemente.

Palavras chave: corpo humano, *corpus* eletrônico, metáfora, metonímia

## ABSTRACT

In order to demonstrate whether concrete terms have a tendency to occur more and more abstract through time, we based this research on the human body as a basis for concrete and experiential conceptualizations. Thus, the research was conducted by the Theory of Cognitive Metaphor, which shares the postulate of thought as 'rooted' in the body and thus it is the base of our conceptual system. Furthermore, the TCM provides that the human conceptual system is largely metaphorical. Therefore, to achieve this goal we took six concrete linguistic expressions, the lexemes *mouth*, *stomach*, *hand*, *head*, *foot* and *leg* and the support of the methodology of Corpus Linguistics to analyze each of them. Each lexeme was quantified and separated between literal and metaphorical. Then they were analyzed according to their frequently conceptualizations over five centuries. We present several conceptual metaphors and metonymies involving the terms and specifically discuss the conceptual metaphor GET CRAZY IS LOSE THE HEAD to explain the possible influence of social events on the process of conceptualizing concrete terms. Finally, we found that each lexeme has specific conceptualizations and that despite the body being a preferred source domain, it is not used uniformly.

Keywords: human body, electronic *corpus*, metaphor, metonymy

## **DEDICATÓRIA**

Para os meus queridos alunos

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, por ter me ensinado o quanto é importante ter objetivos e nunca desistir deles. Aos meus irmãos Kim H. Costa que em nossas conversas sobre coisas da vida me ajudou, a ordenar os meus pensamentos e me ensinou como organizar os dados, e Karol M. L. Costa que suportou a minha bagunça.

A minha orientadora Profa Dra Ulrike Schröder que acreditou em mim e me ensinou tudo que sei sobre metáforas, fazendo-me apaixonar pelo tema.

A todos os meus professores do mestrado por terem me apresentado novas linhas de pesquisa, e em especial à Profa Dra Deise Dutra que me introduziu à Linguística de Corpus.

A Eduardo Camargo por me ajudar a ver muito do que eu não via.

A Astrea pelas leituras valiosas do meu texto.

A todos os amigos que fiz durante o período da dissertação.

A todos os amigos extra-faculdade pela compreensão, apoio e carinho.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 1 - <i>Der greise Wald</i> (A floresta envelhecida).....	22
FIGURA 2 - A interface do <i>Vercial</i> no <i>Linguateca</i> .....	36
FIGURA 3 - Amostra das linhas de concordância do lexema <i>cabeça</i> no <i>corpus Linguateca/Vercial</i> .....	37
FIGURA 4. Amostra das linhas de concordância para o lexema <i>boca</i> .....	38
FIGURA 5. -Exemplos do lexema <i>pé</i> com seus colocados.....	88
FIGURA 6- Mapeamento da metáfora conceptual.....	94
FIGURA 7 - conceptualização de ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA.....	
Quadro 1 - 9 TESES-CHAVE DA TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA.....	20
Quadro 2 - PRESSUPOSTOS GERAIS PARA ESTUDOS BASEADOS EM <i>CORPUS</i> .....	28
Quadro 3 - Ocorrências relacionadas ao lema <i>perder</i> junto ao lema <i>cabeça</i> / <i>Corpus</i> do Português.....	95
Quadro 4 - Ocorrências relacionadas ao lema <i>perder</i> junto ao lema <i>cabeça</i> / <i>Corpus</i> <i>Vercial</i> .....	99

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1- Ocorrências do lexema <i>boca</i>.....</b>	<b>53</b>
<b>TABELA 2- Ocorrências do lexema <i>barriga</i>.....</b>	<b>58</b>
<b>TABELA 3- Ocorrências do lexema <i>mão</i>.....</b>	<b>62</b>
<b>TABELA 4- Ocorrências do lexema <i>cabeça</i>.....</b>	<b>66</b>
<b>TABELA 7 - Ocorrências do lexema <i>pé</i>.....</b>	<b>70</b>
<b>TABELA 8- Ocorrências do lexema <i>perna</i>.....</b>	<b>74</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Ocorrências do lexema <i>boca</i> .....	53
GRÁFICO 2 - Ocorrências do lexema <i>barriga</i> .....	58
GRÁFICO 3 - Ocorrências do lexema <i>mão</i> .....	62
GRÁFICO 4 - Ocorrências do lexema <i>cabeça</i> .....	66
GRÁFICO 5 - Ocorrências do lexema <i>pé</i> .....	70
GRÁFICO 6- Ocorrências do lexema <i>perna</i> .....	74
GRÁFICO 7- Ocorrências das principais conceptualizações do lexema <i>boca</i> .....	77
GRÁFICO 8- Ocorrência da principal conceptualização do lexema <i>barriga</i> .....	81
GRÁFICO 9- Ocorrências da principal metáfora conceptual com lexema <i>mão</i> .....	82
GRÁFICO 10- Ocorrências das principais conceptualizações com lexema <i>cabeça</i> .....	86
GRÁFICO 11- Ocorrências da principal metáfora conceptual com lexema <i>pé</i> .....	90
GRÁFICO 12- Ocorrências da principal metáfora conceptual com lexema <i>perna</i> .....	92

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	12
2.2 METÁFORAS DO COTIDIANO .....	16
2.3 ANTECIPAÇÕES DA METÁFORA CONCEPTUAL.....	21
2.4 AS CRÍTICAS A PRIMEIRA FASE DA TEORIA CONCEPTUAL DA METÁFORA .....	24
<b>2.5 LINGUÍSTICA DE CORPUS.....</b>	<b>27</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>32</b>
<b>3.1 HIPÓTESES DE TRABALHO.....</b>	<b>32</b>
<b>3.2 DADOS E CORPORA .....</b>	<b>35</b>
3.2.1 O CORPUS.....	35
3.2.2 O PROGRAMA .....	37
3.2.3 PROCEDIMENTO PAR ENCONTRAR METÁFORAS .....	39
<b>3.3 ANÁLISES DO CORPUS.....</b>	<b>44</b>
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>51</b>
<b>4.1 A EVIDÊNCIA DE METÁFORAS CONCEPTUAIS A PARTIR DE     METÁFORAS LINGUÍSTICAS.....</b>	<b>51</b>
4.1.1 O CASO DE BOCAI .....	53
4.1.2 O CASO DE BARRIGA .....	58
4.1.3 O CASO DE MÃO .....	62
4.1.4 O CASO DE CABEÇA.....	66
4.1.5 O CASO DE PÉ.....	70
4.1.6 O CASO DE PERNA.....	74
<b>4.2 EXTENSÕES DIACRÔNICAS DE METÁFORAS E METONÍMIA DOS     LEXEMAS: BOCA, BARRIGA MÃO CABEÇA, PÉ E PERNA .....</b>	<b>76</b>
4.2.1 BOCA.....	77
4.2.2 BARRIGA .....	81
4.2.3 MÃO .....	82
4.2.4 CABEÇA.....	86
4.2.5 PÉ.....	90
4.2.6 PERNA.....	92
<b>4.3 O CASO DA METÁFORA CONCEPTUAL ENLOUQUECER É PERDER     A CABEÇA .....</b>	<b>94</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>106</b>

## 1. Introdução

*Porque eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés, da cabeça aos pés...*  
(*Novos Baianos, Dê um role, 1971*)

O sistema conceptual humano é formado por inúmeros conceitos concretos e abstratos. Esses conceitos podem pertencer a domínios distintos do conhecimento, mas é possível relacioná-los por meio do mapeamento conceptual. O mapeamento conceptual conecta dois ou mais domínios no nível do pensamento e estamos tão ligados a ele é impossível conceber o mundo de outra maneira, e esse mapeamento é metafórico. Dito de outro modo, a metáfora conceptual consiste no mapeamento de dois domínios, no qual um domínio é compreendido em termos do outro (KÖVECSES, 2010).

Segundo Sardinha (2007), as metáforas funcionam como um instrumento, do qual desposamos para criar um novo conhecimento ou para dar conta de algo novo na ciência e no cotidiano. Além disso, um dos principais paradigmas da Teoria Conceptual da Metáfora é que as metáforas são fundamentadas na correlação das experiências físicas espaciais e o mundo (KÖVECSES, 2010). Sendo assim, as metáforas são uma questão de pensamento e, portanto, podemos considerar que os mapeamentos metafóricos não estão diretamente relacionados a uma língua específica.

Além disso, importantes estudos se desenvolveram a partir de partes do corpo, já que elas são altamente produtivas para a criação de metáforas e se relacionam com as experiências do corpo humano. Nesse quadro, esta pesquisa se dispôs a investigar a que domínios-alvo o domínio-fonte CORPO está relacionado. Para isso, estudamos os lexemas *boca, barriga, cabeça, mão, pé e perna*, do século XV até o século XX, a fim de demonstrar, a partir de expressões metafóricas ligadas a essas partes do corpo, quais os processamentos semânticos ligados a elas, e evidenciamos que, baseadas em condições cognitivas, as metáforas emergem em diferentes gêneros textuais, neste caso, na literatura e são convencionalizadas.

Para isso, descrevemos no segundo capítulo da pesquisa o referencial teórico que permitiu o desenvolvimento da pesquisa. No terceiro capítulo mostramos as hipóteses de trabalho, além da descrição da coleta das ocorrências dos lexemas *boca, barriga, cabeça, mão, pé e perna*, em português em textos de literatura do século XV ao século XX, por meio de um *corpus* eletrônico online. Empregamos diferentes gêneros literários, por meio da metodologia da Linguística de Corpus como recurso para pesquisas no campo da Teoria Conceptual da Metáfora, além de destacar quais os conceitos que foram empregados na descrição dos dados.

Seguimos para a descrição dos dados, no capítulo quatro, no qual verificamos as ocorrências literais e metafóricas dos lexemas estudados, além do mapeamento dos padrões que os envolve. Ainda, no capítulo quatro, averiguamos diacronicamente quais são as conceptualizações mais frequentes relacionadas aos termos. Finalmente, apuramos uma tendência reconhecida na Teoria Cognitiva da Metáfora (TCM), que a produção metafórica é convencionalizada.

Essa pesquisa configura-se como estudo onomasiológico, e de metodologia mista, portanto, apresenta dados quantitativos e qualitativos.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

*A natureza pode gritar não, mas o engenhoso humano - contrariamente ao que sustem Wendy e Popper- sempre é capaz de gritar mais alto. Com suficiente habilidade e com alguma sorte, qualquer teoria pode defender-se “progressivamente” durante um longo tempo, inclusive se é falsa.*  
(Lakatos, 1971:111)

### 2.1 Linguística Cognitiva

O termo *Linguística Cognitiva* é reconhecido pela comunidade acadêmica desde a publicação do livro *Syntactic Structures* (1957) de Noam Chomsky (FERRARI, 2011). Esse livro promoveu uma guinada cognitivista para os estudos da linguagem. A proposta chomskyiana rompe radicalmente com a teoria estruturalista<sup>1</sup> que a precedeu, na medida em que caracteriza a linguagem como uma capacidade inata da espécie humana e, por isso, todos os indivíduos são dotados de princípios universais o que se reflete no conceito da Gramática Universal (GU). A GU capacita os falantes para a linguagem e para reconhecer os parâmetros específicos das línguas naturais, sendo eles ajustados ao longo do processo de aprendizagem. A teoria estruturalista, desenvolvida a partir da publicação do livro *Cours de Linguistique Générale* (1916), a obra póstuma do fundador da linguística moderna, Ferdinand Saussure, propõe um entendimento da linguagem como um produto resultante de convenções adotadas pelo corpo social, que permite ao indivíduo exercer essa faculdade. Sendo assim, a língua seria um produto social guardado no cérebro de cada um.

Desse modo, apesar da forte influência dos princípios teórico-metodológicos do estruturalismo sobre as ciências humanas no começo do século XX, a linguística estruturalista não se apresentou como uma teoria exclusivamente linguística, mas expôs uma axiomática composta de diferentes noções lógicas que validavam diversas linhas de investigação da linguagem, tais como a Escola de Praga, a Glossemática de Hjelmslev, o Funcionalismo de Martinet e a Linguística Distribucional de Bloomfield (ILARI, 2005). Já o empreendimento gerativo se estabelece formalmente e reconhece a existência dos processos cognitivos, deslocando a questão da língua de uma totalidade de enunciados feitos por uma comunidade, para a necessidade de supor algo anterior a ela que capacita o falante para produzir enunciados. Dentro dessa teoria, a GU deve ser o objeto de estudo dos linguistas, que devem descrevê-la por meio de princípios lógicos.

Sendo assim, o programa chomskyiano aponta um modelo com operações matemáticas para as estruturas da gramática, no qual a mente passa a ser compreendida como um computador. Esse opera com representações simbólicas para criar infinitas construções

---

<sup>1</sup> O estruturalismo é uma proposta teórica para os estudos da linguagem, que considera a língua como uma estrutura, ou um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento.

sintáticas cada vez mais complexas. A língua, nessa teoria, é abordada como uma faculdade humana implícita que fornece um algoritmo permitindo que todos os seres humanos estejam aptos para adquirir a gramática de uma língua. Nesse quadro, a abordagem gerativa compreende a linguagem humana como modular, isto é, há um módulo responsável para cada parte que a compõe. Há o módulo sintático, o módulo lexical, o módulo morfológico e o módulo semântico, prevalecendo o módulo sintático sobre os outros. Todos esses módulos podem ser estudados de maneira autônoma e independente um do outro, havendo, contudo, pontos de interseção entre eles. Logo, se considerarmos a produção de uma sentença, o módulo sintático comanda o módulo lexical e o módulo fonológico, ativando-os para que a sentença seja criada e, a partir da sentença haverá um sentido de acordo com o módulo semântico (KENEDY, 2008).

No contexto gerativista, a semântica é compreendida como uma forma lógica que aciona o sentido dos símbolos sintáticos. Desse modo, considerando os símbolos como representações diretas das entidades do mundo, eles exprimem um sentido intrínseco. Portanto, a semântica gerativa se preocupa em verificar se os significados dos símbolos são falsos ou verdadeiros em relação a uma suposta realidade objetiva (FERRARI, 2011). Destarte, a teoria gerativista concebe a semântica, bem como todos os outros módulos, como dependente do módulo sintático, já que o significado é próprio das palavras e as sentenças contam com representações fixas (TENUTA, 2006).

Todavia, de acordo com Ferrari (2011), um grupo particular de estudiosos com passagem pela semântica gerativa, entre os quais se destacam George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier, percebeu que a linguagem não poderia ser compreendida como um ‘espelho da mente’, pois ela é como uma capacidade mediada pela cognição. Sendo assim, ela não reflete a realidade, ela a constrói a partir do mundo apreendido e experienciado. Portanto, o significado não pode ser encontrado na realidade, mas na interseção do ser humano lidando com o mundo apresentado. Como afirma Fauconnier (1997, apud FERREIRA, 2011:14), “A linguagem é a ponta do *iceberg* da construção invisível do significado”. Com isso, esse grupo se afasta da semântica gerativa para fundamentar o que hoje denominamos *Linguística Cognitiva*.

Logo, a Linguística Cognitiva, doravante (LC), se afasta da perspectiva modular da cognição adotada pelo gerativismo, que concebe os componentes da linguagem como separados em termos de organização interna e, portanto, não comparáveis. Para postular a não-modularidade da linguagem, a LC aceita que são os mesmos princípios gerais que atuam em todos os módulos classicamente estabelecidos na teoria gerativa e, além disso, admite que

esses princípios gerais são compatíveis com todos os conhecimentos disponíveis na mente humana, tais como o raciocínio matemático, a percepção, a memória etc. Conseqüentemente, essa área de conhecimento adota um ponto de vista integrador da linguagem.

Outro ponto que afasta a LC dos estudos objetivistas está relacionado ao objeto de interesse de cada uma dessas teorias. A linguística gerativa interessa-se pelo conhecimento da língua, isto é, por suas regras e seu funcionamento, ao passo que os estudos cognitivos buscam o conhecimento de mundo por meio da língua, já que é o uso da linguagem que confirma a existência da realidade como uma projeção da mente humana.

Contudo, o afastamento da LC da Linguística Gerativa não significou uma homogeneidade teórica, ao contrário, a LC é uma área do conhecimento que reúne diversas abordagens sobre a investigação da linguagem, mas que partilham os mesmos pressupostos sobre a linguagem como um fenômeno mental, embora mediado por outras capacidades humanas. Sendo assim, a LC concebe a linguagem como um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmático e como um sistema interdependente. Mais especificamente, ela se propõe a investigar a prototypicalidade, a polissemia sistemática, os modelos cognitivos, a imagética mental e a metáfora conceptual, além da interface entre a semântica e a sintaxe, a linguagem e o pensamento, e ainda questões referentes, tanto ao relativismo cultural, quanto aos universais conceptuais (FERRARI, 2011).

A posição epistemológica da LC é fundamentada na perspectiva experiencialista, que ressalta a experiência individual e coletiva, a mente ligada ao corpo e à ancoragem corporal, como as bases para a criação de conceitos. Nesse quadro, o corpo exerce uma função central, pois ele não apenas delimita a experiência, ele também estrutura conceitos. Johnson (1987) sustenta que conceitos como *contato*, *contêiner* e *equilíbrio* não são meras abstrações, mas conceptualizações prévias derivadas de experiências sensorio-perceptuais.

Apesar de se afastar da perspectiva racionalista, da Teoria Gerativa e das abordagens formais da semântica, a LC não recusa a existência de um mundo físico, objetivo e independente dos seres humanos tendo em vista que não é possível negar as leis naturais, como o fenômeno do reflexo da luz, por exemplo. Ela admite que o ser humano, devido à sua estrutura corporal, tem acesso limitado a essas leis, e por isso cria uma realidade particular em relação ao mundo (PUTNAM, 1981 apud LAKOFF, 1987). Essa realidade é mental e reflete uma projeção a partir da experiência: adota-se o conceito *realismo experiencialista*, que se estabelece a partir da configuração do nosso corpo. Por isso, a LC adota uma perspectiva não - modular, que procura encontrar, por meio do uso linguístico, os conteúdos interligados e atuantes na cognição humana. Desse modo, o contexto, compreendido como um evento

mental, imagético, sensorial e corpóreo, também influencia na capacidade humana de produção de conceitos. O contexto pode ser linguístico ou social e ambos influenciam na linguagem.

O contexto linguístico é constituído por três aspectos: a) o primeiro é o discurso precedente, algo que foi dito imediatamente antes daquilo que está em foco; b) o segundo é o ambiente linguístico, as expressões que ocorrem próximas do termo em foco; c) o terceiro é o gênero textual (CLARK, 1996 apud FERRARI, 2011). O contexto social reflete a relação social dos participantes e permite que os falantes criem estados mentais em relação à realidade física, às suas crenças e às suas intenções. Além disso, as representações mentais dos participantes também refletem os modelos culturais, e todas essas aceções para a criação de um contexto social estão relacionadas à memória permanente. A LC compreende a memória permanente como o local onde se aloja o ‘conhecimento enciclopédico’ como conhecimento de mundo e o ‘conhecimento de dicionário’. A definição de conhecimento enciclopédico nasce da oposição dele com o conhecimento de dicionário, portanto o conhecimento de dicionário é adotado por uma visão formalista da língua que busca estabelecer parâmetros linguísticos necessários para caracterizar o significado de uma palavra, ao passo que o conhecimento enciclopédico é caracterizado como extralingüístico. O lexema *criança*, por exemplo, significa um ser humano jovem, do sexo masculino ou feminino. Essa definição é parte do ‘conhecimento de dicionário’, porém, se esse substantivo for utilizado como adjetivo, o ‘conhecimento enciclopédico’ é acionado, referente às atitudes e qualidades de uma criança para que o adjetivo faça sentido. Consequentemente, a LC não faz uma separação rígida entre esses dois tipos de conhecimentos. Ela sustenta que ambos são relacionados na escolha das palavras. Além disso, a LC argumenta que é o conhecimento enciclopédico que permite a convencionalização dos significados das palavras no nível dicionarizado, pois ele é orientado pelo contexto para a produção de significado. Sendo assim, a LC compreende que o conhecimento enciclopédico não é apenas uma questão de intelecto, mas o local onde se aloja o sistema conceptual (LAKOFF & JOHNSON, 1980). Este, por sua vez, governa os pensamentos e as ações, desde as mais simples e cotidianas, até as mais complexas. O nosso sistema conceptual é formado por abstrações das estruturas que percebemos fisicamente, pela maneira como lidamos com o mundo e nos relacionamos com outras pessoas, e é a partir dele que definimos a realidade cotidiana.

## 2.2. Metáforas do cotidiano

Segundo Lakoff & Johnson (1980), o nosso sistema conceptual é estruturado por metáforas conceptuais, sendo elas mapeamentos de domínios mais concretos e experienciais para domínios mais abstratos. Então, um dos paradigmas da LC é referente aos processos de produção de metáforas e metonímias como instrumentos cognitivos da linguagem e não como figuras de linguagem.

Destarte, tradicionalmente, a metáfora era compreendida como figura de linguagem utilizada para a ornamentação do discurso e da qual os autores, escritores e artistas se valiam fora do seu sentido cotidiano. Assim, a metáfora era vista como uma expressão da linguagem e não do pensamento (LAKOFF, 2006). Contudo, desde o lançamento do livro *Metaphors We Live By* (LAKOFF & JOHNSON, 1980), a metáfora deixa de ser vista apenas como uma figura da retórica, passando a ser concebida como parte do nosso sistema conceitual, ou seja, parte do sistema orientador do pensamento. “Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica”<sup>2</sup> (LAKOFF; JOHNSON, 1980:3). Portanto, projetamos a nossa experiência por meio de domínios, e as metáforas conceptuais são concebidas pelos mapeamentos desses domínios.

Dentro dessa teoria, os principais conceitos são: a ‘metáfora conceptual’, a ‘expressão metafórica’, os conceitos de ‘domínio’, ‘mapeamentos’ e *entailment* (desdobramentos): A metáfora conceptual é uma maneira convencionalizada de mapear inconscientemente um domínio em termos de outro como no exemplo A VIDA É UMA VIAGEM. A expressão metafórica é a expressão linguística que manifesta a metáfora conceptual no nível da superfície linguística. Vejamos os exemplos:

Exemplo 1: A VIDA É UMA VIAGEM (metáfora conceptual)

a) No *caminho* da minha *vida*,... Sou o *piloto* da minha *viagem*<sup>3</sup>

b) “a personagem que toda a *vida caminha* ao nosso lado e nos impele para o mal.”<sup>4</sup>

c) Eu sei tudo... A *vida voa*,<sup>5</sup>

<sup>2</sup> “Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.” ( Tradução da autora da dissertação).

<sup>3</sup> Disponível em < <http://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=85829>> acessado em 10 nov. 2012.

<sup>4</sup> Disponível em < <http://www.linguateca.pt/ACDC/>> acessado em 10 nov. 2012.

<sup>5</sup> Disponível em < <http://www.linguateca.pt/ACDC/>> acessado em 10 nov. 2012.

O conceito do domínio refere-se à área do conhecimento humano. Como percebemos com os exemplos acima, as expressões metafóricas são criadas a partir de dois domínios; o domínio VIDA que é mais abstrato e o domínio VIAGEM que é mais concreto. O mapeamento são as relações feitas entre os domínios, isto é, se a vida é conceitualizada como uma viagem, a pessoa é vista como viajante, um piloto, um passageiro, o deslocamento pode ser terrestre, fluvial ou aéreo, a viagem pode ser tranqüila, atribulada, rápida, lenta, etc. O *entailment* (desdobramento) é a possibilidade de fazer tais inferências a partir de uma metáfora conceptual.

Segundo a primeira versão de Lakoff & Johnson (1980), há três tipos de metáforas: a) a metáfora estrutural, b) a metáfora orientacional e c) a metáfora ontológica. Na metáfora estrutural, os conceitos são compreendidos com base em outros que fornecem imagens mentais mais ricas junto às relações entre elas e que já fazem parte da percepção humana, em suma, experiências vividas pelos seres humanos com o seu corpo, com seu ambiente e com a sua cultura. Por exemplo, um debate pode ser conceptualizado pela metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, na qual o domínio abstrato da DISCUSSÃO ganha partes do domínio concreto GUERRA e permite que os falantes processem uma estrutura pela outra.

#### Exemplo 2: DISCUSSÃO É GUERRA

a) A ABL e a *defesa do indefensável*.<sup>6</sup>

b) Petrobras: Petistas *defendem* estatal e *atacam* críticas eleitoreiras do PSDB.<sup>7</sup>

Em seguida, a ‘metáfora orientacional’ pode ser definida com base nos nossos sentidos (visão, audição, olfato, etc.) e a partir da experiência espacial do nosso corpo como um referencial local:

#### Exemplo 3: O FUTURO ESTÁ NA FRENTE.

a) Ele pensa *à frente do* seu tempo.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Aldo Bizzocchi sobre a defesa de Evanildo Bechara da Reforma Ortográfica de 1990. Disponível em <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/blog-abizzocchi/a-abl-e-a-defesa-do-indefensavel-279425-1.asp>> acessado em 29 mai. 2013.

<sup>7</sup> Deputados defendem a estatal Petrobras das críticas dos opositores políticos. Disponível em <[http://www.pt.org.br/secretaria\\_noticias/view/petrobras\\_petistas\\_defendem\\_estatal\\_e\\_atacam\\_criticas\\_eleitoreir\\_as\\_do\\_psd\\_b](http://www.pt.org.br/secretaria_noticias/view/petrobras_petistas_defendem_estatal_e_atacam_criticas_eleitoreir_as_do_psd_b)> acessado em 29 mai. 2013.

<sup>8</sup> Disponível em <[http://www.pt.org.br/noticias/view/lula\\_sobre\\_patrus\\_ele\\_pensa\\_a\\_frente\\_do\\_seu\\_tempo](http://www.pt.org.br/noticias/view/lula_sobre_patrus_ele_pensa_a_frente_do_seu_tempo)> acessado em 10 nov.2012.

Exemplo 4: O PASSADO ESTÁ ATRÁS.

- a) Não se pode olhar *pra trás*, sem se aprender alguma coisa *pro futuro*.<sup>9</sup>
- b) É bom *olhar pra trás* e admirar a vida que soubemos fazer.<sup>10</sup>

Finalmente, a metáfora ontológica permite aos falantes estruturar conceitos abstratos em termos de objetos, substâncias e contêiner, oferecendo-lhes uma categoria de entidade.

Exemplo 5: ENTIDADE NÃO-FÍSICA É UM OBJETO

- a) O tempo *parou*.<sup>11</sup>
- b) O nosso amor *se quebrou, se quebrou, se quebrou..*<sup>12</sup>

A ‘personificação’ pode ser considerada como uma metáfora ontológica, pois nesse mapeamento, as qualidades humanas são dadas para entidades não-humanas, além disso, as metáforas de personificação são comuns na linguagem do dia a dia.

Exemplo 6: PERSONIFICAÇÃO

- a) A *luta* do bem contra o mal<sup>13</sup>
- b) A vida nos *prega* cada *peça!*<sup>14</sup>
- c) O vento *grita* como um louco.<sup>15</sup>

Portanto, como vimos nos exemplos acima, as metáforas não são apenas uma questão de palavras, mas uma relação de mapeamento sistemático entre domínios, que geralmente conceptualizamos de um domínio mais concreto para outro mais abstrato, com base nas nossas experiências cotidianas. Desse modo, e o domínio alvo (B) é compreendido pelo o domínio fonte (A), gerando a forma B → A. Nos termos de Lakoff & Johnson (1980), expressões linguísticas metafóricas são possíveis exatamente porque as projeções metafóricas

<sup>9</sup> L’avventura música da Legião Urbana Disponível em < <http://letras.mus.br/legiao-urbana/46942/>> acessado em 10 nov.2012..

<sup>10</sup> Dessa vez, musica de Nando Reis Disponível em < <http://letras.mus.br/nando-reis/47561/>> acessado em 10 nov.2012.

<sup>11</sup> O tempo parou, música de Cachorro Grande Disponível em < <http://letras.mus.br/cachorro-grande/1499612/>> acessado em 10 nov.2012

<sup>12</sup> Sonhos Perdidos, música de Bruno e Maronne Disponível em < <http://letras.mus.br/bruno-e-marrone/80699/>> acessado em 10 nov.2012.

<sup>13</sup> Disponível em < [http://www.aconscienciadivina.org.br/rs2009/mensagens/a\\_luta\\_do\\_bem\\_contra\\_o\\_mal.htm](http://www.aconscienciadivina.org.br/rs2009/mensagens/a_luta_do_bem_contra_o_mal.htm)> acessado em 10 nov.2012

<sup>14</sup> Disponível em < <http://www.personare.com.br/amor/historias-reais-de-amor/a-vida-nos-prega-cada-peca-t8043>> acessado em 10 nov.2012

<sup>15</sup> Disponível em < <http://poesiacronica.blogspot.com.br/2010/05/o-tempo-parou.html>> acessado em 10 nov.2012

fazem parte do sistema conceptual humano, e elas são projeções dos domínios armazenados na memória de longo prazo.

A metonímia também era definida tradicionalmente como uma palavra que designava uma determinada entidade contínua. Mais especificamente, foram analisadas aquelas que os retóricos denominavam como ‘sinédoque’, isto é, as palavras utilizadas para se referir a um todo. Nesse contexto, percebemos que a metonímia também é um caso de conceptualização, porém, ela é produzida em um processo conceptual distinto daquele da metáfora. Portanto, quando se diz: *O sanduíche de presunto está esperando a conta*<sup>16</sup> (LAKOFF&JOHNSON, 1980:36), o ‘sanduíche de presunto’ não adquire características humanas e, por conseguinte, não seria um caso de ‘personificação’. O que ocorre é o acesso a uma entidade via outra. Essa explicação é dada por Langacker, (1993 apud KÖVECSES & RADDEN, 1999) que concebe a metonímia como um ponto de referência, na qual uma entidade conceptual oferece o acesso à outra entidade conceptual, isto é, a entidade-alvo. No caso de *O sanduíche de presunto está esperando a conta*, o *sanduíche de presunto* é utilizado no lugar do *cliente* que o pediu. Destarte, percebemos que a metonímia, bem como a metáfora, não ocorre de maneira aleatória, mas de modo sistemático. Ela se diferencia da metáfora no que nos permite compreender um termo pelo outro, pois ela envolve mapeamentos entre dois domínios, enquanto a metonímia atua em um único domínio algo que pode ser destacado para acessarmos o domínio em questão. Logo, podemos denominar a conceptualização metonímica como um ‘veículo’, com o qual conceitos são ativados o que nos permite focalizar mais especificamente certos aspectos aos quais desejamos nos referir.

As metonímias do tipo PARTE PELO TODO ocorrem a partir das nossas experiências, por exemplo, quando utilizamos O PRODUTOR PELO PRODUTO, devido à relação de proximidade física que há entre ambas as entidades, ou quando utilizamos o LOCAL PELO EVENTO, baseada na nossa experiência física no evento. Em suma, a diferença entre metáfora e metonímia é que esta promove um enfoque específico em apenas um domínio, enquanto aquela envolve mapeamentos entre domínios.

Desse modo, na TCM, destacam-se alguns pontos importantes: Primeiramente, ela corrobora a linha de pensamento cognitiva na medida em que se contrapõe à lógica positivista do mundo e não afiança a ideia de verdades absolutas, já que as metáforas são resultantes das experiências físicas e culturais. Nessa teoria, a metáfora conceptual é um fenômeno cognitivo porque existe no pensamento e o acesso a ela é automático e inconsciente e somente por meio

---

<sup>16</sup> The ham sandwich is waiting for his check. ( No original)

de expressões metafóricas. As metáforas são convencionalizadas a ponto de serem confundidas com o senso comum, por isso o livro *Metáfora Wim Lei Boy* marca o início da TCM, na medida em que demonstra como ‘obedecemos’ às metáforas, que são concebidas em grande medida a partir da nossa experiência com o corpo humano e, também por influência da cultura. Por isso, elas estão tão arraigadas no nosso dia a dia que não temos mais consciência delas.

Assim, podemos destacar nove teses-chave desenvolvidas por Jäkel (2003 apud SCHRÖDER, 2004) que resumem as suposições básicas da TCM:

1	Ubiquidade	A metáfora não é uma exceção poética ou retórica
2	Domínio	Metáforas devem ser compreendidas conceitualmente, e tais conceitos são interligados via mapeamento
3	Modelo	Metáforas conceituais formam modelos cognitivos com as estruturas da organização do conhecimento. Elas são radicadas nas experiências corpóreas (‘realismo corporificado’)
4	Diacronia	Estudos sobre o desenvolvimento histórico de metáforas conceituais revelam mudanças de pensamento
5	Unidirecionalidade	O mapeamento ocorre do domínio-fonte para o domínio-alvo
6	Invariantes	Os esquemas que são transferidos de um domínio para outro não são modificados
7	Necessidade	A metáfora tem três funções básicas: compreensão, explicação e exploração do mundo social
8	Criatividade	A metáfora está aberta para inúmeros novos caminhos de pensamento
9	Focalização	A descrição da metáfora é parcial. Ela realça e encobre ao mesmo tempo, destacando certos aspectos do domínio-fonte e encobrindo outros

**Quadro 1 - 9 TESES-CHAVE DA TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA (SCHRÖDER, 2004:246)**

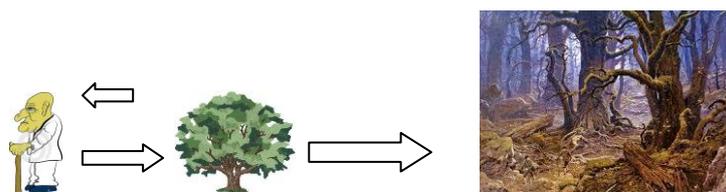
Portanto, como foi dito acima, a metáfora conceptual consiste no mapeamento entre domínios, sendo o domínio-fonte mais concreto e o domínio-alvo mais abstrato. Considerando esta proposta, Kövecses (2010) examina quais são os domínios- fonte e os domínios-alvo mais frequentes no processo de produção de metáforas. Na sua pesquisa, o autor utiliza dicionários de metáforas, listas das metáforas conceptuais, como a *Master Metaphor List*, e os estudos desenvolvidos por outros pesquisadores da TCM. Como domínio-fonte, os mais frequentes são o CORPO HUMANO, SAÚDE e DOENÇA, ANIMAIS, PLANTAS, PRÉDIOS e CONSTRUÇÕES, JOGOS e ESPORTES, DINHEIRO e TRANSAÇÕES ECONÔMICAS, COZINHA e COMIDA, CALOR e FRIO, LUZ e ESCURIDÃO, FORÇAS, MOVIMENTO e DIREÇÃO. Como domínio-alvo, os mais frequentes são EMOÇÕES, DESEJO, MORALIDADE, PENSAMENTO, SOCIEDADE/NAÇÃO, POLÍTICA, ECONOMIA, RELACIONAMENTOS HUMANOS, COMUNICAÇÃO, TEMPO, VIDA e MORTE, RELIGIÃO, EVENTOS e AÇÕES. A classificação estabelecida por Kövecses (2010) explica que o fato de a maior parte dos domínios-fonte serem concretos e que a maior parte dos domínios-alvo serem abstratos comprova a tese de direcionalidade proposta por Lakoff & Johnson (1980). Esse resultado evidencia como as metáforas conceptuais têm função de permitir que o ser humano explore os conceitos abstratos por meio de outro já vivenciado.

### **2.3 Antecipações da Teoria Conceptual da Metáfora**

Contudo, apesar do lançamento do *Metaphor we live by* ter marcado o nascimento da TCM, anteriormente, havia pesquisadores que fizeram antecipações acerca da existência da metáfora como parte do sistema conceptual e não apenas como figura da retórica. Dentre alguns estudiosos, vamos destacar Bühler (1934), com o livro *Sprachtheorie*, Blumenberg (1960), como o livro *Paradigmen zu einer Metaphorologie* e Weinrich (1963), com o livro *Semantik der kühnen Metapher* e outros ensaios sobre a metáfora.

Começaremos por Karl Bühler, psicólogo e linguista alemão, representante da Escola de Würzburg, que desenvolveu na sua principal obra, o *Sprachtheorie (Teoria da Linguagem)*, uma teoria dos signos, no qual o ‘campo dêitico’ se contrapõe ao ‘campo simbólico’, criando o sistema ‘eu-aqui-agora’ de tal forma que o contexto corpóreo do indivíduo serve de ponto de partida para a criação do significado. Dessa forma, o autor antecipa uma das mais importantes pressuposições da Linguística Cognitiva, ao postular que há um enraizamento corporal que contribui para a criação de significados. Além disso, é também nesse livro que

Karl Bühler dedica um capítulo à metáfora, o capítulo *Die sprachliche Metapher (A metáfora da linguagem)*. Nesse capítulo, o autor afirma “[...] parece que o discurso humano é tão feito de metáforas quanto a Floresta Negra é feita de árvores.”<sup>17</sup> (BÜHLER, 2010:391). Para chegar a essa conclusão, Bühler começa pela afirmação de Aristóteles; “[...] a metáfora é a transferência do nome de uma coisa para outra, do gênero para espécie ou da espécie para o gênero”<sup>18</sup> (ARISTÓTELES, apud BÜHLER, 2010:391). Contudo, para demonstrar que a metáfora não é um fenômeno excepcional da linguagem, Bühler apoia-se principalmente na tese de doutorado do psicólogo Wilhelm Stählin. Stählin desenvolveu em suas pesquisas um teste, na qual crianças deveriam explicar como elas compreendiam a expressão *der greise Wald (a floresta envelhecida)*. Para comentar a expressão, as crianças esclarecem quais as imagens que eram ativadas no momento em que elas descreviam a floresta. Stählin define as imagens evocadas pelas crianças como ‘esfera’ que, transportando para uma nomenclatura atual, pode-se definir como um sinônimo de domínio. Assim, partindo do adjetivo, as crianças relacionavam características de um homem velho com a árvore, misturando as esferas, árvore-homem. Logo, o adjetivo comum para descrever uma pessoa *greise* (‘cinza’, ‘acinzentado’, ‘envelhecido’) é combinado à esfera ‘árvore’. Desse modo, as características de homem velho foram salientadas na idéia de árvore velha. Stählin afirma que o conceito metafórico poderia ser aplicado tanto para a compreensão poética, quanto para descrever análises a partir da experiência (1913 apud SCHRÖDER, 2010)



**Figura 1: *Der greise Wald (a floresta envelhecida)***

Além disso, Bühler cita os conceitos Herman Paul (1909), explicando que a metáfora é um recurso para elucidar termos mais complexos. Destarte, ela cria expressões que acabam se

<sup>17</sup> “...it seems that human speech is made up of metaphors almost as the Black Forest is of trees.”

<sup>18</sup> “Metaphor consists in giving the thing a name that belongs to something else; the transference being either from genus to species, or from species to genus, or from species to species, or on grounds of analogy” (Tradução da autora da dissertação).

tornando parte da língua coerente, pois se faz presente, tanto na linguagem literária, quanto na linguagem coloquial.

Blumenberg (1967 apud SCHRÖDER, 2004), dentro de uma perspectiva cognitiva, afirma que a metáfora é o construto do mundo responsável por determinar o comportamento perante a realidade que não pode ser vivenciada inteiramente. Com a publicação dos livros *Paradigmen zu einer Metaphorologie* (1960) e *Beobachtung an Metaphern* (1971), o autor cria uma técnica denominada ‘metaforologia’. Essa técnica consiste em buscar expressões metafóricas retiradas de estudos filosóficos para demonstrar como ocorrem subestruturas e cristalizações sistemáticas, isto é, metáforas que correspondem ao modelo de pensamento vigente. Além disso, ele evidencia que as mudanças paradigmáticas de pensamento são representadas por novas subestruturas. A metáfora VERDADE NUA, por exemplo, alude ao *logicismo puro*, ao se referir à realidade à qual a ação do pensamento humano se orienta. Portanto, empregar VERDADE NUA seria o modo conceitual para alcançar o conceito de *logicismo puro* e, por isso, não haveria um termo técnico para essa ação (SCHRÖDER, 2008). Além disso, o autor se dispõe a averiguar diversos conceitos metafóricos. Primeiramente, Blumberg analisa que a concepção de TÉCNICA, nos estudos de Aristóteles, foi metaforizada em termos de ORGANISMO, por outro lado, a perspectiva do RELÓGIO foi utilizada por Descartes (1663) para descrever o modelo de mundo, onde tudo *funciona* automaticamente sem intervenções transcendentais. Dentre as metáforas exploradas por Blumenberg (1967 apud SCHRÖDER, 2008), destacam-se a VERDADE como LUZ, o MUNDO como RELÓGIO, BARCO, TEATRO, DOCUMENTOS como FONTE, e, finalmente, TEMPO como ESPAÇO, referindo-se à base fisiológica do sistema de orientação do cérebro humano.

Além disso, Blumenberg (1967) cria o conceito de ‘pano de fundo metafórico’ (*Hintergrundmetaphorik*), que consiste em fornecer uma imagem subjacente de orientação básica. Assim, a metáfora é vista como um pano de fundo não representado linguisticamente, mas que se submete ao contexto para ser conduzido por meio da imaginação. Segundo Jäkel (2003 apud SCHRÖDER, 2008), na concepção de metáfora de Blumenberg vislumbram quatro das nove teses básicas da metáfora. Verifica-se, portanto: (1) a existência de metáforas é conceptual; (2) as metáforas conceptuais formam modelos cognitivos com estruturas da organização do conhecimento; (3) os estudos sobre o desenvolvimento histórico da metáfora revelam mudanças de pensamento; (4) a metáfora é aberta para novos caminhos do pensamento.

Finalmente, Weinrich, (1976 apud SCHRÖDER, 2008), dentro da tradição humboldiana, concebe a língua como uma força ativa e cujas formas internas refletem uma

visão do mundo específica. O autor traz em seus estudos uma aproximação ainda maior do que Blumenberg (1967) ao pensamento de Lakoff & Johnson (1980). A partir de ensaios que deram origem ao livro *Sprache in Texten* (1976), Weinrich estabelece a Teoria do Campo de Imagem (*Bildfeldtheorie*), que pressupõe a existência de um estoque de campos de imagem em todas as comunidades de fala, sendo ele composto pelos modelos gramaticais e culturais ativados. Sendo assim, o campo de imagem é criado na inter-relação entre o campo lexical e o campo semântico. O autor fornece pistas daquilo que mais tarde ficou denominado como domínio fonte nos termos de Lakoff & Johnson (1980), porém Weinrich (1976) chama de ‘imagem doador’, formada de termos mais concretos, e de ‘imagem recebedor’ como características mais abstratas. Para o autor, as metáforas não espelham a realidade preconcebida, mas permitem que os falantes criem, por meio de analogias, instrumentos de interpretação da realidade. Weinrich (1976, apud SCHRÖDER, 2008) também sistematiza algumas metáforas conceptuais, tais como: O BARCO DO ESTADO, a GUERRA DO AMOR, a LUZ DA RAZÃO, observando que há uma preferência na escolha dos campos doadores mais concretos como PLANTA, CONSTRUÇÃO e TECIDO. Nessa teoria, o ponto que mais se aproxima daquela de Lakoff & Johnson (1980) se refere ao fato de que as metáforas não devem ser estudadas isoladamente, elas devem ser compreendidas como pertencentes a um campo de sentido inteiro.

Dito isso, percebemos que os fundadores da TCM podem ter recebido influências de alguns teóricos que já relacionavam o uso das metáforas a um recurso de estruturação do pensamento e não apenas com um recurso da linguagem. Portanto, ao contrário do que se pode pensar, a publicação do *Metaphors We Live By* não rompeu radicalmente com a visão clássica da metáfora, na verdade, a publicação de Lakoff & Johnson (1980) demonstra uma continuidade de estudos sobre a metáfora cognitiva. Contudo, não podemos esquecer-nos da vasta contribuição deles, ao ilustrarem como a vida cotidiana é regida por conceitos metafóricos.

#### **2.4 As críticas à primeira fase da Teoria Conceptual da Metáfora**

Apesar de muitos terem tomado a publicação do *Metaphors We Live By* como ‘ensaio revolucionário’ (NUSSEL, 1990, apud SCHRÖDER, 2011), pois ela marca a orientação das pesquisas sobre a metáfora sob o paradigma da cognição, houve críticas que buscavam acrescentar novas reflexões sobre elas. Em particular destacamos o artigo *Trinta Anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma Retrospectiva Crítica*, de Schröder (2011), já que nesse

artigo, a autora aponta as principais críticas relacionadas aos aspectos não abordados na abordagem de Lakoff & Johnson.

A primeira crítica está relacionada à suposta originalidade do primeiro momento da TCM, já que algumas ideias da obra podem ser encontradas nas correntes filosóficas, antropológicas, psicológicas e linguísticas, e, como descrito no item três (três) deste trabalho, já havia outros teóricos que antecipavam o que hoje denominamos ‘metáfora conceptual’. Assim, autores como Stählin (1913), Bühler (1934), Blumenberg (1960) e Weinrich (1971) sugeriam a existência da metáfora como parte do sistema conceptual. Além disso, destacam-se os dois últimos autores, pois ambos desenvolveram obras e no caso de Weinrich, ensaios completos sobre o tema. Assim, Schröder (2011) propõe que a TCM pode ser vista como uma continuidade histórica de abordagens filosóficas, antropológicas e linguísticas.

Linz (2002 apud SCHRÖDER 2011) aponta a falta de consistência por parte dos autores em relação a alguns dos termos desenvolvidos. Os dois conceitos ‘esquemas imagéticos’ e ‘modelos cognitivos idealizados’ não parecem ser claramente explicados a ponto de não permitir nos fazer compreender se eles são inatos ou adquiridos pelo sistema conceptual.

Houve discussões decorrentes da falta de uma proposta de classificação das metáforas segundo o seu grau de complexidade. Christa Baldauf (1997) faz uma releitura da teoria de Lakoff & Johnson (1980) e, com isso, apresenta uma nova categoria, a ‘Attributionsmetapher’ (‘metáforas de atribuição’). Nas metáforas de atribuição, percebemos a projeção de sentidos humanos como base de criação desse tipo de metáfora. Assim, Baldauf (1997) classifica as metáforas em quatro grupos: a) ‘Attributionsmethapher’ (‘metáforas de atribuição’), b) ‘Ontologische Metapher’ (‘metáforas ontológicas’), c) ‘Bildschematische Metapher’ (‘metáforas orientacionais’) e d) ‘Konstellationsmetaphern’ (‘metáforas de constelação’). Ademais, a autora apresenta suas categorias a partir de uma escala das quatro classificações que vai da mais simples até a mais complexa. Desse modo, dentro da Konstellationsmetapher, as relações são mais complexas entre o domínio-fonte e o domínio-alvo. Em oposição a isso, Lakoff & Johnson (1980) apresentaram três tipos de metáforas conceptuais sem interligá-las e classificá-las. Contudo, o próprio Lakoff (2006), mais tarde, percebe esse problema, e reclassifica as metáforas em tais com *complex propositional structure* e tais com *topological structure of image schemas*.

Outra crítica assinalada sobre teoria de Lakoff & Johnson foi feita por Jäkel (2003, apud SCHRÖDER, 2011), na qual o pesquisador observa a Tese de Unidirecionalidade. Com base na afirmação que o mapeamento ocorra do domínio-fonte concreto para o domínio-alvo,

Jäkel desenvolve um experimento empírico a fim de comprovar se as metáforas são realmente mapeadas do domínio concreto para o domínio abstrato. O experimento consistia em apresentar expressões metafóricas compostas por metáforas conceptuais inventadas para alguns sujeitos que deveriam classificá-las quanto ao grau de dificuldade apresentado para entendê-las. O experimento foi feito por meio de fichas com as metáforas, nas quais pessoas deveriam ler e classificá-las. O resultado alcançado demonstra que há mais naturalidade em compreender expressões resultantes de mapeamentos do domínio-fonte para o domínio-alvo. Contudo, expressões que demonstram mapeados do domínio abstrato para o domínio concreto também são compreensíveis. Logo, a Tese da Unidirecionalidade não pode ser compreendida como um princípio absoluto.

Contudo, uma das críticas mais contundentes à primeira fase da TCM recaiu sobre a metodologia utilizada para encontrar as expressões linguísticas que implicam a existência das metáforas conceptuais. Essas críticas provêm principalmente dos representantes da Linguística de Corpus, que, baseados em buscas em *corpora* eletrônicos reais, conseguiram demonstrar que alguns exemplos utilizados por Lakoff & Johnson (1980) eram bastante artificiais para comprovarem a existência de determinadas metáforas conceptuais. Sardinha (2007), ao fazer uma busca na internet por algumas das expressões escolhidas no *Metaphor We Live By*, comprova que a criação de exemplos pode não confirmar a autenticidade de algumas metáforas conceptuais. Testando a expressão ‘your claims are *indefensible*’ (seus argumentos são *indefensáveis*), referente à metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, o autor demonstrou que esta ocorreu 220 vezes na internet. Entretanto, do total das ocorrências, 207, isto é 94% delas, eram referentes ao livro de Lakoff & Johnson (1980), portanto a expressão soa artificial, pois quantitativamente ela parece não fazer parte do estoque comum dos falantes para expressar a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA.

Além disso, estudos desenvolvidos por Deignan (2005) com base no *Bank of English Corpus* conseguiram detectar que o uso concreto das metáforas conceptuais é mais dinâmico e mais específico. Observando SISTEMAS ABSTRATOS COMPLEXOS SÃO PLANTAS (DEIGNAN 2005), a autora demonstra que nem todas as expressões de um determinado domínio fonte são utilizadas de maneira uniforme para o mesmo domínio alvo. Desse modo, uma *empresa* ou um *negócio* pode *florescer* (metaforicamente), mas nunca *murchar*. Finalmente, em outro estudo de corpus, Semino (2008, apud SCHRÖDER, 2011:61) analisou 139 linhas de concordância sobre o termo *rich* (*rico*) e demonstrou que a inferência de UMA VIDA DE OBJETIVOS É NEGÓCIO, encontrada na expressão: *Ele teve uma vida rica*, está mais relacionada à abundância e multiplicidade do que ao negócio.

Críticas relacionadas a pontos que não foram abordados na primeira fase da TCM consistem principalmente na falta de exemplos em outras línguas diferentes do inglês, já que os autores proclamam, com base em expressões em inglês, a universalidade de certos conceitos metafóricos. Além disso, havia uma lacuna em relação à função comunicativa da metáfora, o que acaba se tornando uma contradição, já que se, de um lado, a metáfora é estruturadora pela linguagem, há condições cognitivas- conceptuais motivadoras para isso, por outro lado, algumas das condições motivadoras para a produção das metáforas são emergentes por meio da comunicação, de sorte que algumas metáforas chegam a ser convencionalizadas.

Contudo, se em primeiro momento a TCM se fixou em um nível cognitivo para explicar os conceitos linguísticos que ‘habitam as mentes’ de sujeitos, presentemente, observa-se um crescente interesse em estudos que focalizam a dinamização da metáfora como um processo *online*. Os estudos da Mesclagem, desenvolvidos por Fauconnier e Turner (2002, 2006), representam essa linha. Além disso, estudos voltados para a análise da metáfora na língua em uso (CAMERON, 2007; SEMINO, 2008; PONTEROTTO, 2003; apud SCHRÖDER, 2007) demonstram o valor performativo da metáfora. Ainda dentro desse cenário, percebemos o crescente interesse em pesquisas empíricas capazes de demonstrar que a dinamicidade dos padrões linguísticos influencia a cognição. Por isso, utilizar *corpora* para estudos da metáfora não é apenas um caso para demonstrar padrões superficiais da língua, é acima de tudo esclarecer como esses padrões externos são empregados na língua em uso, ao invés de pressupor o que seria possível na língua. Falaremos agora sobre a Linguística de Corpus e o seu uso nos estudos da TCM.

## 2.5 Linguística de Corpus

A antiga falta de autenticidade das expressões linguísticas utilizadas para comprovar a TCM forçaram alguns pesquisadores a buscarem métodos fortemente verificáveis para desenvolver mais estudos sobre a metáfora conceptual. Portanto, os estudos baseados em *corpus* podem oferecer uma metodologia confiável para a análise das metáforas conceptuais em dados linguísticos. Os estudos linguísticos baseados em *corpus* vêm se desenvolvendo como um das mais fortes paradigmas metodológicos de estudos empíricos, haja vista que essa metodologia vem sendo aplicada em diferentes pesquisas linguísticas que privilegiam a estrutura da língua em uso. Contudo, apesar da forte projeção da Linguística de *Corpus* para os estudos da língua em uso, nos últimos 15 anos, estudos cognitivos da metáfora baseados

em *corpus* ainda se encontram em uma fase inicial, demonstrando que ainda há um amplo espaço para a exploração dessa relação, como sugere Stefanowitsch (2006: 1):

O campo de pesquisa da metáfora e da metonímia, que recebeu um grande impulso da teoria dos mapeamentos conceituais (Lakoff and Johnson 1980, cf. also Lakoff 1987, Johnson 1987, Lakoff and Turner 1989, Lakoff 1993), está ficando um pouco atrás em relação a essa tendência [Linguística de Corpus], mas recentemente alguns pesquisadores começaram a remediar essa situação, enfatizando em suas análises metodológicas o uso de dados autênticos e a verificação empírica de umas afirmações desse campo teórico<sup>19</sup>

Segundo Semino (2006), nas últimas décadas, os estudos da metáfora conceptual almejam encontrar a relação entre a linguagem e o pensamento por meio de padrões lingüísticos das expressões metafóricas, por isso estudos baseados em *corpus* podem oferecer uma base de dados confiável para a análise das metáforas conceptuais em dados lingüísticos. Além disso, estudos desenvolvidos por Deignan, Stefanowitsch e Gibbs (apud LOW et al., 2010) argumentam a favor do uso de dados autênticos nas pesquisas da metáfora conceptual para que ela possa ser definida como empírica e experiencialista. A metodologia empírica é definida como o tratamento fatural da realidade, por meio da reunião e análise de dados, sendo experiencialismo a experiência empírica do mundo.

A Linguística de *Corpus* consiste na organização de textos naturais, escritos ou falados com uma determinada função e de modo que eles possam ser lidos por um programa eletrônico de concordância (também chamado de ‘concordanciador’). A disposição dos textos cria um banco de dados funcional, que permite a um analista estudar variadas questões sobre a língua. No caso dos estudos cognitivos, Koller (2006:254) ressalta a importância de pesquisas, com a ajuda computacional, sobre o uso metáfora.

[...] pesquisas da metáfora podem e de fato devem fazer uso de tudo que o *computer-aided* tem a oferecer. Combinar o social e o cognitivo de forma interdisciplinar é a melhor maneira de observar dados em larga escala e, para esse fim, a análise de corpus é um meio promissor cada vez mais importante<sup>20</sup>

<sup>19</sup> The field of metaphor and metonymy research, which has received a huge impetus by the emergence of the theory of conceptual mappings (LAKOFF; JOHNSON, 1980; cf. also LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF, TURNER, 1989; LAKOFF, 1993), is lagging slightly behind with respect to this trend, but recently, a number of researchers have begun to remedy this intuition by laying the methodological foundations for a strong emphasis on authentic data and the empirical verification of many of the fascinating theoretical claims in the field. (Tradução da autora da dissertação).

<sup>20</sup> “...metaphor researchers can, and indeed should, make the best of what computer-aided analysis has to offer. Combining the social and the cognitive in an interdisciplinary fashion is best done by looking at data on a large scale, and corpus analysis is a promising means to this increasingly important end” (Tradução da autora da dissertação)

O uso da metodologia da Linguística de Corpus para a análise de textos naturais pode parecer uma simples utilização de textos, no entanto há alguns pressupostos que permeiam os estudos baseados em *corpus* (GRIES 2006:4) que proporcionam uma alta confiabilidade metodológica nos estudos da metáfora.

	Análises baseadas em <i>corpus</i> de língua natural são manuseáveis com ajuda do computador de modo que os padrões linguísticos possam ser recuperados
	A criação de um <i>corpus</i> visa ser equilibrada ou representativa nos quesitos de modo, de registro e de variação para determinados estudos
	As análises são sistemáticas e exaustivas, o que significa dizer que o <i>corpus</i> não é apenas um conjunto de dados que serve de exemplos. Todo o <i>corpus</i> deve ser levado em consideração no momento da análise dos dados
	A análise dos dados visa mais do que apenas contabilizar um fenômeno ou uma categoria, tende, por outro lado, a avaliar estatisticamente (a partir da frequência, das porcentagens e das probabilidades) e a demonstrar o que é possível/ gramatical e o que não é
	A análise procede com base em listas de frequência (palavras, morfemas, padrões gramaticais), em linhas de concordância, nas quais os lexemas estudados são demonstrados em contexto natural, junto de outros lexemas o que avizinham

**Quadro 2 - PRESSUPOSTOS GERAIS PARA ESTUDOS BASEADOS EM *CORPUS* (GRIES, & STEFANOWITSCH 2006:4)**

Além disso, as técnicas de pesquisa utilizadas na Linguística de Corpus podem demonstrar fatos que de outro modo permaneceriam ainda escondidas. Em trabalhos desenvolvidos por pesquisadores da cognição (GIBBS, 1994; LAKOFF, 1987 apud DEIGAN, 2005), a temperatura é uma metáfora comum para falar dos sentimentos e a raiva é metaforizada em termos de um líquido quente em um container. Logo, RAIVA É UM LIQUIDO FERVENDO EM UM CONTAINER é a metáfora conceptual que permeia expressões como

## Exemplo 7

a) Para não *explodir (de raiva)*<sup>21</sup>

b) O *caldo* vai *entornar* (pode ser acompanhado de um gesto com a mão na posição horizontal acima da cabeça).<sup>22</sup>

Entretanto, a pesquisa de Chartis-Black (2004 apud DEIGNAN, 2005:280), baseada em *corpus* da metáfora conceitual RAIVA É UM LIQUIDO FERVENDO EM UM CONTAINER, demonstrou a metáfora ser mais freqüente para expressar a raiva coletivamente, isto é, em termos de um grupo de pessoas, do que para falar da raiva individualmente.

Portanto, considerar o uso de *corpus* na TCM pode contribuir para estudos da língua em uso, e representar aquilo que realmente se fala/escreve ao invés de estudar o que se acha que se fala/escreve. Esse fato corrobora a visão da metáfora conceptual como inconsciente ao falante, mas verificável por meio dos mapeamentos conceptuais nas expressões metafóricas. Além disso, os dados de um *corpus* podem comprovar que as metáforas não são influenciadas apenas pela cognição, mas também são social e ideologicamente desenvolvidas. Charteris-Black (2004, apud DEIGNAN 2005) afirma que ideologias influenciam a língua em uso e criam expressões metafóricas que as representam. Desse modo, podemos perceber que a metáfora é também um fenômeno social e textual.

Assim, visando demonstrar como a metáfora é influenciada pela cultura, Tissari (2010) analisa diacronicamente as metáforas conceptuais AMOR É UM LIQUIDO QUENTE EM UM CONTAINER e AMOR É UMA MERCADORIA DE TROCA. Para isso, a autora analisa dois *corpora* correspondentes ao inglês moderno e ao inglês atual, pesquisando o lexema *love* (substantivo e verbo, além de outras palavras derivadas de ambos), comprovando, de maneira geral, a existência das metáforas conceptuais nas duas épocas. Contudo, apesar de resultados semelhantes em ambos os *corpora*, a autora adicionou o termo *responsability* (*responsabilidade*) ao lexema *love* e descobriu que a mesma metáfora conceptual pode ter uma avaliação positiva ou negativa, pois em dados do inglês moderno a metáfora O AMOR É UMA MOEDA DE TROCA enfatiza o valor do amor, enquanto no inglês contemporâneo

<sup>21</sup> Disponível em <<http://www.revistamelhor.com.br/textos/270/artigo223757-1.asp>> acessado em 29 mai.2013

<sup>22</sup> Disponível em <<http://angelorigon.com.br/2010/09/30/o-caldo-vai-entornar/>> acessado em 29 mai.2013

essa metáfora serve para criticar aqueles que usam o amor como um bem econômico que pode ser barganhado pelo poder.

Conseqüentemente, percebemos que o uso de expressões que representam determinadas conceptualizações pode mudar sincronicamente, gerando alterações diacrônicas. Ademais, estudos diacrônicos da metáfora podem demonstrar como a metáfora permite o acesso a novos objetos de análise, especialmente sobre concepções imaginativas e com alto grau de abstração (LASS, 2000).

Segundo Tissari (2010), uma análise diacrônica baseada em *corpus* poderá traçar o processo das mudanças em diferentes estágios da língua. Desse modo, podemos pensar sobre quais eventos sociais/históricos podem de algum modo ter influenciado e determinado a mudança de usos e sentidos dos itens lexicais escolhidos. Paralelamente, com a ajuda de uma base de dados eletrônicos, podemos considerar a necessidade de estudos empíricos que sejam capazes de verificar, ao mesmo tempo, a estrutura da língua e o seu uso, como fizeram Deignan & Potter (2003).

Estudos diacrônicos baseados em *corpus* são particularmente apropriados para estudar diferentes aspectos da mudança linguística, primeiro porque o tamanho do *corpus* já está predefinido, pois não haverá novos textos criados (salvo as exceções de textos que ainda não foram descobertas) e, em segundo, porque o acesso do analista a uma quantidade considerável de textos antigos permite que ele faça julgamentos precisos sobre as mudanças funcionais de uma língua.

### 3. METODOLOGIA

Este capítulo visa descrever as hipóteses e a metodologia que guiaram esta pesquisa. Portanto, este capítulo tem a função de demarcar as hipóteses e definir na metodologia os conceitos que serão necessários para a descrição dos dados no capítulo posterior. Conseqüentemente, ele começa com as hipóteses para, finalmente, terminar explanando sobre a metodologia da pesquisa.

#### 3.1 Hipóteses de trabalho

As hipóteses apresentadas nesse item guiam o leitor para análise a ser feita na presente pesquisa. São elas:

a) **Hipótese 1: Os lexemas ligados ao corpo humano tendem do literal para metafórico ao longo dos séculos.** Considera-se que os significados de *boca, barriga, cabeça, mão, pé e perna* são bem definidos, pois, por meio da experiência do nosso próprio corpo, compreendemos seus significados e percebemos que deles emergem expressões em que o sentido concreto é mapeado para o uso metafórico. Logo, o exame do contexto de uso dos lexemas ligados ao domínio-fonte CORPO permitirá verificar o surgimento de expressões baseadas neles e poderemos apurar se essas expressões ocorrem mais frequentemente como literais e passam a apresentar o sentido metafórico ao longo dos séculos XV, XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. Logo, a partir da existência de inúmeros estudos da TCM que sugerem o domínio do CORPO como um dos domínios centrais para a criação de metáforas (LAKOFF & JOHNSON, 1980; SWEESTER, 1990; GOOSSENS, 1990 entre outros), buscamos, inspirados pela pesquisa de Deignan & Potter (2003), desenvolver essa pesquisa também a partir do domínio CORPO. Portanto, tendo visto o estudo de Deignan & Potter (2003) que, apoiado pela TCM, foi desenvolvido sob a metodologia da Linguística de *Corpus*, as autoras descrevem como os lexemas relacionados a partes do corpo *nariz, boca, olho e coração* se apresentam em um *corpus* em inglês e em italiano. Nesse estudo, as autoras analisam os padrões gramaticais dos lexemas para demonstrar quais são suas características literais e quais são suas características quando são metafóricos. Sendo assim, percebemos que os padrões de suas ocorrências oferecem uma indicação do significado. Destarte, acreditamos que o significado pode ser o resultado de processos flexíveis, como declara Soares da Silva (2010:359).

O significado não é estático, mas dinâmico, não é dado, mas construído no conhecimento enciclopédico e configurado em feixes de conhecimento ou domínios, não é platônico, mas *corporizado* (*embodied*) nas necessidades, nos interesses e nas experiências dos indivíduos e das culturas.

Ademais, considerando que metáforas do domínio CORPO são esperadas em todas as línguas naturais (SWEESTER, 1990, apud DEIGNAN & POTTER, 2004:1232), estudos em língua portuguesa de expressões derivadas desse domínio podem enriquecer as pesquisas da TCM.

**b) Hipótese 2: Metáforas conceptuais ilustram o pano de fundo histórico dos períodos em que são utilizadas.** Em um estudo desenvolvido por Tissari (2010), a autora propõe uma pesquisa baseada em *corpus* do verbo *amar* e do substantivo *amor*, ambos em inglês ocorrem como *love*. Para isso, a autora utiliza *corpora* eletrônicos que variam do inglês moderno do século XV até o século XVIII e do inglês contemporâneo. Em uma primeira análise, a autora chega à conclusão que o verbo *amar* e o substantivo *amor* em ambos os *corpora* se relacionavam a O AMOR É UMA VALIOSA MERCADORIA DE TROCA (ECONÔMICA) e O AMOR É UM LIQUÍDO QUENTE EM UM CONTÊINER, apesar da diferença genuína em ambos os *corpora*, as metáforas conceptuais principais se mantinham a mesma. Sendo assim, perguntou-se o que havia neles que os diferenciava. Logo, a autora refez parte das buscas redigitando expressões que se relacionavam com a ideia de RESPONSABILIDADE conectada com *amor* e *amar*, o que a levou para um novo resultado. A autora encontrou exemplos que ilustravam importantes paradigmas sobre os períodos em questão, assim as diferentes épocas concebidas pelos diferentes *corpora* apresentam diferentes valores morais. Dessa forma, a autora concluiu, entre outros, que enquanto no primeiro *corpus* o *amor* era compreendido como um comportamento baseado na ‘obrigação’, no segundo *corpus* o *amor* era compreendido como um ‘direito’. Portanto, com a inclusão de expressões relacionadas à RESPONSABILIDADE, a autora demonstra que as diferenças morais associadas ao *amor* podem representar diferenças paradigmáticas das diferentes épocas.

**c) Hipótese 3: Eventos sociais podem convencionalizar o uso metafórico.** Beckmann (2001) declara que fazer afirmações consistentes sobre a origem de uma metáfora não é uma tarefa fácil, já que, de modo geral, a primeira utilização de uma expressão metafórica não tem um papel tão decisivo quanto à ‘habitualização’ e a ‘convencionalização’ dela. Sendo assim, a autora busca sistematizar todo o processo de formação de uma metáfora, partindo de um primeiro uso atestado até a sua ‘convencionalização’. Primeiramente, ela denomina ‘habitualização’ como a repetição de uma atividade linguística, que se torna um

modelo social ou individual, consolidado ao ponto dos falantes não precisarem fazer esforços cognitivos para compreendê-la. O uso repetitivo dessa atividade linguística a torna típica. Logo, a ‘tipicalização’ existe quando em uma situação social frequente ela é preestabelecida, por isso, na ocasião comunicativa em que ela é empregada, duas pessoas pressupõem o mesmo sentido. Sendo assim, constantes e determinadas ações linguísticas para determinadas situações garantem a convencionalização do uso. Para ilustrar esse processo, a autora descreve como o composto em alemão *Datenautobahn*<sup>23</sup> é formado e convencionalizado na língua.

A origem do termo é atestada em uma entrevista feita com Bill Gates, fundador da companhia Microsoft, pela revista DER SPIEGEL<sup>24</sup> em maio de 1993, quando o entrevistado utiliza da expressão *Information Highway*<sup>25</sup> e a revista a traduz como *Datenautobahn*. Em outro momento, Al Gore, vice-presidente americano, que pede exoneração do cargo em 1993, ao se referir à política nacional de infraestrutura da informação, utiliza no discurso o conceito de *Information Highway* e novamente a tradução empregada é *Datenautobahn*. Segundo a autora, *Information Highway* é completamente compreensível na sociedade americana, pois a expressão se apoia em um dos maiores mitos do país, a rota 66. A rota 66 faz parte de um conjunto de rodovias famosas nos Estados Unidos por interligar o país. Logo, quando Bill Gates e Al Gore utilizam a expressão, eles destacam a ideia de ligação, já que as linhas de impulsos eletrônicos são processadas analogicamente pelo conceito de ligação de *highway*.

Por outro lado, a tradução para o alemão de *Information Highway* para *Datenautobahn* se assenta no conceito de *Autobahn* (rodovias) como vias de acesso rápido, vias por onde se pode transitar sob alta velocidade, além disso, o conceito de *Autobahn* (rodovia) oferece uma estrutura concreta sobre tipo de rua, apresenta a ideia de direção, implica um começo e fim de percurso, e a possibilidade de diferentes direções. Alguns desses conceitos relacionados à *Autobahn* são transportados para o conceito de acesso às linhas de impulsos eletrônicos. Sendo assim, no composto *Datenautobahn*, podemos verificar que a primeira parte do composto *Daten* (dados) é processada em analogia a ‘veículos’. Por conseguinte, no composto *Datenautobahn* encontramos informações diferentes daquelas concebidas em *Information Highway*. Podemos considerar que mesmo na tradução de um termo há fatores sociais que ancoram o sentido, pois, no caso de *Datenautobahn*, o conceito destaca aspectos

---

<sup>23</sup> Vias de dados. (Tradução da autora da dissertação).

<sup>24</sup> DER SPIEGEL Nr.20,15.05.1993 paginas 272-284 apud BECKMANN, 2001:148.

<sup>25</sup> Vias de dados. (Tradução da autora da dissertação).

pertinentes à sociedade alemã. Além disso, a expressão representa uma novidade tecnológica que precisa ser conceptualizada, pois faz parte da sociedade que a emprega, criando, assim, uma necessidade comunicativa dos falantes e modificando ao mesmo tempo a forma de viver deles. Portanto, percebemos que as inovações tecnológicas intervêm fortemente na sociedade, pois elas modificam categorias centrais da comunicação, tais como ‘contexto’ e ‘situação’. Pode-se concluir que a produção de uma nova terminologia corresponde à necessidade de se falar sobre uma nova realidade (BECKMANN, 2001).

### **3.2. Dados e corpora**

#### *3.2.1 O corpus*

O levantamento dos dados empíricos deste estudo foi realizado com base no *corpus* do *Vercial*, localizado no *Linguateca*<sup>26</sup>. O *Linguateca* é um centro de recurso de dados computacionais da língua portuguesa, que tem como objetivo geral servir à comunidade que se dedica ao estudo do português. Assim como todos os outros bancos de dados, o *corpus Vercial* é gratuito e se diferencia em conteúdo, pois é formado por clássicos da literatura portuguesa, do século XV ao XX, composto por 309 obras literárias de 55 autores portugueses, totalizando 20,6 milhões de unidades lexicais.

Considerando que a primeira hipótese deste trabalho é descobrir se os lexemas relacionados ao domínio CORPO tendem do literal para o metafórico ao longo dos séculos, decidimos utilizar o *corpus Vercial*, pela abrangência em relação à faixa de tempo que ele recobre e também pela representatividade histórica que os textos de literatura podem oferecer sobre paradigmas sociais, já que os textos perpassam o fim da Idade Média até o Modernismo, passando pelo Renascimento, Barroco, Neoclassicismo, Romantismo e Realismo. Além disso, o *corpus* usado pode ser considerado como representativo da língua escrita em uso, pois ele é formado por diferentes tipos de textos, tais como poesias, prosas e cartas.

---

<sup>26</sup> Disponível em < <http://www.linguateca.pt/> > Acesso em 24 jan. 2013.

**Linguatca**

**Projecto AC/DC: corpo Vercial**

AC/DC - Linguatca

O corpo Vercial contém 404 obras literárias de 55 autores portugueses, digitalizadas pelo projecto Vercial, cujas datas de publicação variam desde 1506 (*Carta a Filipe I* de Dom Manuel Sobrinho) até ao *Alfama* de Teófilo F. de Vasconcelos, a 1933 (*Memoórias III* de Raul Brandão).

Procurar:

**Resultados:**

- Concordância
- Distribuição das formas (word)
- Distribuição dos temas (Lema)
- Distribuição da categoria gramatical (PoS) (tag)
- Distribuição do tempo verbal e do caso pronominal (tempcase)
- Distribuição de pessoa e do número (personnum)
- Distribuição do género morfológico (gen)
- Distribuição da função sintáctica (func)
- Distribuição pelas obras (obra)
- Distribuição por autores (autor)
- Distribuição por tipo de texto (classe)
- Distribuição por data ()
- Distribuição por campo semântico (sena)
- Distribuição por grupo (di. ou, soupa, etc.) (grupo)

**Opções**

- Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Análise estatística de  linhas.

Tipo	Literário
Variança(s)	FT
Tamanho (unidades)	20 6 milhões
Lamarkio (palavras)	11 7 milhões

[Página principal](#)

**Procure nos outros corpos:**

[AnonRA](#) [NILC](#) [ANGIB](#) [Avante!](#) [Corpus](#) [Brasilco](#) [CD HAREM](#) [CETEMP](#) [Publico](#) [CHAVT](#) [EUNLRY](#) [por CoNa](#) [Dial-LAV](#) [ECL](#) [IBR](#) [IBL](#) [IIL](#) [INPC](#) [JTD](#) [parte em português](#) [Floresta](#) [FrasesPB](#) [FrasesPE](#) [M. mundial](#) [Museu da Pessoa](#) [Natura](#) [Vício](#) [NILC/São Carlos](#) todos juntos [Vercial](#)

Figura 2. A interface do Vercial no Linguatca (Corpus Vercial)

Logo, a composição do *corpus* de pesquisa se desenvolveu em dois passos. Primeiramente, foram coletados, por meio das ferramentas de busca oferecidas pelo *Linguatca*, os itens lexicais *boca*, *barriga*, *cabeça*, *mão*, *pé* e *perna*, que geraram o valor da ocorrência bruta no *corpus online*. Depois, os dados foram separados diacronicamente. Para separá-los diacronicamente, o critério foi observar a data dos textos na linha de concordância e, em seguida, transferir os dados todos para o programa EXCEL para serem separados por anos de ocorrência. Apesar de haver todos os dados (ano de produção e do autor) acima dos textos, o *corpus* de pesquisa foi desenhado apenas com aqueles que continham o ano de produção na ocorrência online, portanto aqueles dados que não tinham a data na linha de concordância foram descartados. Desse modo, o *corpus* é menor do que a quantidade das ocorrências no site.

## Resultados da procura

Fri Dec 7 09:39:44 WET 2012

Procura: "cabeça"

Pedido de uma concordância em contexto

Corpo: Corpus Vercial, v. 5.1

4969 ocorrências.

### Concordância

Procura: "cabeça".

*id=«Poetas TOMO I Poesia ACS=1807»:* Esta de javali **cabeça** horrenda, Que em teu nome matei, casta Diana, Te of' reço humilde; Deusa soberana, Propicia aceita a reverente oferenda .

*id=«Poetas TOMO I Poesia ACS=1807»:* Bem que a neve dos anos a **cabeça** Pouco a pouco me cubra, um só instante Amor feroz com o dardo de diamante Em assaltar-me o coração não cessa .

*id=«Poetas TOMO I Poesia ACS=1807»:* Numa fúria que fiz este ano à Lapa Sumo assaz se bebeu da Lusa cepa. E dom o vinho, que à **cabeça** trepa, Um queria ser Rei, outro ser Papa .

*id=«Poetas TOMO I Poesia ACS=1807»:* Lançou fora a **cabeça** da água fria E um barco viu, que entrava solta vela: «Donde, bradou, te vem tanta ou sadia ?

*id=«Poetas TOMO I Poesia ACS=1807»:* V. 4. De alto Estado **cabeça** conhecida .

### Fonte – FIGURA 3 - Amostra das linhas de concordância do lexema *cabeça* no corpus *Linguateca/Vercial* (Corpus Vercial)

#### 3.2.2 O programa

Após ter os dados separados diacronicamente, o segundo passo foi utilizar o concordanciador *AntCon* para fornecer uma lista com o total das ocorrências e os contextos linguísticos. Concordanciador é um programa eletrônico de pesquisa linguística, que permite ao pesquisador o estudo da forma (ou das formas) de um lexema, a partir da observação de um grande número de dados em contextos linguísticos. Portanto, todos os textos foram transformados na extensão TXT, formato identificável pelo concordanciador *AntCon* e cada lexema foi mencionado nos textos originando a *Key word in context format* (a palavra-chave do contexto). Assim, os lexemas pesquisados, também denominados *node* (núcleo) foram apresentados no centro da página, com os chamados ‘colocados’ à esquerda e a direita. Esse modo de representar o lexema-chave é geralmente chamado ‘linhas de concordância’, no caso deste trabalho, as linhas de concordâncias foram geradas a partir da lista de palavras e, em seguida, em *concordance pilot*. A partir das linhas, foi possível observar os padrões e classificá-los como literal ou como metafórico.



**FIGURA 4. Amostra das linhas de concordância para o lexema *boca***

Como pode ser observado na Figura 4, a pesquisa foi orientada pelos lexemas *boca*, *barriga*, *cabeça*, *mão*, *pé* e *perna* sem variação de número, pois a variação entre o plural e o singular poderia gerar novos sentidos e, por consequência, novas implicações. Como exemplo, ilustramos com a pesquisa de Deignan (2005), no qual a autora analisa o lexema *rock* (pedra) e a sua flexão em número. Ela aponta que o principal sentido metafórico do termo está ligado a ‘perturbação’ e esse sentido está ligado à sua flexão no plural, enquanto a forma singular, quando metafórica, apresenta o sentido de ‘estabilidade’. Portanto, nesse trabalho os resultados advêm da observação dos lexemas citados acima como núcleos e das suas relações com os ambientes linguísticos nos quais os lexemas estão inseridos sempre no singular.

Esse ambiente linguístico é conhecido como *collocation* (colocação), sendo *collocation* a formação de um padrão de realização dos termos em destaque, com os termos imediatamente antes e imediatamente após esses conhecidos como colocados. Para ilustrar essa definição, a FIGURA 5 a seguir mostra o núcleo *pé* em destaque e os colocados mais frequentes que oferecem um sentido metafórico ao lexema.

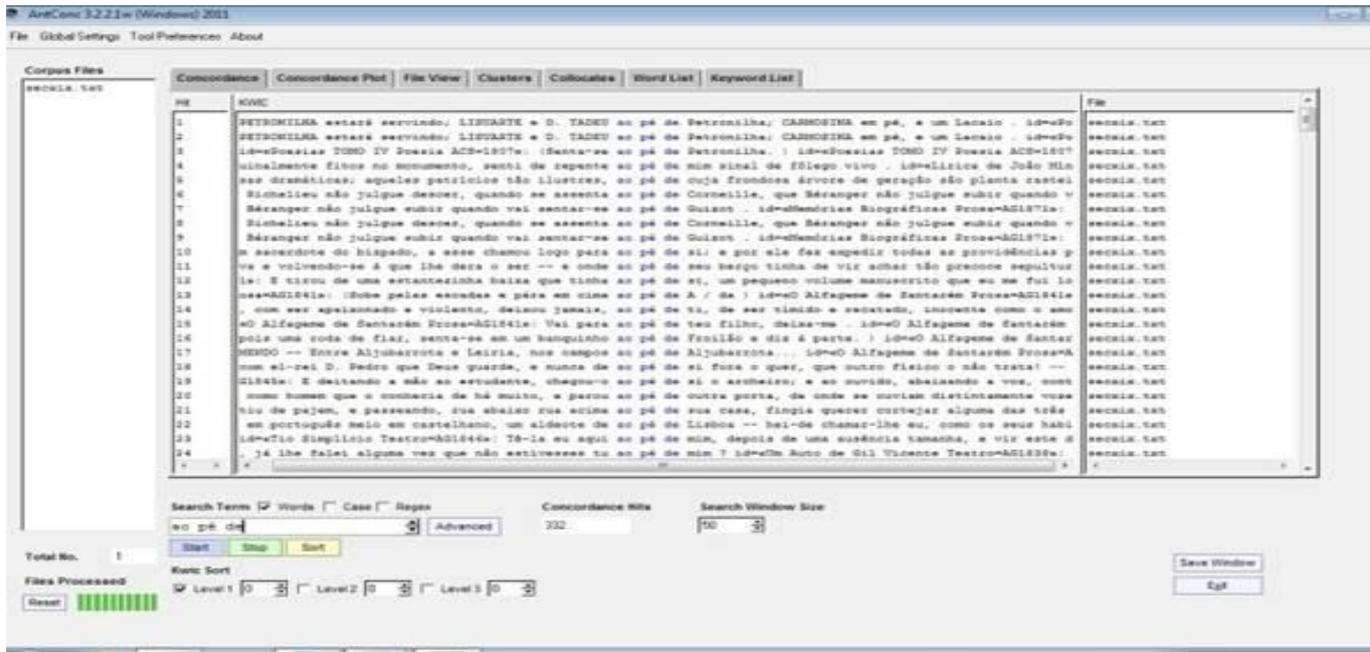


FIGURA 5. Exemplos do lexema *pe* com seus colocados

### 3.2.3 Procedimento para encontrar as metáforas

Após a separação diacrônica de todos os dados, foi estabelecido o sentido literal ou metafórico deles. Identificar metáforas não é uma tarefa fácil, pois denominar uma expressão ou um termo como metáfora linguística nas línguas naturais pode ser um desafio até mesmo para os pesquisadores mais experientes, visto que cada um pode fazer julgamentos distintos sobre o que eles consideram como metafórico. Para ilustrar essa dificuldade, vejamos o exemplo (1) retirado do *corpus* sobre o lexema *mão* nos dados do século XX.

(1) ...e subia ao meu lavatório, *pela mão forte da Catarina*, em seguras infusa.<sup>27</sup>

Segundo Steen et al. (2010), um dos pontos de embate entre os pesquisadores da metáfora conceptual era estabelecer critérios bem definidos na identificação de metáforas linguísticas, para aumentar a validade e as chances de reprodutibilidade de pesquisas.

Uma solução foi apresentada por um grupo de pesquisadores conhecidos como o *Pragglejaz Group*, fundado em 2007, que desenvolveu um meio para a identificação de metáforas. O procedimento que ficou conhecido com MIP (*Metaphor Identification Procedure*), atualmente conhecido como MIPVU, foi desenvolvido pelo *Pragglejaz Group*, a

<sup>27</sup> Identificação no corpus «A Cidade e as Serras Prosa EQ»:

fim de garantir a validade de pesquisas sobre metáforas no discurso. O nome do grupo *Pragglez* é resultado das letras iniciais dos pesquisadores: **P**eter Crisp, Universidade Chinesa de Hong Kong, China, **R**ay Gibbs, Universidade da Califórnia, Estados Unidos, **A**lan Cienki, VU Universidade de Amsterdam, Holanda, **G**raham Low, Universidade de York, Reino Unido, **G**erard Steen, VU Universidade de Amsterdam, Holanda, **L**ynne Cameron, Universidade Aberta, Reino Unido, **E**lena Semino, Universidade de Lancaster, Reino Unido, **J**oe Grady, do grupo Cultural Logic, Estados Unidos, **A**lice Deignan, Universidade de Leeds, Reino Unido, **Z**oltán Kövecses, Universidade Eötvös Lorán, Hungria. Atualmente, o nome do grupo é utilizado para denominar todo procedimento de identificação do uso metafórico das palavras. Sendo assim, pode-se descrever o procedimento em quatro passos, como a seguir:

- 1) Ler todo o discurso/texto para estabelecer uma compreensão geral do significado.
- 2) Determinar as unidades lexicais no discurso/texto. Na prática, uma unidade lexical é formada de apenas uma palavra. Contudo duas ou três palavras podem ser combinadas para formar um item lexical. Logo, para determinar um grupo de termos como um item lexical é preciso analisar o referente no texto. Se todos os termos juntos se referirem a apenas um conceito, ele será um item lexical. Podemos verificar essa afirmação a partir do exemplo (1).

(1) não tardarás em ver a *mão de Deus* nesta tribulação<sup>28</sup>

- 3) a) Estabelecer para cada unidade lexical o significado contextual, isto é, como o significado é aplicado para uma determinada entidade, quais as relações ou quais são os atributos evocados na situação pelo contexto (significado contextual). Para isso, é importante considerar os elementos sintáticos que aparecem antes e após a unidade lexical estudada. Dito de outro modo, o significado contextual é o significado referencial do item lexical a partir do contexto e do cotexto. Contudo, o analista pode ser confrontado com algumas dúvidas, como no caso de ambiguidade contextual. Em caso de ambiguidade contextual, na qual a leitura de um item lexical pode ser literal ou metafórico, o analista pode tomar o termo como metafórico utilizando a regra WIDLII (*When In Doubt Leave It In*), em caso de dúvida, deixe como está. A ambiguidade contextual pode ocorrer em caso de sentenças incompletas, características de sentenças

---

<sup>28</sup> Identificação no corpus «*Dicionário de Milagres Prosa EQ*»:

de textos orais e de textos com acesso restrito em banco de dados. Observa-se o exemplo (2):

(2) Quando um Tritão, que um crespo búzio soa Numa alta rocha, que a maré cercava, Afastando-o da *boca*, assim falava, E o som da rouca voz a praia atroa..<sup>29</sup>

No exemplo (2) não fica claro se o lexema *boca* se refere à entrada do mar, ou se refere ao órgão boca do Tritão. Nesses casos, o analista pode fazer inferência imaginando o contexto completo ou descartar a palavra da análise. Outra dificuldade que pode ocorrer é quando duas análises são igualmente possíveis, por exemplo:

(3) Os amigos, que a princípio lhe davam para o rebaixar, falavam-lhe agora com pedras na *mão*.<sup>30</sup>

A primeira análise reconhece *mão* como um lexema literal, já que é possível ‘falar’ segurando ao mesmo tempo pedras na *mão*. A segunda análise considera o item *mão* como metafórico, ao verificar o contexto, isto é, a proximidade com o verbo ‘falar’. Sabemos que há a expressão ‘falar com sete pedras na mão’ o que significa ‘falar em uma atitude de ataque e de defesa ao mesmo tempo’. Podemos interpretar o exemplo (3) em analogia a essa expressão. Considerando que a origem ‘falar com sete pedras na mão’ resulta do processo de um dos mais antigos meios de defesa, de caça, ou arma, que era atirar pedras para se defender, compreendemos que a situação real fornece as bases para a interpretação metafórica do termo *mão*. Por isso, se a análise de *mão* seguir o procedimento *Pragglejaz*, o item deve ser compreendido como metafórico.

b) Determinar para cada item lexical estudado se há atualmente mais de um significado possível, a fim de definir qual é o significado básico. Para se definir qual é o significado mais básico, é preciso observar quatro pontos: 1) se o item lexical tem a tendência em ser mais concreto; 2) se ele está relacionado a alguma noção sensorial (ações do corpo); 3) se o termo é mais preciso (em oposição ao mais vago); 4) se ele é historicamente mais antigo. Essas observações são importantes para delimitar o sentido mais básico, já que ele tem a tendência de ser mais concreto, ser sensorial

<sup>29</sup> Identificação no corpus «*Poesias TOMO I Poesia ACS=18*»

<sup>30</sup> Identificação no corpus «*Os Pobres Prosa RB=1906*»

(baseado no corpo humano) e ser historicamente mais antigo. Por isso, no procedimento *Pragglejaz* não é preciso fazer distinções das categorias sintáticas como substantivo, verbo etc., pois a intenção é descobrir o uso metafórico dos termos na língua em uso.

c) Constatar se a unidade lexical analisada tem um significado mais básico do que aquele utilizado no contexto estudado. Finalmente, contrastar o significado do item no contexto com o significado básico. Se o item lexical for compreendido somente pela comparação entre o sentido contextual em relação ao sentido básico, havendo similaridade entre ambos, pode-se defini-lo como um item lexical metafórico.

4) Se o item lexical operar positivamente nos três passos anteriores, ele será uma unidade lexical metafórica.

Para demonstrar a aplicação prática desse procedimento, foi elaborado um estudo de caso compatível com a classificação do *Pragglejaz*. Utilizando um excerto do livro *Dicionário de milagres* de Eça de Queirós, publicado póstumo em 1979, encontrado no corpus Vercial/Linguatca, e parte desta pesquisa, escolhemos o item lexical *mão* para análise e observemos o seguinte.

(5) O ditoso leitor do Almanaque Enciclopédico é assim, cada ano, nas férias, procurado pela Ciência, uma Ciência moça, de roupagens ligeiras, ágil e familiar, que o toma pela *mão*, o conduz alegremente, sem soalheiras e sem estalagens, a um dos seus maravilhosos Domínios.

1) A leitura completa do fragmento textual traz uma crítica social sobre a postura de alguns leitores. Percebemos também como o conceito ‘ciência’ é mapeado como personificação de uma jovem mulher. Assim, conseguimos situar o fragmento textual ao ponto de estabelecer a relação entre contexto e o significado básico do item *mão*. Aqui, percebemos claramente que *mão* é metonimicamente conceptualizado como parte da entidade ciência que foi por sua vez ‘personificada’ no texto.

2) O item lexical *mão* revela a relação com apenas uma entidade ‘personificada’ e com apenas um significado.

3) (a) Significado contextual. Nesse contexto, o significado de *mão* é *o meio que*

*conduz* para algum objetivo. A preposição *pela* (preposição *por* com o artigo feminino *a*) atesta o conceito de movimento. Além disso, o conceito ‘ciência’ está fortemente ligado ao uso do lexema *mão* no seu uso metafórico, como atesta Keller, (1990 apud BECKMANN, 2001:139) que utiliza a metáfora da *mão segura* para esclarecer o processo de desenvolvimento das línguas: “Uma teoria quer com uma *mão invisível* esclarecer estruturas e produzir processos seguros.”<sup>31</sup>

(b) Significado básico: O significado de *mão* no Dicionário Aurélio é explicado em 25 definições, mas as quatro primeiras são mais concretas e têm uma relação com o corpo humano. (1) *Anat.* Segmento terminal de cada membro superior, que se segue ao punho, dotado de grande mobilidade e apurada sensibilidade, que se destina, sobretudo, à preensão e ao exercício do tato. (2) *Zoo.* Cada uma das extremidades dos membros superiores dos quadrúmanos e dos anteriores dos quadrúpedes. (3) Extremidade depois de cortada, de quaisquer membros das reses. (4) *Zoo.* Garra de alguma ave. No dicionário Houaiss, encontramos 20 significados e os três primeiros são concretos e relacionados ao corpo humano (1) *Anat.* Extremidade do membro superior, articulada pelos dedos. (2) *Anat Zoo:* parte homóloga nos animais. (3) A extremidade das patas (posteriores ou anteriores) das reses depois de cortadas.

(c) Significado contextual X significado básico. O sentido básico de *mão* oferece a estrutura necessária para que se compreenda o conceito de ‘condução’. Sendo assim, o sentido contextual é diferente do sentido básico, pois esse é concreto em oposição àquele com o sentido abstrato. Contudo, no fragmento analisado, o significado abstrato só pode ser compreendido em comparação com o sentido básico, pois a relação entre o sentido básico e o sentido contextual de *mão* recai sobre a funcionalidade desse órgão. Assim, o leitor processa a função concreta do órgão e estabelece a mesma relação no contexto abstrato.

4) Como o significado contextual de *mão* é compreendido pela relação do seu significado básico, nesse contexto o item é metafórico.

Após separar os itens lexicais literais dos metafóricos, foi feita uma descrição dos padrões gramaticais que os envolviam e com quais domínios fonte os lexemas se

---

<sup>31</sup> “ Eine Invisible- hand-Theorie will Strukturen erklären und Prozesse sichbare machen [...]’ ( Tradução da autora da dissertação).

relacionavam mais frequentemente ao longo dos séculos. Passaremos agora para a descrição das teorias que nos ajudaram a interpretar os dados.

### 3.3 Análise do corpus

Apesar de a TCM não estar diretamente envolvida com descrições gramaticais, é possível fazer relações-chave entre os padrões gramaticais e o mapeamento metafórico. Deignan (2005) demonstra, em buscas nos subcorpora *Bank of English*, as diferenças semânticas que o singular e o plural de um lexema podem apresentar. A autora pesquisa o lexema *rock* que, como verbo, etimologicamente apresenta o significado metafórico de ‘mover’, enquanto, como substantivo, tem um significado de ‘uma pedra grande’. A diferença mais significativa dos resultados demonstra que a forma no singular apresenta um sentido positivo, enquanto a forma plural é geralmente negativa, como apresentado nos exemplos abaixo:

(5) Nothing must undermine the sanctity of human life – the *rock* on which our society is built<sup>32</sup>

(6) The marriage has been on the *rocks* for a while.<sup>33</sup>

Em outro estudo de *corpus* desenvolvido por Deignan (1995 apud DEIGNAN, 2005) a partir de domínio CORPO, ela sugere que há uma variação sintática no comportamento dos lexemas relativos às partes do corpo, eles podem ser classificados a partir de três padrões. O primeiro padrão está relacionado às metáforas linguísticas que ocorrem independentemente do contexto, ou de construções sintáticas muito particulares. Essas expressões são consideradas metáforas clássicas e apenas um pequeno número de lexemas compõe esse grupo. Em inglês, a autora exemplificou esse caso com *heart* (*coração*) no sentido de ‘centro’ e *hand* (*mão*) no sentido de ‘ajuda’, como nos exemplos (7) e (8).

(7) At its *heart* the issue is not a scientific debate.<sup>34</sup>

<sup>32</sup> “Nada deve minar a sanidade da vida humana- a *pedra* sobre a qual nossa sociedade está construída”. (DEIGNAN, 2005:87) (Tradução da autora da dissertação). (

<sup>33</sup> O casamento está há algum tempo nas *pedras* / destruído. (DEIGNAN, 2005:87) (Tradução da autora da dissertação).

<sup>34</sup> Estar no centro do assunto não é um debate científico. (DEIGNAN, 2005:160) (Tradução da autora da dissertação).

(8) Everyone lent a *hand*.<sup>35</sup>

Encontrar um lexema relacionado ao domínio CORPO com o significado metafórico e independente do contexto é a instância mais clássica para o sentido metafórico. A maior parte dos lexemas que envolvem as partes do corpo é dependente da estrutura sintática para apresentar o sentido não literal.

A segunda categoria está relacionada às expressões com as partes de corpo que são metafóricas somente a partir de uma determinada estrutura sintática. Em inglês há, por exemplo, o lexema *shoulder* (*ombro*) que para ser metafórico ao apresentar o sentido de ‘responsabilidade’, ele deve ser utilizado na sua forma plural, como no exemplo:

(9) The hope of his nation is on his *shoulders*.<sup>36</sup>

Nesse segundo padrão, é importante ressaltar que o lexema núcleo está fortemente ligado à construção sintática para gerar o sentido não literal. Além disso, essa forte relação com a sintaxe os aproxima daquilo que definimos como ‘expressões quase idiomáticas’. Sendo assim, enquanto as expressões idiomáticas são sintaticamente fixas, as ‘expressões quase idiomáticas’ apresentam variações em suas estruturas sintáticas. Finalmente, veremos agora, a partir dos exemplos (10) e (11), o terceiro padrão de ocorrência para lexemas relacionados às partes do corpo.

(10) There is a large *body* of evidence.<sup>37</sup>

(11) ... *heads* of state.<sup>38</sup>

Como podemos perceber, o terceiro padrão dos lexemas relacionados às partes do corpo, é qualificado pelos lexemas diretamente subsequentes ao núcleo, isto é, pelos lexemas do domínio alvo. Segundo Deignan (2005), esse fato pode ser causado pela necessidade de evitar a interpretação literal. Finalmente, dos três padrões descritos acima, o segundo é o mais frequente, seguido do terceiro e mais raramente o primeiro.

Para continuar a classificação dos itens encontrados nesta pesquisa, foi necessário demonstrar como o domínio-fonte é mapeado no domínio-alvo para gerar significados. Essa

<sup>35</sup> Todo mundo de uma mão. (DEIGNAN, 2005:160) (Tradução da autora da dissertação)

<sup>36</sup> As esperanças do país estão sobre os ombros dele. (DEIGNAN, 2005:160) (Tradução da autora da dissertação).

<sup>37</sup> Há um grande número de evidências. (Tradução da autora da dissertação).

<sup>38</sup> Cabeças do estado. (Tradução da autora da dissertação).

questão é uma das considerações mais dominantes da TCM e prevê que o mapeamento metafórico ocorre de relações lógicas do domínio-fonte para o domínio-alvo. Essa relação é conhecida como o ‘Princípio da Invariância’ definido por Lakoff (1993)

Metaphorical mappings preserve the cognitive topology (that is, the image-schema structure) of the source domain, in a way consistent with the inherent structure of target domain.<sup>39</sup>

No entanto, Lakoff (1993) esclarece ao leitor que o ‘Princípio de Invariância’ não deve ser visto como um processo algorítmico começando de um domínio para alcançar outro, mas como um processo de ligações de correspondências fixas entre os domínios. Portanto, esse princípio rege mapeamentos do tipo IDEIAS SÃO OBJETOS, exemplificado pela expressão linguística:

(12) “... tendo este profissional que *passar a informação com qualidade*, e de acordo com...”<sup>40</sup>.

O exemplo (12) demonstra como a topologia limitada de OBJETO assegura limites concretos mapeados para o domínio-alvo INFORMAÇÃO. Além disso, outras correspondências são mapeadas implicitamente, tais como o meio por onde o objeto se locomove, o agente que desloca o objeto e o beneficiário que o recebe entre outros. Destarte, no Princípio de Invariância, os esquemas imagéticos básicos são mantidos e isso permite que os falantes sejam capazes de fazer abstrações complexas.

Portanto, segundo Kövecses (2010), a metáfora não é uma escolha consciente dos seres humanos, ela ocorre primeiramente em relação à nossa experiência corpórea no mundo, estabelecendo uma classificação para os mapeamentos que podem ser mais ordinários até os mais complexos. Sendo assim, Lakoff & Turner (1989) argumentam que nem todas as metáforas são resultados de mapeamentos entre os domínios, pois há aquelas que mapeiam uma imagem na outra e são conhecidas como *one-shot metaphor*. O mapeamento do tipo *one shot metaphor* funciona com o posicionamento de uma imagem muito rica sobre outra também muito rica. Assim, para se comparar a *barriga* de uma pessoa a um botijão de gás, há uma forte correspondência entre a imagem da barriga de alguém com a forma do botijão de gás. Essa correspondência é instantânea e particular. Sendo assim, percebemos como os

<sup>39</sup> Os mapeamentos metafóricos preservam a topologia cognitiva (isto é, a estrutura esquemática) do domínio-fonte, de tal forma consistente que ela é herdada como estrutura do domínio-alvo. (Tradução da autora da dissertação).

<sup>40</sup> Competência informacional < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Compet%C3%Aancia\\_\(informacional\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Compet%C3%Aancia_(informacional))> acessado em 21/02/13.

lexemas relacionados ao domínio CORPO oferecem frequentemente imagens que podem gerar metáforas do tipo *one shot*.

Além disso, nesta pesquisa muitas das expressões metafóricas encontradas apresentavam-se com grau de constância sintática para defini-las como metafóricas. Essa constância foi definida por Deignan e Potter (2004) como *fixedness* (*fixidez*). Esse conceito descreve a possibilidade de variação do item lexical e dos colocados relacionados a ele. Sendo assim, percebemos um alto grau de *fixedness* (*fixidez*) em ‘expressões idiomáticas’, pois elas sempre funcionam sintaticamente da mesma maneira, enquanto as ‘expressões quase idiomáticas’ são dependentes dos colocados e aceitam certas alterações sintáticas sem modificar o sentido não literal. Sendo assim, vejamos os exemplos (13) e (14) que são metáforas linguísticas correspondentes a metáfora conceptual SOFRER É TER O CORAÇÃO PARTIDO:

(13) Oh, gente! Por favor pra ela vá contar. Que o meu *coração se partiu ...*”<sup>41</sup>

(14) “Nossa *me partiu o coração*, mas ainda bem que ele ressucita horas depois.”<sup>42</sup>

Em ambos os exemplos acima, percebemos que o sentido não está completamente ligado à forma sintática dos enunciados, mas na existência dos elementos juntos, por isso podemos dizer que a metáfora conceptual acima é composta por um certo grau de *fixedness*.

Além disso, enfatizamos, na descrição dos dados, o emprego do paradigma da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995) que não prioriza a sintaxe como um módulo dominando na linguagem, mas a coloca em correspondência com a semântica, formando uma *continuum* de construções. Nessa abordagem, enfocam-se as expressões linguísticas desde as mais simples até as mais complexas na busca do significado. Portanto, as construções gramaticais são vistas como independentes das palavras que as constituem e o significado é encontrado na construção como um todo. Ademais, utilizamos, nessa pesquisa a proposta de Goldberg (2006) denominada como *the inherent semantics of argument structure*, em português ‘construções de estrutura argumental’, pois nessa proposta, o verbo não é o elemento responsável pelos complementos da sentença. Aqui, o verbo é responsável para determinar os possíveis papéis argumentais ligados a ele, para que o significado de uma

<sup>41</sup> O ritmo da chuva, Los Hermanos, Disponível em < <http://letras.mus.br/los-hermanos/130810/>> Acessado em 09 fev. 2013

<sup>42</sup> < <http://www.viralizou.com.br/2013/01/cenas-que-ja-partiram-o-seu-coracao/>> Acessado em 09 fev. 2013

sentença seja determinado pela a construção completa. Uma das vantagens do modelo de Goldberg (2006) é o significado não ser determinado por apenas um elemento que prepondera sobre os outros. Nesse modelo, a construção como um todo tem o significado próprio, convencional e esquemático. Portanto, acatamos que uma palavra sozinha não contribui para o significado de uma sentença, mas o todo é que aciona o significado.

Como discutido no capítulo do referencial teórico, o papel da metonímia é importante na estruturação do pensamento de maneira similar ao papel da metáfora. Logo, nesta pesquisa, é importante destacar a importância da metonímia. Portanto, acreditamos que a metonímia é um fenômeno conceptual, processado cognitivamente, e opera com modelos cognitivos idealizados (KÖVECESES & RADDEN, 1999). Ademais, destacamos que a metonímia é conceptual e, bem como a metáfora, ela também faz parte do nosso cotidiano. Geralmente, ela é facilmente percebida no processo de PARTE pelo TODO, mais conhecida como o caso específico de metonímia ‘sinédoque’. Entretanto, a sua natureza conceptual pode ser manifestada para representar categorias, por meio do uso de membros mais prototípicos, como é o caso do emprego de ‘mãe esposa’, para a categoria ‘mãe’. Considerando o processamento cognitivo de uma metonímia, em regra, ela é classificada como a substituição de uma entidade por outra. Contudo, admitimos que ela consiste em um ‘veículo’ que nos permite acessar uma entidade por meio de uma de suas características salientes. Finalmente, percebemos que a noção de ‘continuidade’, empregada para descrever uma metonímia (GIBBS, 1994, 1999 apud DEIGNAN, 2005), está ligada a noção de modelo cognitivo idealizado (MCI), em que a noção de conhecimento enciclopédico molda os MCI que são capturados no processamento da metonímia.

Ademais, discutiremos no capítulo 4 as interações das metáforas com as metonímias como propostas por Goossens (1995 apud DEIGNAN, 2005:61), cuja pesquisa-chave se deu em construir um banco de dados formado de expressões idiomáticas convencionalizadas, e utilizá-las para caracterizar como metáforas e metonímias interagem. Ele conseguiu classificar essas interações em quatro categorias, contudo apenas duas serão explicitadas aqui, as ‘metonímias com metáforas’ e as ‘metáforas formadas de metonímias’. Na teoria de Goossens (1995 apud DEIGNAN, 2005:61), as *metonymy within metaphor* (metonímias com metáforas) ocorrem quando uma entidade é utilizada metonimicamente dentro de uma expressão

metafórica. O exemplo clássico do autor é *bite one's tongue off*<sup>43</sup>, no qual *tongue* (língua) é utilizado metonimicamente no lugar de uma 'pessoa', e por isso, encontramos um caso clássico de metonímia PARTE pelo TODO e, observamos toda a expressão *bite one's tongue off*, que traduzimos literalmente como cortar a língua de alguém, mas que significa *impedir que alguém fale*, encontramos uma expressão metafórica. Além disso, o autor argumenta que metonímias com metáforas ocorrem somente em expressões formadas de várias palavras, pois uma única palavra, ao ser utilizada, pode ser substituída geralmente por apenas uma unidade de sentido. O segundo caso abordado por Goossens (1995) é descrito como *metaphor from metonymy* (metáforas de metonímias). Esse caso é definido pelo significado metonímico ao ser mapeado para outro domínio, gera um sentido metafórico. O exemplo que autor utiliza para ilustrar esse caso é *be close-lipped*<sup>44</sup> (lábios fechado). Primeiramente, essa expressão significa metonimicamente 'permanecer calado'. A metonímia é processada pela a imagem dos lábios fechados de uma pessoa para a ação de 'permanecer calado' demonstrando o silêncio. Entretanto, o segundo sentido da expressão se refere a uma pessoa que está falando muito, mas não responde realmente às perguntas de um inquisidor. Por isso, dizemos que ela continua com os lábios fechados e, nesse caso, o sentido é metafórico. Portanto, a maior diferença entre as duas categorias é que a 'metonímia com metáfora' começa a partir de um termo, enquanto que no caso da 'metáfora de metonímia', o sentido da metonímia é transferido para o domínio diferente e gera um sentido metafórico.

Finalmente, o último conceito discutido na metodologia e aplicado na discussão dos dados se refere à Teoria da Mesclagem desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002). Nessa teoria, os autores renovam os estudos sobre a metáfora, ao aplicar a Teoria dos Espaços Mentais para descrever o percurso do processamento de uma metáfora na linguagem. Segundo os autores, o mapeamento entre os espaços mentais é o núcleo da habilidade cognitiva humana em processar significados e, por isso, as metáforas são estruturadas pelos domínios-fonte e domínio-alvo, que, nessa teoria, são denominados *input*, que, denominamos *input 1* e *input 2*. Esses dois *inputs* são ao mesmo tempo mesclados e criam um arcabouço novo e emergente, que computa uma estrutura concreta do *input 1* e uma estrutura de causa e intencionalidade do *input 2*. Nesse quadro, definimos *input* como as informações prévias ligadas às experiências humanas, o 'espaço genérico' é um espaço que contém todas as informações comuns dos *inputs* e, finalmente, o espaço mescla, que estrutura todas as

<sup>43</sup> Morder a língua de alguém fora./ Tampar a boca de alguém. ( GOOSSEN 1995 apud DEIGNAN, 2005:61), (Tradução da autora da dissertação).

<sup>44</sup> Estar como os lábios fechados/ Ficar com o bico calado. (Tradução da autora da dissertação).

inferências emergentes da interação dos dois *inputs*, compondo uma informação nova e criativa. Logo, a operação mental de integrar dois ou mais domínios gera o domínio mescla. Assim, na Teoria da Mesclagem, destaca-se que os falantes não apenas reproduzem significados, mas que eles o criam.

Resumindo, neste capítulo conhecemos as hipóteses que guiaram o desenvolvimento desta pesquisa a partir de estudos anteriores pertinentes a ela. Além disso, apresentamos o *corpus* analisado, como ele foi criado e as razões para a sua escolha. Descrevemos como separamos os dados e quais foram os critérios empregados para dividi-los entre literais e não literais. Finalmente, explicamos os conceitos que empregaremos no capítulo a seguir, terminamos a descrição metodológica que aplicamos nos dados. Vejamos agora a discussão dos dados.

## 4. ANÁLISE DOS DADOS

*Não há mistério sobre a terra que não será revelado (Eclesiastes)*

Este capítulo se divide em três seções. Na primeira, apresentamos as ocorrências literais e metafóricas dos lexemas pesquisados, além dos padrões mais frequentes que geram um sentido metafórico. Na segunda seção, cada item lexical será analisado qualitativamente apurando os domínios-alvo mais frequentes. Finalmente, na terceira seção, veremos um estudo de caso da convencionalização de uma metáfora conceptual.

### 4.1 A evidência de metáforas conceptuais a partir das metáforas linguísticas

As expressões metafóricas são fortes evidências da existência de metáforas conceptuais. Entretanto, como vimos no capítulo do marco teórico, o começo das pesquisas da TCM não se preocupava em buscar dados autênticos da língua em uso para comprovar a existência da metáfora conceptual, pois o objetivo inicial das pesquisas era dar evidências de que o sistema conceptual humano é em grande parte metafórico. Sendo assim, os dados utilizados para demonstrar a existência das metáforas conceptuais foram fornecidos pela intuição dos informantes e por isso eram, de certa forma, artificiais, como comprova Sardinha (2007). Contudo, considerando uma das mais importantes hipóteses da Linguística de *Corpus* a qual admite que o uso de dados naturais é mais coerente com relação à realidade linguística de uma língua natural do que o emprego de dados extraídos da intuição, já que dados criados pela intuição podem enfatizar a grande disparidade entre o que as pessoas dizem e escrevem daquilo que elas acreditam que dizem e escrevem (SINCLAR, 1991 apud DEIGNAN & POTTER, 2003:1230). Assim, nessa seção da pesquisa, deduzimos, de um corpus eletrônico de literatura portuguesa, evidências que corroboram a validade de uso de textos naturais para examinar propostas da TCM. Logo, todos os exemplos discutidos nesta seção podem ser acessados na plataforma LINGUATECA, via site <[www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt)><sup>45</sup>.

Nesse quadro, a primeira hipótese desta pesquisa visa verificar se os lexemas relacionados ao domínio do CORPO partiriam do significado mais frequentemente literal, isto é, mais concreto e chegariam ao sentido mais abstrato, isto é, metafórico. Como observado por Sweester (1990) em sua análise do termo *cardinal* para qual, em inglês, pode-se encontrar dois significados, o primeiro como ‘padre’ em uma alta posição na hierarquia da igreja católica e o segundo significado como um tipo de ‘número’, a saber, ‘número cardinal’.

<sup>45</sup> Disponível em <<http://www.linguateca.pt/>>.

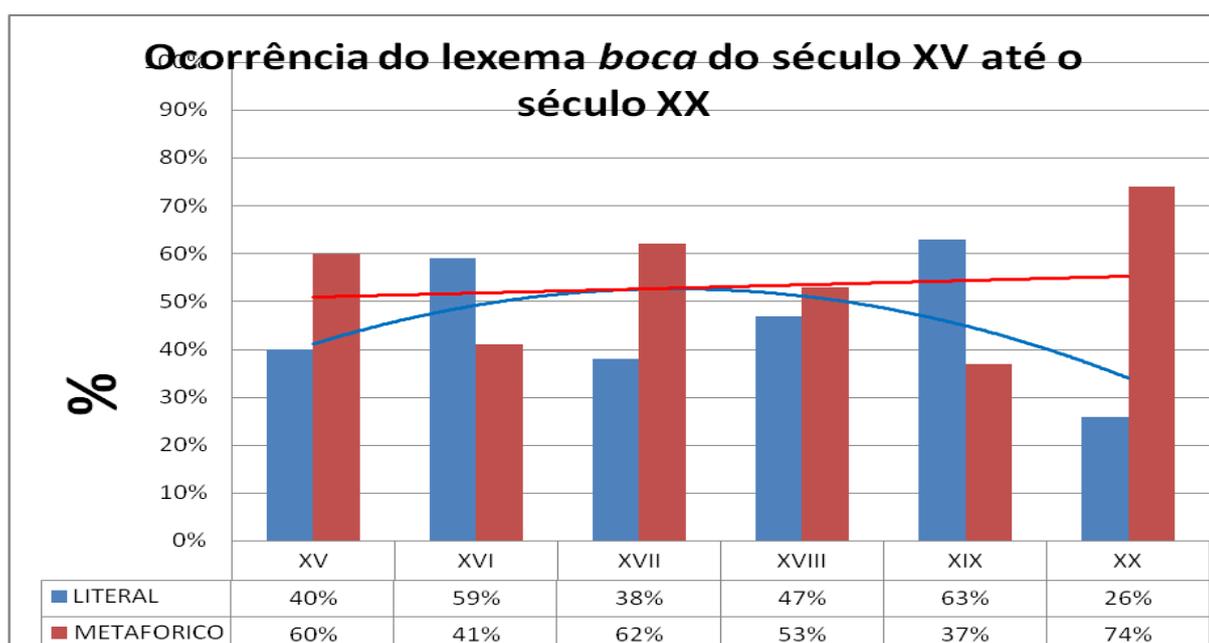
Embora, atualmente, seja difícil fazer a relação entre esses dois significados, a autora descreve que os dois sentidos são derivações metafóricas do sentido literal de *cardinal* entendido como ‘ponto principal’. Na semântica, esse fenômeno é denominado como polissemia, isto é, quando uma mesma unidade linguística apresenta dois sentidos. Portanto, observamos que o sentido literal de ‘cardinal’ se tornou opaco no inglês moderno, pois os significados migraram para campos semânticos distintos. Logo, em referência aos achados de Sweester (1990), os dados desta pesquisa dos lexemas *boca*, *barriga* e *mão* ocorrem inicialmente com alta frequência de modo literal e caminham para um uso cada vez mais frequente como expressões metafóricas embora o significado original, em oposição ao exemplo acima, não seja opaco.

Expõem-se, a seguir, os gráficos de ocorrência dos lexemas *boca*, *barriga* e *mão* com as suas descrições, sendo esses acompanhados das definições etimológicas, para finalizar com a exposição dos padrões sintáticos das expressões metafóricas. Por meio dos gráficos, será possível observar a transição da frequência literal para a frequência não-literal. Com a descrição etimológica podemos perceber as pistas oferecidas pelo significado literal para o mapeamento conceptual. Finalmente, com a apresentação dos padrões sintáticos, atentaremos para as expressões baseadas na metonímia conceptual como e suas estruturas superficiais demonstram a conceptualização.

## 4.1.1 Caso de boca

Tabela 1- Ocorrências do lexema *boca*

BOCA/SÉCULOS	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
LITERAL	2	48	82	39	378	139	688
METAFÓRICO	3	33	131	44	225	397	833
TOTAL	5	81	213	83	603	536	1521

Gráfico 1 - Ocorrências do lexema *boca*

O *mini corpus* do lexema *boca* é formado por 64.318 palavras, no qual o lexema *boca* computa o total de 1.754 ocorrências. Desse total, 1.521 ocorrências foram classificadas entre literais e metafóricas. Na Tabela 1 estão representadas as classificações estudadas na pesquisa. Sendo assim, observamos que no século XV há apenas cinco ocorrências do lexema, sendo três delas, ou seja, 60% não literais. Já no século XVI, observamos uma maior ocorrência literal, enquanto no século XVII, os resultados revelam uma ocorrência mais metafórica do lexema *boca*. Torna-se, assim, mais metafórica, continuando até o século XVIII. No século XIX, o lexema retoma o sentido literal, e, finalmente no século XX, o lexema estudado aparece cada vez mais no sentido metafórico. Pelo Gráfico 1, nota-se que a linha relacionada ao uso literal projeta uma inclinação descendente, enquanto aquela que representa o uso metafórico tem uma inclinação levemente ascendente ao longo dos cinco séculos estudados. Dando continuidade a essa descrição histórica da ocorrência do lexema *boca*, seguiremos para a sua descrição etimológica.

Segundo Cunha (1999), *boca* é a cavidade na parte inferior da face, pela qual os seres humanos e os animais ingerem alimentos. Esse órgão também está relacionado à respiração e à fonação. Na descrição etimológica de Machado (1914), entende-se que o termo *boca* provém do latim *bucca* que foi primeiramente uma denominação de faces e bochechas, antes de nomear a cavidade maxilar. Para demonstrar o emprego do termo, Nascentes (1932) cita que Cícero, em *ad Atticum*, 7, 10 utiliza o termo no lugar de *os* (*boca* em latim). Como podemos observar, o lexema *boca* apresenta uma origem metonímia na sua formação, pois faces e bochechas são empregos como boca devido à proximidade dos órgãos. Entretanto, iremos demonstrar como algumas relações semânticas específicas envolvem sintaticamente o lexema.

Primeiramente, foi encontrada a metáfora conceptual em A BOCA É A FOZ já no século XV e continua a existir ao longo dos séculos até chegar ao século XX com o mesmo sentido. Com os exemplos abaixo, percebemos que o sentido de *boca* como começo substitui ‘foz’, quando está próximo de substantivos relacionados à água.

#### A BOCA É A FOZ

- (1) ...quando o batel chegou à *boca do rio*,...<sup>46</sup>
- (2) ...na *boca do Rio* de Cenaga no reino de...<sup>47</sup>
- (3) ...pequena que estaua na *boca da barra* na ponta de hua...<sup>48</sup>
- (4) Inda que abrindo a *boca o Mar* irado...<sup>49</sup>
- (5) ...e da parte de África, desde a *boca do estreito* corria...<sup>50</sup>
- (6) ...da faneca ou da sardinha na *boca da barra*...<sup>51</sup>

<sup>46</sup> Dentro da legenda em aspas, encontram - se as informações do dado no corpus VERCIAL:Nome do livro, sigla do autor (SA)=ano de produção(0000) Carta a El-rei Dom Manuel Sobre o Achamento do Brasil Prosa PVC=1500

<sup>47</sup> Identificação no corpus Livro das Obras Prosa GR=1545

<sup>48</sup> Identificação no corpus Peregrinação Prosa FMP=1614

<sup>49</sup> Identificação no corpus. Sonetos Poesia CG=1778

<sup>50</sup> Identificação no corpus. Dona Branca Prosa=AG1826

<sup>51</sup> Identificação no corpus. Os Pescadores Prosa RB=1923

Conforme recorremos a A FOZ É A BOCA, reconhecemos que o lexema *boca* tem o sentido dependente dos substantivos que o acompanham, como percebemos nas expressões acima. Esse fato sugere um padrão sintático regular representado por: *boca+ de +substantivo sobre corpo de água*. Esse padrão gerou 50 citações, correspondentes a quase 3% de todas as citações de *boca* com sentido metafórico.

Além disso, o padrão *boca+ de + substantivo* também demonstra que o sentido não literal do lexema *boca* depende da estrutura sintática. Assim como descobriu Cruse (1986 apud DEIGAN, 2006), quando o uso metafórico de *mouth* (*boca* em inglês) está estruturado no padrão *of + substantivo*, como podemos acompanhar em expressões do tipo: *mouth of the river* (*boca do rio*) e *mouth of a bottle* (*boca da garrafa*), o significado de *mouth* fica mais dependente do domínio-alvo. Esse fato também pode ser observado no português por meio do padrão em português *boca + de + substantivo* que ocorre quase sempre com sentido metafórico, como demonstra os exemplos abaixo e semelhantes àqueles apresentados por Cruse (1986).

(15) ...pela sua *boca de pedra*...<sup>52</sup>

(16) ...junta a *boca de fogo*...<sup>53</sup>

(17) ...Floriu, na sua *boca de cereja*...<sup>54</sup>

Outra ocorrência do lexema *boca* com um sentido não literal acontece quando ele funciona como ‘colocado’ de determinados dos verbos *abrir* e *fechar*. Nesse caso, os padrões *abrir + a boca* e *fechar + a boca* apresentam expressões com sentido metonímico, quando relacionados à habilidade de falar, como observados nos séculos XVII ao XX nos exemplos abaixo.

(18) ..insubornável *fecha (boca)* à calúnia...<sup>55</sup>

(19) *Fecha a boca* como se tivesse medo...<sup>56</sup>

(19)... perdido se te deixasse *abrir a boca*...<sup>57</sup>

<sup>52</sup> Identificação no corpus *Os Pobres Prosa RB=1906*

<sup>53</sup> Identificação no corpus *Húmus Prosa RB=1919*

<sup>54</sup> Identificação no corpus *Luar de Janeiro Poesia AGil 1909*

<sup>55</sup> Identificação no corpus *Versos Tomo IV Poesia FMN=1817*

<sup>56</sup> Identificação no corpus *Húmus Prosa RB=1919*

<sup>57</sup> Identificação no corpus *Húmus Prosa RB=1919*

(21)... morreu sem *abrir a boca*...<sup>58</sup>

Os exemplos acima demonstram o uso metonímico do lexema *boca* para o evento ‘falar’ e ‘não falar’. Considerando evento como uma ação, podemos conceber a ação de ‘falar’ como um evento formado de inúmeros subeventos como abrir e fechar a boca, emitir sons com significados, emitir sons sem significado, respirar, cuspir. Provavelmente, o subevento mais importante da ação de ‘falar’ seja ‘abrir e fechar a boca’. Esse fato permite que ‘abrir’ e ‘fechar’ a boca sejam metonimicamente empregados para representar a ação ‘falar’ ou ‘não falar’. Quantitativamente os exemplos ilustram que, do total de 43 ocorrências do verbo *abrir* com o lexema *boca*, oito deles, isto é, 18% ocorrem com o sentido metonímico. Entretanto, o lexema *boca* ocorreu próximo do verbo *fechar*, apenas 3 vezes em todo o *corpus*, sendo duas vezes com o sentido metafórico.

Finalmente, foram encontrados os verbos *pedir*, *dizer*, *falar*, *ouvir*, *pronunciar*, *declarar* que apresentam o sentido metafórico quando colocados próximos do lexema *boca*. Em consonância com a Gramática das Construções, apresentada por Goldberg (1995, 2006), que consiste em uma vertente de estudos da gramática baseada em construções gramaticais como semanticamente e radialmente estruturadas e organizadas, o significado das construções não está ligado às palavras em si, mas à construção como um todo e no uso estabelecido na língua. Goldberg (1995, 2006) enfoca, entre outros, as construções de verbos bitransitivos associadas aos seus papéis argumentais, sendo, portanto chamadas de ‘construções de estrutura argumental’ (*argument structure constructions*) o estudo das sentenças compostas por um verbo e seus argumentos. Sendo assim, percebemos que o domínio ativado pelos verbos *pedir*, *dizer*, *falar*, *pronunciar*, *declarar* implica a existência de um AGENTE (iniciador de uma ação), de um TEMA (aquilo que é comunicado) e de um RECIPIENTE (aquele que recebe o feito da ação). Salvo o verbo *ouvir*, pois o fato de ele ser um verbo transitivo e conter os papéis argumentais de AGENTE e TEMA, o impediria de caber no grupo de verbos bitransitivos, embora, nessa pesquisa, a construção formada pelo verbo ‘ouvir’ próximo do lexema *boca* permitiu a integração ao grupo.

A partir dos exemplos retirados do *corpus*, podemos perceber que esses verbos ‘pedir’, ‘dizer’, ‘falar’, ‘ouvir’, ‘pronunciar’ e ‘declarar’ se referem à comunicação, e frequentemente a comunicação verbal é metaforizada pela transferência física, permeada pela ‘metáfora do conduto’ (*conduit metaphor*) (REDDY, 1979 apud LAKOFF & JOHNSON,

<sup>58</sup>Identificação no *corpus Memórias III Prosa RB=1933*

1980) que motiva essas construções metafóricas. O conceito de ‘metáfora do conduto’ foi desenvolvida por Reddy (1979) que observou que comunicação, em geral, é conceptualizada como se os falantes na comunicação verbal manipulassem as ideia (ou significados) como objetos, colocando-as em expressões linguísticas (contêineres), e enviando-as (por um meio condutor) para o ouvinte (que retira o significado do contêiner). Logo, observamos, que no momento em que o item lexical *boca* funciona como um colocado a esses verbos, há uma nova construção metonímica na qual *boca* ganha o papel argumental de INSTRUMENTO DE TRANSMISSÃO, e produz um novo significado. Considerando que os verbos bitransitivos relacionados à comunicação verbal apresentam prototipicamente o *frame* sintático [SUJ [ V OBJ OBJ2]]<sup>59</sup>, percebemos que as construções bitransitivas, isto é, construções de duplo objeto, exemplificadas pela forma ‘X causa Y a receber Z’, quando ocorrem com a construção *por+ boca+ de*, o lexema *boca* ganha o papel de INSTRUMENTO e assume convencionalmente que o AGENTE não é o autor do TEMA, mas aquele que transmite as opiniões e as palavras de outrem. Esse fato pode ser observado nos exemplos abaixo:

X pronunciar Y por boca de Z

(23) Padre começou a Ave-Maria, pronunciada *por boca* do Anjo<sup>60</sup>

X falar Y por boca de Z

(24) *Falo por boca* de S. Paulo, o qual diz que do mesmo<sup>61</sup>

X dizer Y por boca de Z

(25) Isto é o que disse Nazianzeno ao pai *por boca do filho*<sup>62</sup>

Desse modo, o lexema *boca* na construção sintática *por + boca + de* junto aos verbos *pedir*, ‘dizer’, ‘falar’, ‘ouvir’, ‘pronunciar’ e ‘declarar’ citados acima não evoca um sentido em si, mas demonstra o significado da construção como um todo. Dentro dessa perspectiva, a unidade sequencial sintática ativa o significado de *por + boca + de* como aquele que fala não é o autor da ideia reportada. Esse fato é semelhante ao que ocorre com expressões idiomáticas, isto é, apesar de obedecer às regras gramaticais, o significado não é diretamente previsto pelos componentes da expressão, mas pela construção.

<sup>59</sup> [SUJEITO[VERBO OBJETO1 OBJETO2]]

<sup>60</sup> Identificação no *corpus Sermões Maria Rosa Mística Prosa AV=1686*

<sup>61</sup> Identificação no *corpus Sermões Maria Rosa Mística Prosa AV=1686*

<sup>62</sup> Identificação no *corpus Sermão da Glória de Maria, Mãe de Deus Prosa AV=1644*

Nesses resultados parciais, encontramos alguns dos padrões sintáticos das expressões linguísticas que contêm o lexema *boca* como sentido não literal. Analisamos primeiramente o padrão *boca + de + substantivo sobre corpo de água* em seguida, *boca + de + substantivo e*, finalmente, *por + boca + de* com a intenção de demonstrar que o uso de *boca* em expressões não literais pode apresentar dependência da construção sintática.

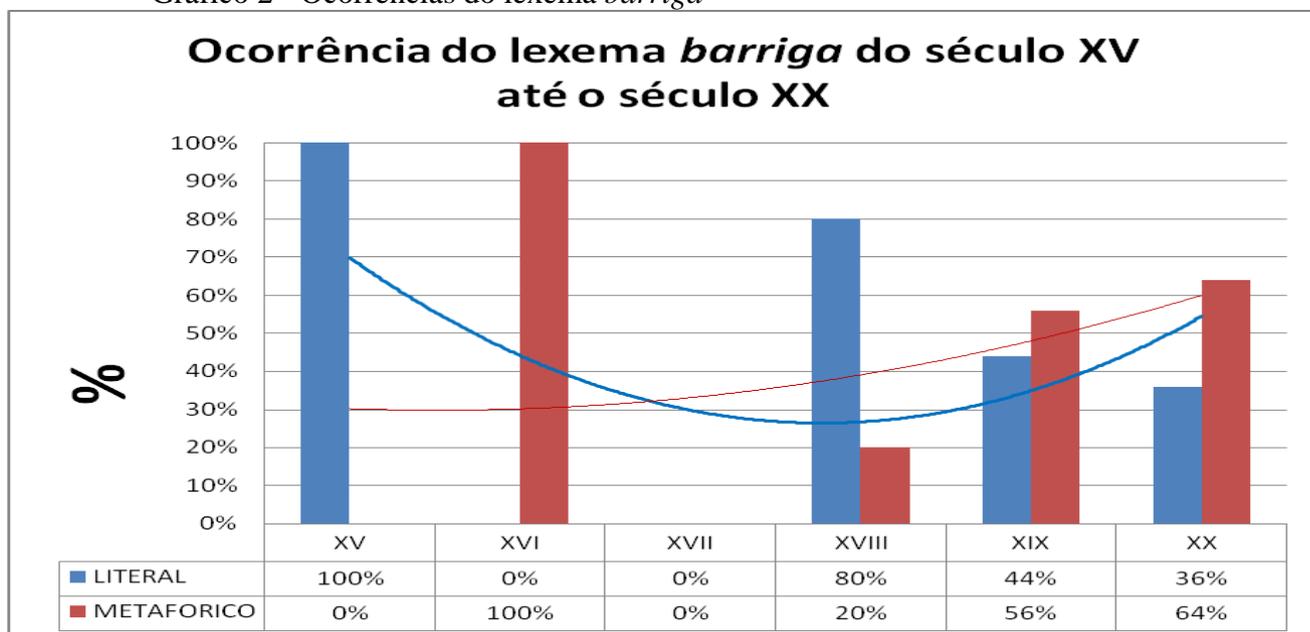
A seguir, iremos continuar a descrição do lexema *barriga*, que apresentou, no *corpus* estudado, uma mudança de ocorrência do mais literal para o mais metafórico ao longo dos séculos.

#### 4.1.2 Caso de Barriga

Tabela 2- Ocorrências do lexema *barriga*

BARRIGA/SÉCULOS	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
LITERAL	1	0	0	4	12	9	26
METAFÓRICO	0	2	0	1	15	16	34
TOTAL	1	2	0	5	27	25	60

Gráfico 2 - Ocorrências do lexema *barriga*



Como podemos observar nos dados da Tabela 2, o mini-corpus do lexema *barriga* é formado pelo total de 1.107 palavras, dentre as quais, *barriga* ocorre 73 vezes. Desse total, foram descartadas as ocorrências repetidas restando 60 para análise. Observando o Gráfico 2, percebemos a irregularidade do lexema, pois no século XV *barriga* aparece apenas uma vez como literal. Entretanto, no século XVI, apesar de o termo também ocorrer apenas uma vez,

ele aparece com o sentido metafórico. No século XVII, o termo *barriga* não ocorre, mas ressurge no século XVIII mais vezes com significado literal, embora nos dois séculos subsequentes, séculos XIX e XX, ele ocorra mais frequentemente como metafórico. As linhas do Gráfico 2 demonstram que tanto a ocorrência literal quanto a ocorrência não literal tendem a aumentar ao longo dos séculos, embora, quantitativamente, o sentido não literal apareça mais vezes. Em seguida, a descrição etimológica do lexema *barriga* ilustrará sua origem.

Segundo Cunha (1999), o lexema *barriga* significa ‘saliência’, ‘ventre’ e ou ‘bojo’. Segundo Machado (1914), o lexema *barriga* deriva do latim *barrica* e significa ‘vasilha’ ou ‘barril’. Além disso, o termo já era utilizado desde o século XV como podemos observar no exemplo abaixo com o sentido literal de ‘ventre’.

(26) ...tintura vermelha pelos peitos e espuas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo; e os vazios com a *barriga* e es...<sup>63</sup>

Como dito anteriormente, nos séculos que se seguem, o uso se do lexema *barriga* caminha em uma direção mais metafórica, como podemos perceber nos dados do século XVI, no qual se apresentam duas ocorrências metafóricas que, à primeira vista, podem ser julgadas como literais. São elas:

(27) ...princesa com o que trazia *na barriga*, a quem parece que a Fortuna

guard

ava pera dar o de...<sup>64</sup>

(28) Este Cabral tinha mais importância em Coimbra do que se trouxesse o rei

na

*barriga* -- porque trazia *na barriga*<sup>65</sup>

Em consonância com a TCM, advogamos que a experiência do próprio corpo serve como base motivadora para a criação de significados e percebemos que as expressões compostas pelo lexema *barriga* apresentam o caráter de metonímia conceptual. Sendo assim, a partir dos exemplos (27) e (28), percebemos que a metonímia, bem como a metáfora, fazem

<sup>63</sup> Identificação no corpus *Carta a El-rei Dom Manuel Sobre o Achamento do Brasil Prosa PVC=1500*

<sup>64</sup> Identificação no corpus *Auto Chamado de Filodemo Teatro LVC=1587*

<sup>65</sup> Identificação no corpus *In Illo Tempore Prosa TC=1902*

parte do sistema conceptual que se baseia em nossas experiências físicas e culturais. Pode-se dizer que no sistema conceptual, se encontram domínios e Modelos Cognitivos Idealizados. Os Modelos Cognitivos Idealizados são estruturas conceptuais, nas quais armazenamos o conhecimento pelo significado. Portanto, nessa pesquisa tratamos a metonímia como parte de um Modelo Cognitivo Idealizado, doravante MCI, para demonstrar o processo cognitivo que permeia o acesso de uma entidade conceptual, por outra unidade conceptual, pertencentes ao mesmo MCI.

Logo, percebemos que, nos exemplos (27) e (28) está representado metonimicamente o MCI da ‘gravidez’. Nesse MCI, a imagem do ventre dilatado é uma das características mais saliente, e os exemplos (27) e (28) evidenciam essa característica reduzindo a ‘gravidez’ à *barriga*. Nessa configuração, a construção *trazer + em + barriga* acessa todo o MCI ‘gravidez’ projetando a imagem da *barriga* dilatada como ventre preenchido com outro ser, exatamente como acontece na gravidez. Esse fato realça a principal característica do MCI e permite a existência de expressões como aquelas demonstradas acima. Assim, entendemos que o padrão sintático *trazer + em + barriga* acessa o MCI ‘gravidez’ e permite que os falantes compreendam esse significado da sentença.

Além disso, a construção *trazer+preposição+determinante+barriga* aponta outro uso metonímico do lexema *barriga*. Nessa segunda construção sintática, o verbo *trazer* acompanha o lexema *barriga* funciona metonimicamente para estar gordo. Sendo assim, encontramos uma metonímia conceptual: TRAZER UMA BARRIGA É ESTAR GORDO que pode ser verificada com o único exemplo encontrado no *corpus*.

(29) ...aqui veo ter de Pisa, não trazia aquela *barriga*,...<sup>66</sup>

O exemplo acima demonstra como metonimicamente parte de um conceito serve para substituí-lo pelo conceito inteiro. Segundo Langacker (1993 apud KÖVECSES & RADDEN, 1999), esse tipo de uso pode ser descrito como ‘active-zone/profile discrepancies’ (zonas ativas/discrepância), na qual uma entidade é compreendida por aquelas porções mais essenciais do seu significado. Sendo assim, estar gordo apresenta uma barriga avantajada como a sua característica essencial e essa forma é atribuída naturalmente ao fato de ‘estar gordo’.

<sup>66</sup> Identificação no *corpus* «Os Estrangeiros Teatro FSM=1595

O último padrão encontrado com o lexema *barriga* é apresentado pela expressão idiomática TER A BARRIGA A DAR HORAS É TER FOME, construção de relativa *fixedness*, nos termos de Deignan & Potter (2003). A relação do horário da alimentação está ligada ao horário em que o estômago ronca e sentimos a fome. Desse modo, podemos considerar que ‘sentir fome’ é um evento formado, por entre outros, pelo subevento da barriga que ronca em um horário regular. Esse subevento é saliente por ser uma reação física natural e, por isso, passa a substituir o evento total ‘sentir fome’. Sendo assim, ao empregarmos expressões como (30) e (31) utilizamos a percepção dos sons produzidos pelo estômago como o horário de alimentar-nos para acessar a percepção da ‘fome’.

(30) vamos jantar que *tenho a barriga a dar horas*<sup>67</sup>

(31) Ouvir dizer, com *a barriga a dar horas* e um inferno na alma<sup>68</sup>

Essa expressão deve ser considerada como construção de relativa *fixedness*, pois como podemos observar, ela não ocorre sempre da mesma maneira, como acontece nas expressões idiomáticas. No exemplo (30), a expressão está acompanhada do verbo ‘ter’ e no exemplo (31), ela está acompanhada da preposição ‘com’, esse fato diminui a grau de *fixedness*. Contudo, esse fato corrobora as observações de Deignan e Potter (2003), que demonstram que uma grande quantidade de expressões metonímicas com partes do corpo que apresentam graus de *fixedness* diferentes. Além disso, Deignan (2005) ressalta que na poesia é comum o uso desse tipo de metonímia, pois por meio dela, os poetas podem descrever um evento por meio de uma situação que pode ser mais ampla e mais universal.

Finalizando, após termos descrito três padrões que envolvem o lexema *barriga*, sendo eles ‘trazer na barriga’, ‘trazer uma barriga’ e a metáfora conceptual TER A BARRIGA A DAR AS HORAS É TER FOME, passaremos agora para a análise do lexema *mão*.

---

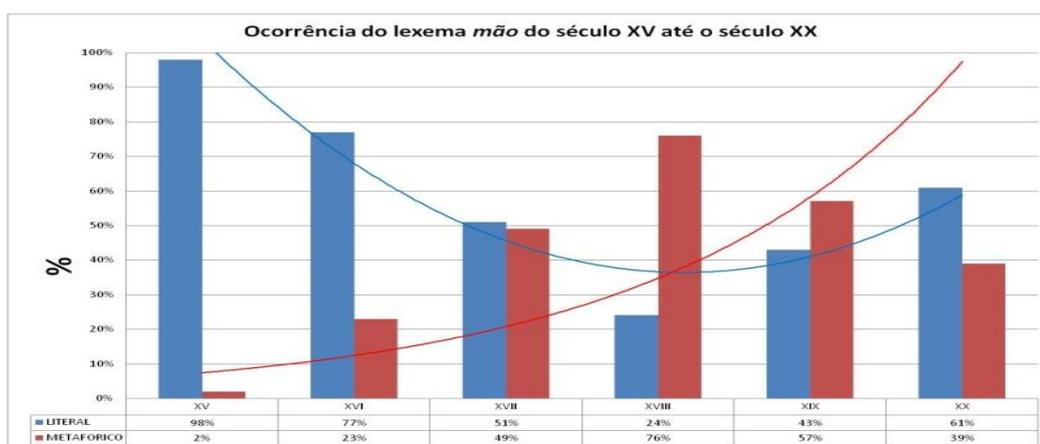
<sup>67</sup> Identificação no corpus *Viagem à Roda da Parvónia Teatro GJ=1879*

<sup>68</sup> Identificação no corpus *A Farsa Prosa RB=1903*

## 4.1.3 Caso de mão

TABELA 3 - Ocorrências do lexema *mão*

MÃO/SÉCULOS	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
LITERAL	50	182	155	102	1273	730	2492
METAFÓRICO	4	55	147	328	1672	470	2676
TOTAL	54	237	302	430	2945	1200	5168

GRÁFICO 3 - Ocorrências do lexema *mão*

O minicorpus do lexema *mão* é composto por 5.168 ocorrências. Como podemos perceber na Tabela 3, o lexema *mão* mostrou ser o item com a mais alta frequência dentre todos os lexemas estudados. A linha vermelha do Gráfico 3 representa a tendência metafórica do termo e, como os dois termos anteriores, *barriga* e *boca*, ele também começa a aparecer nos dados como literal, fica cada vez mais metafórico. Sendo assim, o sentido literal começa alto e vai diminuindo ao longo dos séculos, mas começa se recuperar no século XX, como podemos verificar com a linha azul do Gráfico 3. Etimologicamente, segundo Nascentes (1932), o lexema *mão* é derivado do latim *manus* e significava ‘pata dianteira’ naquela língua. Esse fato demonstra que a criação do significado de alguns itens relacionados ao corpo humano também pode ocorrer pela analogia com os animais. Esse fato pode ser atestado pela alta produtividade do uso do reino animal como domínio-fonte para descrever propriedade e características humanas (KÖVECSES, 2010).

Primeiramente, podemos dizer que o lexema *mão* produziu dados robustos sobre a dependência sintática para gerar o sentido metafórico. O primeiro padrão sintático encontrado é representado pela forma *pela + mão + de*, e essa forma apresenta inúmeras expressões com

o significado não literal e independente do contexto, como podemos visualizar no exemplo (32) e no exemplo (33).

(32) ...alguns deles foram queimados *pela mão* do carrasco...<sup>69</sup>

(33) Vasco foi conduzido *pela mão do infortúnio* de inferno em inferno...<sup>70</sup>

O padrão '*pela + mão + de*' apresenta o significado não literal quando ele pode substituir a locução adverbial 'por meio de'. O padrão estudado pode acompanhar entidades concretas ou abstratas. Quando o que ele acompanha é um lexema que representa uma entidade humana, compreendemos o termo em sintonia com a ação de 'guiar', pois essa ação é metonimicamente conceptualizado pela imagem de 'conduzido pela mão'. Por outro lado, quando o padrão se encontra próximo de uma entidade abstrata, ela é 'personificada' e assume características humanas, permitindo a produção do sentido, como no primeiro caso. Sendo assim, quando nos deparamos com uma sentença parecida como aquela em (32), encontramos um caso de metonímia conceptual. Entretanto, quando achamos uma sentença como (33) ocorre uma 'metáfora de metonímia' nos termos de Goossens (1995). Segundo a definição do autor, uma 'metáfora de metonímia' ocorre quando o sentido metonímico é transferido para um domínio diferente daquele do domínio da metonímia, nesse caso 'infortúnio'.

O segundo padrão que foi analisado é descrito por *de + mão* e ele apresenta duas funções dependentes de seus colocados. Logo, nos dados encontramos *de + mão + adjetivo* com o sentido de adjunto adnominal caracterizando os nomes próximos a ele, como nos exemplos (34) e (35)

(34) Mais dois outros Amigos *de mão cheia*...<sup>71</sup>

(35) Corra-nos vinho, franco, *de mão larga*,...<sup>72</sup>

Observando as sentenças acima, percebemos que o padrão *de + mão + adjetivo* apresenta as características de adjunto nominal com o sentido de adjetivo, logo, podem denominá-lo como uma locução adjetiva. Além disso, podemos dizer que os adjetivos pertencem classicamente a uma categoria metafórica, pois apresentam significados graduais. Sendo assim, se classificarmos os adjuntos adnominais representados pelo padrão *de + mão +*

<sup>69</sup> Identificação no corpus *História da Literatura Portuguesa Vol IV Prosa TB*

<sup>70</sup> Identificação no corpus *Esbocos de Apreciações Literárias Prosa CCB*

<sup>71</sup> Identificação no corpus *Poesias TOMO IV Poesia ACS=1807*

<sup>72</sup> Identificação no corpus *Flores sem Fruto Poesia=AG1845*

*adjetivo* em uma categoria mais próxima dos adjetivos, encontramos o sentido metafórico da expressão. Desse modo, apreendemos que a estrutura sintática apresentada a partir dos colocados gera o sentido metafórico. Além disso, encontramos outro padrão com *de + mão*, esse formado pelo verbo *dar*, logo, *dar + de + mão* assume o significado do verbo ‘abandonar’, como encontramos nos exemplos (36) e (37).

(36) ...ansioso por *dar de mão* ao assunto.<sup>73</sup>

(37) Olha que nós temos sido umas azémolas em *dar de mão* ao Basílio.<sup>74</sup>

Assim, podemos afirmar que apesar de o verbo *dar*, classificado por Gropen *et al.* (1989 apud GOLDBERG, 2006) como um verbo que significa atos de ‘dar’, e desse modo perfilar os papéis de AGENTE (aquele que inicia a ação), um PACIENTE (aquela que sofre o efeito da ação), e um RECIPIENTE (aquele que se beneficia com a ação) e ser sintaticamente representado pela construção bitransitiva ‘X causa Y a receber Z’ (GOLDBERG, 2006), a construção *dar de mão* apresenta o padrão de expressão idiomática de decodificação. Segundo Fillmore *et al.* (1988 apud FERRARI, 2011), uma expressão idiomática de decodificação tem o seu sentido na expressão como um todo. Por isso, o significado não pode ser alcançado apenas pelos itens lexicais individualmente, mas deve ser apreendido com todos os seus itens lexicais que formam a expressão.

Finalmente, iremos analisar o último padrão expresso pelo lexema *mão* encontrado no *corpus*, o padrão *de mão em mão*. Essa expressão representa o movimento de um objeto que alcança várias pessoas. Logo, quando *de mão em mão* aparece próxima aos verbos *correr*, *passar*, *andar*, *vir*, *enviar*, ele contribui para a construção argumental dos mesmos, ancorado nos sentido de movimento que esses verbos apresentam. Esse fato pode ser denominado como uma ‘construção de movimento causado’ e representado pela forma ‘X causa T mover Z’ (GOLDBERG, 2006). Observemos os exemplos (38), (39) e (40)

(38) Ela (envia) *de mão em mão*, e de ano em ano.<sup>75</sup>

(39)... que o ouro corria *de mão em mão*, soavam...<sup>76</sup>

(40)... moedas que passam *de mão em mão*, já não têm curso...<sup>77</sup>

<sup>73</sup> Identificação no corpus *As Pupilas do Senhor Reitor Prosa JD=1867*

<sup>74</sup> Identificação no corpus *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado Prosa CCB*

<sup>75</sup> Identificação no corpus *Poesias TOMO II Poesia ACS=1807*

<sup>76</sup> Identificação no corpus *Eurico o Presbítero Prosa AH*

Sendo assim, podemos classificar a ocorrência do lexema *mão* como uma das partes do corpo que tem a tendência de ganhar o significado a partir da sua construção sintática. O resultado também corrobora a primeira hipótese sobre lexemas que são inicialmente concretos e passam a ter o significado abstrato ao longo do tempo, ainda que no caso de *mão*, no século XX o sentido literal ocorreu com mais frequência. Assim, foram encontrados padrões advindos de estruturas sintáticas em todos os séculos que motivaram expressões metafóricas.

Para finalizar, percebemos que três dos seis dos lexemas pesquisados reforçam a hipótese 1 da pesquisa, pois eles demonstram a tendência de começar mais literais e são empregados cada vez mais abstratos ao longo do tempo. Por outro lado, vejamos os dados correspondentes aos lexemas *cabeça* e *perna* e *pé* que apresentaram um resultado diferente daquele esperado na primeira hipótese, pois ocorrem de maneira irregular, começando mais metafórico no século XV e continuando mais metafórico até o século XX, ou começando no século XV mais literal e se mantendo mais literal até o século XX.

---

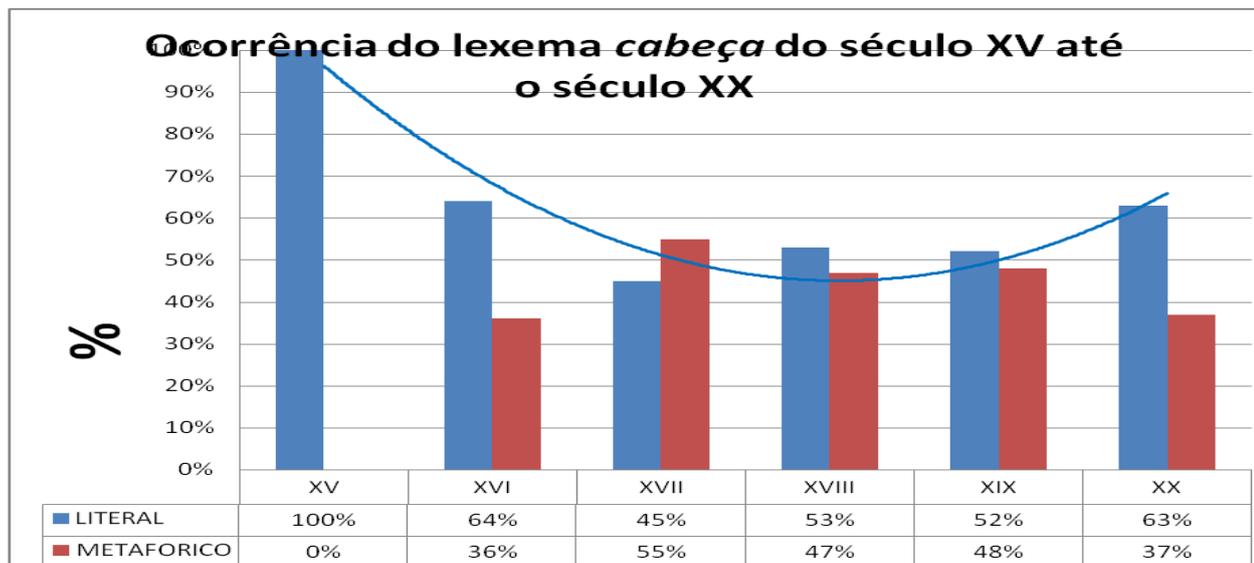
<sup>77</sup> Identificação no corpus «*As Ilhas Desconhecidas Prosa RB=1926*»

## 4.1.4 Caso de cabeça

Tabela 4- Ocorrências do lexema *cabeça*

CABEÇA/SÉCULOS	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
LITERAL	2	57	73	33	556	260	981
METAFORICO	0	32	98	29	514	155	819
TOTAL	2	89	162	62	1070	415	1800

Fonte – Elaborada pela autora da dissertação

Gráfico 4 - Ocorrências do lexema *cabeça*

O minicorpus referente ao lexema *cabeça* é formado por 77.298 palavras, dentre as quais o lexema *cabeça* apareceu 1.990 vezes, e desse total 1.800 ocorrências foram separadas entre literais e metafóricas. Observando a Tabela 4, notamos que o sentido literal do lexema é mais frequente do que seu sentido metafórico em todos os séculos, exceto no século XVII. Logo, visualizamos no Gráfico 4 que, nos séculos XV, XVI e XX, a diferença de literal e metafórico é vasta, mas do século XVII os dados foram mais metafóricos e, nos séculos XVII e XIX, a diferença entre os dois usos ficou equilibrada. Etimologicamente, o lexema *cabeça* origina-se da palavra latina *capitia*, um tipo de vestimenta feminina que cobria a *cabeça* e o peito, segundo Machado (1914).

Os primeiros usos não literais do lexema *cabeça* foram encontrados século XVI, como verificaremos a seguir nos exemplos (41), (42) e (43). Nessas expressões o lexema *cabeça* ocorre dentro de um padrão sintático classificado por Deignan (2005) como o terceiro grupo

de lexemas ligados ao corpo. Nesse grupo, as partes do corpo são sempre qualificadas pela palavra ou das palavras do domínio-alvo.

(41) Hio, *cabeça de grulha*<sup>78</sup>...

(42) Eis aqui, quase cume *da cabeça de Europa* toda.<sup>79</sup>

(43) ...tem a ilustre dignidade de *cabeça de Império*, rica...<sup>80</sup>

Entretanto, a partir das classificações em três grupos propostas por Deignan (2005), encontramos no nosso *corpus* o lexema *cabeça* não apenas como na descrição do terceiro grupo, mas sob padrões que poderiam colocá-lo no grupo um e no grupo dois, visto que o lexema estudado apareceu diretamente como metafórico, isto é, utilizado no lugar de um conceito abstrato, de maneira independente do contexto, e ele também aparece como parte de expressões ‘quase idiomáticas’, como veremos a seguir.

Considerando que inúmeras experiências humanas são derivadas da nossa visão antropocêntrica do mundo (KÖVECESES & RADDEN, 1999), partes do corpo humano são eficientes para conceptualizar experiências abstratas. Assim sendo, o lexema *cabeça* se mostra como ser particularmente adequado para dar forma a conceitos mais abstratos. Logo, encontramos o lexema *cabeça* empregado com o sentido de ‘membro principal’, como verificamos nos exemplos (44), (45) e (46).

(44) A pessoa Real é *a cabeça da República*, como...<sup>81</sup>

(45) Nomeou o Sátrapa *em cabeça de lista* um Juiz<sup>82</sup>

(46) Mas Constantinopla chama-se *a cabeça do Império Romano*<sup>83</sup>

Além disso, encontramos o lexema *cabeça* como parte do mapeamento metonímico CONCRETO no lugar do ABSTRATO, descrito em Köveceses & Radden, (1999), como CORPÓREO no lugar de MENTAL. Nessa conceitualização, *cabeça* fica no lugar de ‘consciência’, como acompanhamos nos exemplos (47), (48) e (49).

<sup>78</sup> Grulha: significa uma pessoa muito faladora. E Identificação no *corpus Auto da Barca do Inferno Teatro GV=1517*

<sup>79</sup> Identificação no *corpus Os Lusíadas Poesia LVC=1572*

<sup>80</sup> Identificação no *corpus Os Lusíadas Poesia LVC=1572*

<sup>81</sup> Identificação no *corpus Corte na Aldeia Prosa FRL=1618*

<sup>82</sup> Identificação no *corpus Obras Tomo IX Prosa FMN=1789*

<sup>83</sup> Identificação no *corpus Memórias Biográfica Prosa=AG1871*

(47) ...te peço senhor *de minha cabeça pelo fresco prado...*<sup>84</sup>

(48) E não há quem lhe *tire isso da cabeça...*<sup>85</sup>

(49) Nunca lhe *passara pela cabeça* que tinha graça<sup>86</sup>

Finalmente, considerando a relação de parte pelo todo, na qual a noção de ‘unidade’ suas ‘partes’ compõe o domínio denominado UNIDADE-E-PARTE, percebemos que o lexema *cabeça* pode ser conceitualmente mapeado como uma pessoa. O uso de alguma parte do corpo no lugar de uma pessoa é uma das mais difundidas conceptualizações metonímicas, e elas são tradicionalmente classificadas como ‘sinédoque’. Nos exemplos (50), (51) e (52), teremos a chance de observar como essa conceitualização aparece em diferentes séculos, já que (52) e (53) correspondem ao século XVII e (54) ao século XIX.

(50) ...porque não quero eu que a minha *cabeça só pague* a vossa inaduerência...<sup>87</sup>

(51) O *rei é a cabeça* dos vassalos...<sup>88</sup>

(52) *Para a cabeça bastou* uma noite como a que veio depois...<sup>89</sup>

O último padrão encontrado para o lexema *cabeça* se refere à sua utilização em expressões linguísticas com padrões sintáticos relativamente fixos. Sendo assim, no século XVII, nos deparamos com o item lexical *cabeça* próximo ao lexema *pé*, como podemos observar nos sermões do Padre Viera<sup>90</sup>.

(53) ...que cada dia de *pés à cabeça* figura...<sup>91</sup>

A expressão *pés à cabeça* é empregada para substituir do advérbio *completamente*. Entretanto, o uso dessa expressão não ocorre sempre da mesma maneira, como veremos nos exemplos (54) e (55). Esse fato demonstra que não podemos classificar essa construção como uma expressão idiomática, mas como uma ‘expressão quase idiomática’. Uma ‘expressão quase idiomática’ na definição de Deignan (2005). Sendo assim, acreditamos que a expressão

<sup>84</sup> Identificação no *corpus Peregrinação Prosa FMP=1614*

<sup>85</sup> Identificação no *corpus Anfitrião ou Júpiter e Alcmena Teatro AJS=1736*

<sup>86</sup> Identificação no *corpus In Ele Tempore Prosa TC=1902*

<sup>87</sup> Identificação no *corpus Peregrinação Prosa FMP=1614*

<sup>88</sup> Identificação no *corpus Sermão da Primeira Domingo do Advento Prosa AV=1655*

<sup>89</sup> Identificação no *corpus Frei Luís de Sousa Teatro=AG1843*

<sup>90</sup> Filósofo, religioso, escrito e orador, foi uma das mais influentes personagens do século XVII em termos de política e oratória, destacou-se como missionário em terras brasileiras.

<sup>91</sup> Identificação no *corpus Sermão da Primeira Domingo do Advento Prosa AV=165*

*pés à cabeça* corresponde à segunda categoria sintaticamente definida por Deignan (2005), porque apesar de a expressão poder ser comparada a uma expressão idiomática no que tange à compreensão do sentido como o todo, além disso, a falta de regularidade nos impede de aceitá-la como uma expressão idiomática lexicalizada.

(54)... é que a tuberculose o ataca *dos pés à cabeça*.<sup>92</sup>

(55) ... um homem armado *da cabeça aos pés*.<sup>93</sup>

Outra expressão quase idiomática que ocorre no *corpus* é *sem pé e sem cabeça*: essa expressão aparece a partir do século XVIII e nela o lexema *cabeça* também aparece próximo do lexema *pé*, contudo com um sentido bem diferente da expressão anterior. Aqui, *sem pé e sem cabeça* significa ‘sem sentido’. Logo, não conseguimos atribuir regularidade sintática a essa construção com lexema *cabeça* próximo ao lexema *pé*, pois bem como aconteceu anteriormente, essa expressão surge com uma variação na posição de seus elementos, há uma variação de colocados, mas sem alterar o sentido. Logo, essa irregularidade pode não modificar o significado da construção, mas a impede de ganhar o status de ‘expressão idiomática’.

(56) A Razão... não tem *pés*, nem *cabeça*.<sup>94</sup>

(57) ...mas a desgraça sua naquele monólogo *sem pés nem cabeça*.<sup>95</sup>

Finalmente, a última construção estudada no *corpus*, a partir do lexema *cabeça*, foi *perder a cabeça* com o sentido de ‘enlouquecer’. Essa construção nos permite chegar à metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA e como obtivemos a confirmação da terceira hipótese da pesquisa, decidimos dedicar a seção 4.3 para um estudo mais detalhado dessa metáfora conceptual. Iremos apenas mostrar um exemplo linguístico dessa ocorrência em (58).

(58) Em piores talas me tenho visto na minha, *sem perder a cabeça*.<sup>96</sup>

Resumindo, na seção 4.1.4, estudamos o lexema *cabeça* no seu uso não literal. Descobrimos que, apesar de encontramos o termo *cabeça* como metafórico, verificamos que

<sup>92</sup> Identificação no *corpus Memórias II Prosa RB=1925*

<sup>93</sup> Identificação no *corpus «Obras Tomo IX Prosa FMN=1789»*

<sup>94</sup> Identificação no *corpus «Obras Completas Tomo X Prosa FMN=1799»*

<sup>95</sup> Identificação no *corpus «Húmus Prosa RB=1919*

<sup>96</sup> Identificação no *corpus «Os Fidalgos da Casa Mourisca Prosa JD=1871*

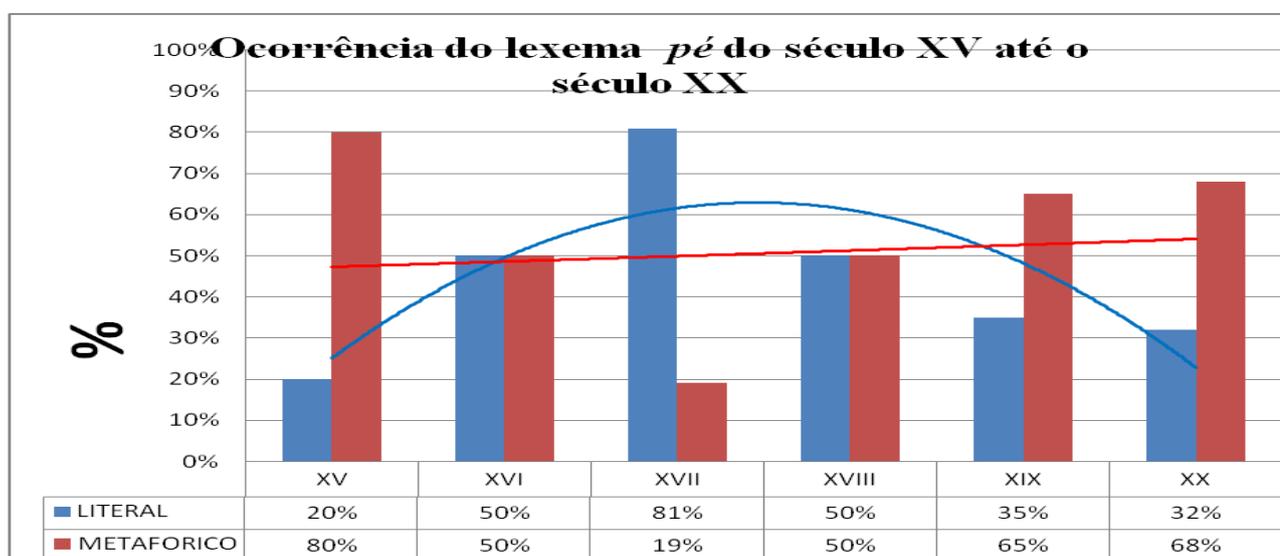
há casos em que ele ocorre com o sentido metafórico em dependência do seu contexto, sendo portanto, dependente do substantivo (ou dos substantivos) que o acompanha para alcançar o sentido não literal. Um olhar mais analítico revela outras construções com o lexema que nos permite interpretá-lo como não literal. Finalmente, descobrimos que o lexema *cabeça* próximo ao lexema *pé* é sintaticamente produtivo gerando diversas expressões metafóricas.

#### 4.1.5 Caso de pé

Tabela 5 - Ocorrências do lexema *pé*

PÉ/SÉCULOS	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
LITERAL	1	24	104	71	730	505	1435
METAFÓRICO	4	24	28	71	1334	1071	2532
TOTAL	5	48	132	142	2064	1576	3667

Gráfico 5 - Ocorrências do lexema *pé*



O *corpus* de ocorrência do lexema *pé* é formado pelo total 187.174 palavras, dentre as quais, o lexema aparece 4.910 vezes. Como se pode visualizar na Tabela 5, do total das ocorrências do lexema *pé*, 3.667 foram classificadas como literais ou como metafóricas. Observando o Gráfico 5, podemos perceber que o lexema *pé* já se encontra no século XV mais vezes com seu sentido metafórico do que literal e segue essa tendência de maneira regular até o século XX, embora, no século XVII, ele não demonstre a mesma disposição dos séculos anteriores e dos posteriores, ao surgir com apenas 20% das ocorrências como

metafórico. Partindo da observação das linhas de concordância referentes ao lexema *pé*, a primeira decisão tomada foi classificar como literal tudo que aparecia com os padrões; *em + pé* e *de + pé*. Essa resolução foi baseada nos achados de Heine (1995 apud Kövecses, 2004), que descreve que, apesar de as relações espaciais servirem comumente como domínio fonte em metáforas conceptuais como FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, também ocorre o contrário, quando as relações espaciais são conceptualizadas como domínio-alvo a partir de outros domínios mais concretos, a saber, o domínio corporal. E quando isso acontece, utilizamos principalmente as partes do corpo. Segundo o autor, experiências básicas como as relações espaciais conceptualizadas pelas partes do corpo emergem como literal em diferentes línguas, no sentido que em essas culturas conceptualizam essas relações por meio do corpo. Em português especificamente, sabemos que não há um verbo que corresponda à posição ‘de pé’, logo, reconhecemos que essa relação espacial com a posição ‘vertical’ é categorizada com a parte do corpo *pé*, como entendemos a partir dos exemplos (59) e (60).

(59) Homem *de pé*.<sup>97</sup>

(60) ...nem havia homem que se pudesse *ter em pé*.<sup>98</sup>

Assim, inicialmente, acreditamos que esse fato poderia implicar a existência de uma maioria de dados literais, mas isso não se sucedeu, como podemos observar na Tabela 5, na qual notamos que a maior parte dos dados não é literal. Traçando uma explicação etimológica, segundo Machado (1914), o lexema *pé* originado do latim *pede* e significando ‘peão’, pedestre e alguém que vai a pé. Além dessa definição, localizamos em Cunha (1999) a descrição do lexema *pé* como aquilo que permite a posição vertical. Desse modo, após o exame das descrições etimológicas do item, mantivemos a decisão de manter os padrões *em + pé* e *de + pé* como literais. Dando sequência à pesquisa e após a separação das ocorrências literais das não literais, buscamos analisar os padrões daquelas não literais, como veremos a seguir.

Primeiramente, encontramos o lexema *pé* como parte de expressões linguísticas, em que entidades não humanas são concebidas como humanas. Esse tipo de conceitualização é denominado ‘personificação’. Segundo Kövecses (2010), a ‘personificação’ é um tipo de metáfora classificada como ontológica, nos termos de Lakoff & Johnson (1980), na qual

<sup>97</sup> Identificação no corpus *Auto da Índia Teatro GV=1509*

<sup>98</sup> Identificação no corpus *Relato da Mui Notável Perda do Galeão Grande "S João» Prosa ANO»*

qualidades e características humanas servem como base para entidades não humanas, como veremos nos exemplos (61), (62), (63) e (64).

(61) Um Grande do *pé do Tejo*.<sup>99</sup>

(62)... se fossem pôr ao *pé de umas árvores* que...<sup>100</sup>

(63) ...nasce ao *pé de uma coroa de penedos*, coberta da sombra...<sup>101</sup>

(64) Vejo no *pé desta árvore* frondosa...<sup>102</sup>

O rio Tejo, as árvores e as pedras não são seres humanos, portanto não podem ter um *pé*, mas, no momento em que concebemos essas entidades da natureza por meio da ‘personificação’, somos capazes de compreender o sentido do lexema *pé* nas sentenças acima como a parte inferior delas, pois, sabendo que o *pé* é a parte mais baixa do corpo humano, mapeamos o *pé* como a parte mais baixa das entidades não humanas.

Em seguida, classificamos duas construções das quais o lexema *pé* faz parte e percebemos que ambas substituem advérbios. A primeira, *ao pé de* substitui um advérbio de lugar, enquanto *pé ante pé* substitui um advérbio de modo. Começaremos primeiramente com a construção utilizada como uma locução adverbial de lugar, *ao pé de*. A pesquisa revelou como metafórica a construção *ao pé de*, pois encontramos esse padrão sintático sempre com o sentido metafórico de ESTAR PERTO É ESTAR AO PÉ. Essa construção ocorre 1.986 vezes, isto é, em 54% do total das ocorrências. A realização da construção *ao pé de* substitui o advérbio de lugar *perto*, como se pode evidenciar nos exemplos (65), (66), (67) e (68).

(65) ...que lhe primeiro pregaram, armaram *altar ao pé dela*.<sup>103</sup>

(66) E *ao pé dele* deitado...<sup>104</sup>

(67)...a esse chamou logo para *ao pé de si*...<sup>105</sup>

(68)...restauração o viu *ao pé do trono* da rainha...<sup>106</sup>

<sup>99</sup> Identificação no corpus *Profecias do Bandarra, Sapateiro de Trancoso Poesia B*

<sup>100</sup> Identificação no corpus *Relato da Mui Notável Perda do Galeão Grande "S João» Prosa ANON*

<sup>101</sup> Identificação no corpus *Corte na Aldeia Prosa FRL=1618*

<sup>102</sup> Identificação no corpus *Obras Vol I Poesia DRQ»*

<sup>103</sup> Identificação no corpus *Carta a El-rei Dom Manuel Sobre o Achamento do Brasil Prosa PVC=1500*

<sup>104</sup> Identificação no corpus *Poesias TOMO III Poesia ACS=1807»:*

<sup>105</sup> Identificação no corpus *Helena Prosa=AG18??»*

A construção *ao pé de* substitui o advérbio *perto*. Sendo assim, podemos considerá-la como uma ‘expressão quase idiomática’. Ela deve ser considerada uma expressão ‘quase idiomática’, porque apesar de ser composta por três palavras, que apresentam agrupadas um significado único e diferente daquele de cada item separado, a construção *ao pé de* não é gramaticalmente fixa, porque duas de suas partes podem pluralizar sem alterar o sentido, de ‘perto’. Assim, nomeamos casos como esse de ‘expressão quase idiomática’ (*expressions closed to idioms*). Logo, após essa descrição, observa-se que o lexema *pé* se encaixa na classificação de segundo grupo de Deignan (2005). Nesse grupo, os lexemas são dependentes da sua estrutura sintática para apresentar o sentido metafórico. Esse padrão pode ser considerado como semifixo, pois se o lexema *pé* estiver no plural, a interpretação também seria metafórica, comprovando que há um grau de *fixedness* e é fato que nos mostra como o significado metafórico acompanha a composição sintática.

A segunda construção metafórica encontrada junto ao lexema *pé* revelou uma expressão idiomática, *pé ante pé*, pois ela aparece com sentido de advérbio de modo ‘devagar’. Note-se que a construção *pé ante pé* apresenta uma formação composicional, de significado não transparente, pois, para apesar de conhecermos o significado dos termos separadamente, juntos eles ganham um significado novo. Além disso, a expressão é lexicalmente fixa. Vejamos o funcionamento da expressão nos exemplos (69), (70), (71) e (72), abaixo:

(69) E, como te já disse, a tudo vai *pé ante pé*.<sup>107</sup>

(70) Enquanto lhe penetras a medula, *pé ante pé* irei na tua mula.<sup>108</sup>

(71) Desce as escadas *pé ante pé*,<sup>109</sup>

(72) Entrar, *pé ante pé*, no teu quarto, não te desperta<sup>110</sup>

Os dados do *corpus* demonstraram que *pé ante pé* é uma expressão idiomática. Segundo os parâmetros de Fillmore *et al.* (1988 apud FERRARI, 2011), essa expressão idiomática seria de ‘codificação’, pois em consonância às regras do português, estabelecemos um código para criar a correspondência entre ‘devagar’ e a expressão *pé ante pé*. Ademais, ela

<sup>106</sup> Identificação no corpus *Memórias Biográficas Prosa=AG1871*»:

<sup>107</sup> Identificação no corpus *Os Vilhalpandos Teatro FSM=1595*

<sup>108</sup> Identificação no corpus *Poesias TOMO II Poesia AdJ 1787*

<sup>109</sup> Identificação no corpus *Um Auto de Gil Vicente Teatro=AG1838*

<sup>110</sup> Identificação no corpus *A Tragédia da Rua das Flores Prosa EQ19??*

é gramatical no que tange a sua construção *substantivo + preposição + substantivo*, se consideramos que no português os nomes podem ser sucedidos de uma preposição. Finalmente, podemos dizer que essa forma é ‘substantiva’, nos termos de Fillmore *et al.* (1988) pois ela é fixa e está dentro do seu quadro sintático-genérico. Não é possível colocar outros elementos para estabelecer um sentido semelhante.

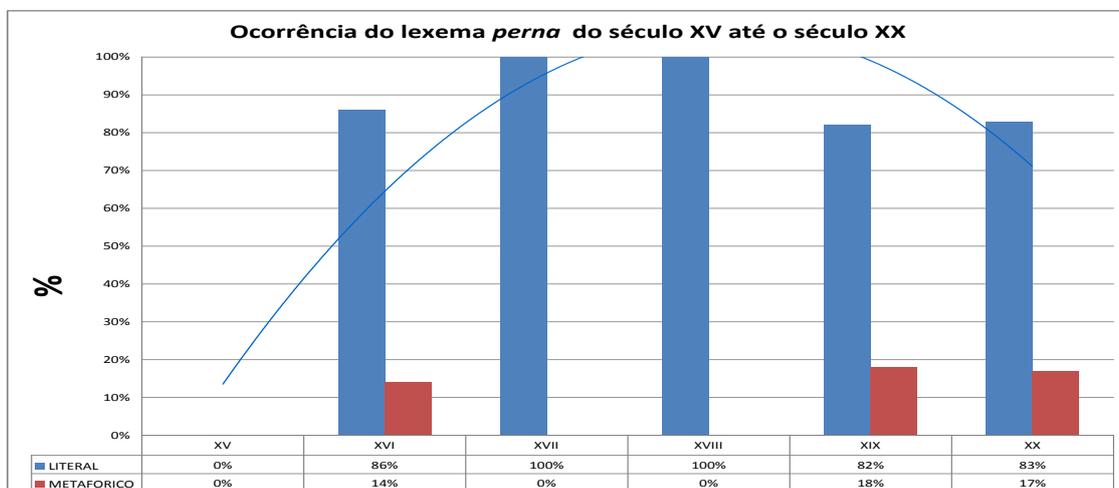
Resumindo, nessa seção analisamos o lexema *pé* com suas construções conceituais. Primeiramente, observamos como *pé* é empregado de maneira não literal, mas metaforizado ontologicamente pela ‘personificação’. Em seguida, analisamos os padrões de *ao pé de* e *pé ante pé*, descobrindo que a primeira construção é uma quase expressão idiomática, pois cumpre apenas alguns parâmetros para aquilo que nomeamos expressão idiomática, enquanto a construção *pé ante pé* desempenha todos os parâmetros de uma expressão idiomática. Seguiremos agora para a descrição do lexema *perna* e suas construções com sentido não literal.

#### 4.1.6 O caso de *perna*

TABELA 6- Ocorrências do lexema *perna*

PERNA/SÉCULOS	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	TOTAL
LITERAL	0	6	1	7	36	24	74
METAFORICO	0	1	0	2	14	11	28
TOTAL	0	7	1	9	50	35	102

Gráfico 6- Ocorrências do lexema *perna*



O *corpus* preparado para a análise do lexema *perna* é composto por 5.417 palavras, dentre as quais o lexema estudado aparece 104 vezes. Como podemos observar na Tabela 6, examinamos 102 do total de 104 ocorrências. Considerando os seis lexemas estudados nesta pesquisa, notamos que o lexema *perna* é o único que não aparece em todos os séculos, pois ele não ocorre no século XV. Além disso, ele é sempre mais literal do que metafórico, chegando a ocorrer somente como literal no século XVII. Etimologicamente, segundo Machado (1914), o lexema *perna* vem do latim vulgar e significava ‘perna de porco / pernil’.

Primeiramente, percebemos que o lexema *perna* é o menos produtivo para a formação de expressões metafóricas dentre os cinco anteriores. O primeiro padrão encontrado foi no século XVI e se repetiu no século XX, no qual *perna* foi metonimicamente relacionado a uma ‘pessoa’, como podemos observar nos exemplos (73) e (74).

(73) ...que nenhũa pedra, *nem perna*, nem pé, te pode fazer ofensa...<sup>111</sup>

(74) Porque *uma perna* não sofre.<sup>112</sup>

Segundo Kövecses & Radden (1999), a metonímia PARTE pelo TODO ganhou bastante atenção dos pesquisadores. Conhecida como sinédoque, ela é frequentemente sistematizada em estudos sobre a metonímia. Contudo, nesta pesquisa, o caso específico da metonímia ‘sinédoque’ é particularmente interessante, porque ela parece apresentar uma grande afinidade com os lexemas que descrevem as partes do corpo, já que o uso de parte do corpo substituindo ‘pessoa’ é bem difundido. Por isso, se visualizarmos os exemplos (73) e (74), perceberemos que *perna* foi emprego no lugar de ‘pessoa’.

O segundo padrão encontrado no *corpus* ocorreu apenas nos séculos XIX e foi descrito pela construção *dar à perna* que resultou na metáfora conceptual FUGIR É DAR À PERNA como podemos observar nos exemplos (75) e (76) a seguir.

(75) ...e não estavam para flostrias, *deram à perna*...<sup>113</sup>

(76) ...que na boda não *desse à perna*...<sup>114</sup>

<sup>111</sup> Identificação no corpus «*Auto da História de Deus Teatro GV=1527*»:

<sup>112</sup> Identificação no corpus «*A Confissão de Lúcio Prosa MSC=1913*»:

<sup>113</sup> Identificação no corpus «*Contos Tradicionais do Povo Português Vol I Prosa TB=1883*»:

<sup>114</sup> Identificação no corpus «*Os Meus Amores Prosa TC=1891*»:

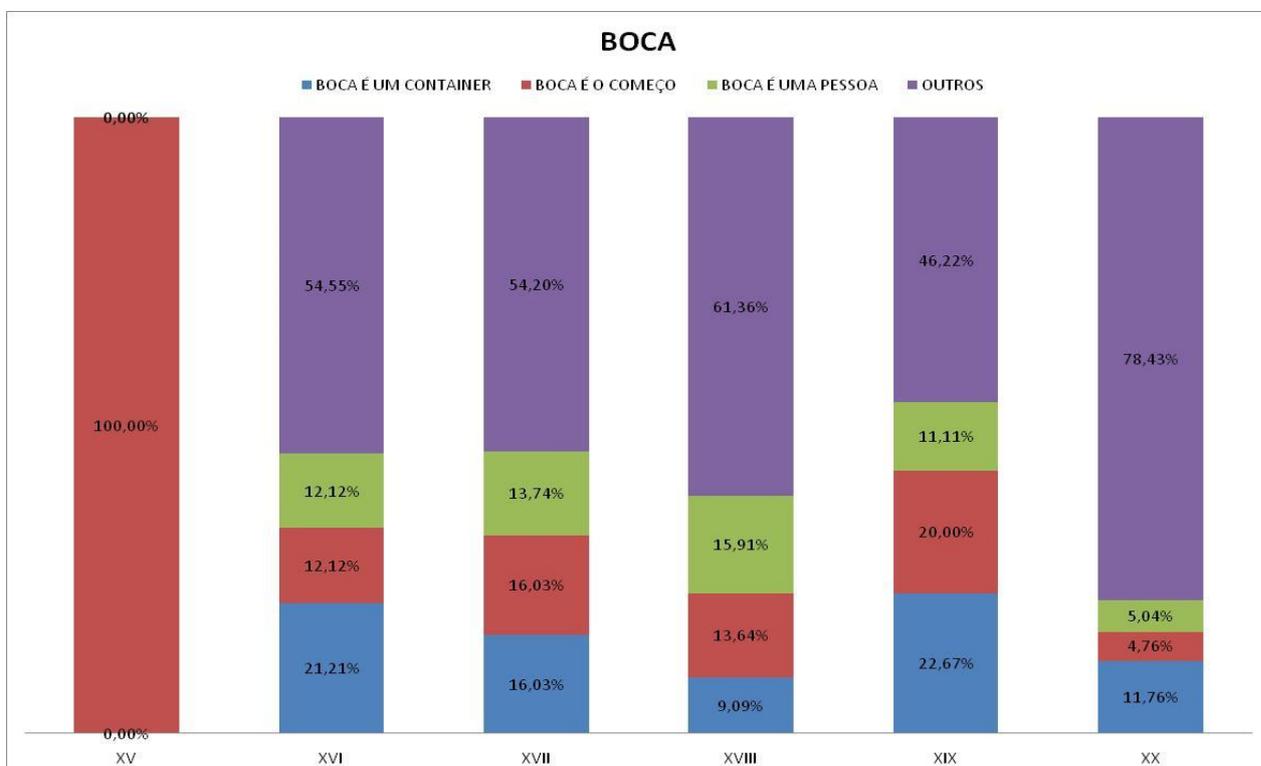
Considerando o modelo de Goldberg (1995), construções formadas pelo verbo ‘dar’ podem ser consideradas bitransitivas, como aponta a representação [SUJ [V OBJ OBJ2]]. Assim, esperamos encontrar um AGENTE como sujeito, BENEFICITÁRIO como objeto e finalmente um TEMA como objeto dois. Entretanto, não é isso que aconteceu nessa construção, pois aqui, o verbo ‘dar’ é seguido da preposição ‘a’, acompanhado do lexema *perna*, criando um significado específico, ‘fugir’. Desse modo, não há um BENEFICITÁRIO e o TEMA não é um objeto, mas nessa construção, *dar à perna* funciona como uma locução verbal que substitui o verbo *fugir*.

#### 4.1.7 Conclusão

Nesta seção, evidenciamos a existência de metáfora e metonímia conceituais por meio dos seis lexemas pesquisados. Demonstramos por meio dos gráficos e das tabelas as ocorrências literais e metáforas dos termos. Além disso, apresentamos alguns padrões frequentes. Nessa primeira parte, confirmamos o potencial empírico de estudos que empregam *corpus* computadorizado. Seguiremos agora para a seção 4.2, na qual verificamos as principais conceptualizações dos lexemas *boca*, *barriga*, *mão*, *cabeça*, *pé* e *perna* ao longo do século XV até o século XX.

## **4.2 Extensões metonímicas e metafóricas dos lexemas boca, barriga, cabeça, pé e perna**

Esta seção aponta diacronicamente quais foram as principais extensões metonímicas e metafóricas dos lexemas estudados. Após ter separado os sentidos literais dos não literais na seção anterior, exploraremos alguns daqueles padrões e suas ocorrências ao longo do tempo. Desejamos aqui organizar os dados, a fim de buscar evidências que respondam a hipótese 2, metáforas conceituais podem revelar posições paradigmáticas dos momentos históricos que representam e, a hipótese 3, se eventos sociais podem convencionalizar metáforas. Vejamos agora quais conceptualizações envolvem *boca*, *barriga*, *cabeça*, *pé* e *perna* do período de cinco séculos.

4.2.1 Caso de *boca*Gráfico 7- Ocorrências das principais conceptualizações do lexema *boca*

O Gráfico 7 apresenta o lexema *boca* em três conceitualizações distintas do século XV até o século XX. Na primeira conceitualização catalogada, encontramos o sentido literal de *boca* como ‘cavidade’ em expressões metafóricas. A segunda descoberta foi a metonímia conceptual BOCA no lugar de COMEÇO e, finalmente, analisamos outra metonímia conceptual representada por UMA PESSOA É UMA BOCA.

Começaremos pela análise de BOCA por COMEÇO, porque em termos de extensão temporal, ela ocorre do século XV até o século XX, sendo, portanto, a conceitualização mais frequente. No século XV, há três ocorrências metafóricas e, em todas, aparece BOCA por COMEÇO. Em seguida nos séculos XVI e XVII, aparece com 12% e com 16% respectivamente. No século XVIII, a ocorrência começa a diminuir, mas, no século XIX, encontramos a mais alta frequência e, finalmente, no século XX a ocorrência cai significativamente para apenas 4% das expressões metafóricas. Em primeiro lugar, observamos que essa metonímia conceptual é bastante produtiva em relação aos domínios nos quais ela ocorre, visto que ela gera um grande número de expressões de conceitualização

metonímica, relacionadas entre outros a diferentes domínios, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(77) ...mãdou logo â *boca da noite* dous balo...<sup>115</sup>

(78) ...na *boca da barra* defronte de hua pouoaça...<sup>116</sup>

(79) ... da ansiedade Ouviria da *boca do luar*...<sup>117</sup>

(80)... gravata, se chegava para a *boca do teatro*, cada um se apressurava a tomar o seu assento.<sup>118</sup>

Considerando os quatro exemplos acima, nos quais encontramos BOCA por COMEÇO, percebemos que o lexema *boca* próximo da construção *de + substantivo* passa a ser modificado pelo substantivo posterior e adquire o sentido de começo. Nessa conceitualização, o sentido de *boca* como o começo se refere à entrada no domínio-alvo, pois, para compreendermos as expressões acima, é preciso reconhecer que *boca* é metonimicamente conceitualizado a partir da nossa experiência concreta como a entrada para os alimentos, ou como a parte pela qual começa o processo digestivo. Acessamos o domínio-alvo pelo substantivo que acompanha o lexema *boca* e identificamos se o seu sentido é metafórico ou literal nessa relação.

O lexema *boca* também pode ser utilizado de maneira literal para compor expressões metafóricas. Isso acontece quando ele é empregado com o sentido de contêiner. Esse uso ocorre com uma frequência de 10% a 20% do total de todos os usos metafóricos do lexema *boca* do século XVI até o século XX. Como veremos nos exemplos (81) e (82), o lexema *boca* funciona como uma cavidade, um buraco, e esse uso pode ser considerado literal, mas, estando ele próximo aos verbos *trazer* e *sair*, o interpretamos metonimicamente como um buraco cheio ou vazio. Considerando que um buraco é um contêiner devido à semelhança de suas formas, pois ambos contêm uma base, dois lados e uma entrada vazia, percebemos que a imagem conceitual do contêiner autoriza expressões como, *trazer na boca* ou *sair da boca*, sendo assim, é metaforicamente conceitualizado pela a ação de emitir uma opinião. Portanto,

<sup>115</sup> Identificação no corpus *Peregrinação Prosa FMP=1614*

<sup>116</sup> Identificação no corpus *Peregrinação Prosa FMP=1614*

<sup>117</sup> Identificação no corpus *Livro de Soror Saudade Poesia FE=1923*

<sup>118</sup> Identificação no corpus *Obras Completas Tomo X Prosa FMN=1799*

emitir uma opinião é uma ação abstrata metaforizada em *trazer na boca* ou *sair da boca*, em termos de objetos que saem e entram no contêiner.

(81) ...que todos *trazem na boca* e ninguém por obra..<sup>119</sup>.

(82) ...que *sai da boca* de outrem.<sup>120</sup>

No exemplo (83), também percebemos o literal do lexema *boca* como parte da conceptualização metafórica, mas, nesse caso, ele funciona um pouco diferente. Aqui a *boca* é literalmente o órgão pelo qual nos alimentamos. Todavia, em (83), *tirar da boca o pão para dar para alguém* não é reconhecido como um ato real, mas é conceitualmente compreendido como o ato de fazer deliberativamente renúncias às próprias necessidades em benefício de outrem. Infelizmente, não há nada na expressão que nos permita dizer se esse é literal ou metafórico. Por isso, para determiná-lo como metafórico é preciso mencionar que convencionalmente em português, encontramos a expressão *tirar da boca para dar para alguém* sempre em contextos imaginários e não reais.

(83) ...que tira o pão da *boca* para o dar aos filhos...<sup>121</sup>

Então, como se pode observar, as expressões acima demonstram as inferências feitas a partir do lexema *boca*: primeiro, como o órgão destinado à alimentação e, em seguida, quanto à sua forma de contêiner. Desse modo, percebemos que a imagem do contêiner cheio ou vazio e por onde algo pode ‘sair’, ‘entrar’ ou ‘estar’, permite que conceptualizemos *boca* para criar expressões não literais.

Finalmente, o terceiro caso de conceptualização mais frequente é a personificação UMA PESSOA É UMA BOCA. Essa metonímia conceptual ocorre do século XVI até o século XX. Conceitualizar o ser humano por uma parte do corpo demonstra um dos principais princípios cognitivos básicos de produção das metonímias, na qual uma entidade é compreendida por uma de suas partes. Sendo assim, o uso metonímico de boca por pessoa ocorre com o mapeamento intra-domínio, no qual uma pessoa representa um domínio completo e em relação de continuidade, o seu significado é mapeado para uma parte, nesse caso, *boca*. Logo, visualizamos que a mesma relação feita em PARTE DE X por X acontece em BOCA por PESSOA. Sendo assim, observamos que o lexema *boca* é metonimicamente

<sup>119</sup> Identificação no *corpus Os Estrangeiros Teatro FSM=1595*

<sup>120</sup> Identificação no *corpus Obras Completas Tomo X Prosa FMN=1799*

<sup>121</sup> Identificação no *corpus El-Rei Junot Prosa RB=1903*

mapeado pelo processo da sinédoque, que consiste na utilização da parte no lugar do todo. Os dados a esboçam essa definição:

(84) ...é verdade que *a boca diz* quanto lhe manda o coração<sup>122</sup>

(85) ..., sempre *a boca fala* tarde quando madruga o desejo.<sup>123</sup>

A utilização metonímica de *boca* por uma pessoa aparenta ser natural, pois o MCI de ‘coisa-e-parte’ é convencionalizado na linguagem (KÖVECSES & RADDEN, 1999). Além disso, notamos uma maior naturalidade nas sentenças dos exemplos como (84) e (85), porque aceitamos facilmente que algo abstrato como ‘falar’ e ‘dizer’ possa ser substituído por partes mais concretas, nesse caso *boca*.

A primeira expressão idiomática encontrada entre os séculos XIX e XX no *corpus* foi *de boca em boca*. Essa expressão ocorreu 15 vezes e representa um modo convencionalizado para se referir à maneira como algum conhecimento é passado de modo descuidado para várias pessoas. Denominamos *de boca em boca* como uma expressão idiomática porque ela é lexicalmente e gramaticalmente fixa, em consonância com os padrões sintáticos do português. Além disso, designamos expressões idiomáticas como enunciados não composicionais e os quais os falantes automaticamente aprendem ‘em bloco’ para compreender o significado. Dentro da tipologia estabelecida por Fillmore *et al.* (1988 apud FERRARI, 2011) podemos dizer que a expressão *de boca em boca* apresenta os parâmetros de ‘codificação’, pois ela é regular em relação ao uso e funciona de acordo com os padrões sintáticos da língua, permitindo aos falantes que a decodifiquem facilmente. Ela é extragramatical, porque não obedece à regra comum da gramática, na qual a preposição *de* representa um ponto de partida e espera-se ser seguida pelas preposições *a* ou *para* a fim de marcar o ponto final. Não obstante, nessa expressão idiomática a preposição que ocorre após *de* é *em*. A expressão *de boca em boca* é formal, ainda nos termos de Fillmore *et al.* (1988 apud FERRARI, 2011), porque cria uma moldura sintática genérica que pode ser preenchido por outros itens lexicais. Os exemplos referentes a essa explicação serão encontrados na análise do item *mão*.

(86) Quão cheio de louvores e de glória Voareis *de boca em boca*<sup>124</sup>

(87) Esta nova passou *de boca em boca*, a ponto<sup>125</sup>

<sup>122</sup> Identificação no *corpus Gramática da Linguagem Portuguesa Prosa FO=1536*

<sup>123</sup> Identificação no *corpus Anfitrião ou Júpiter e Alcmena Teatro AJS=1736*

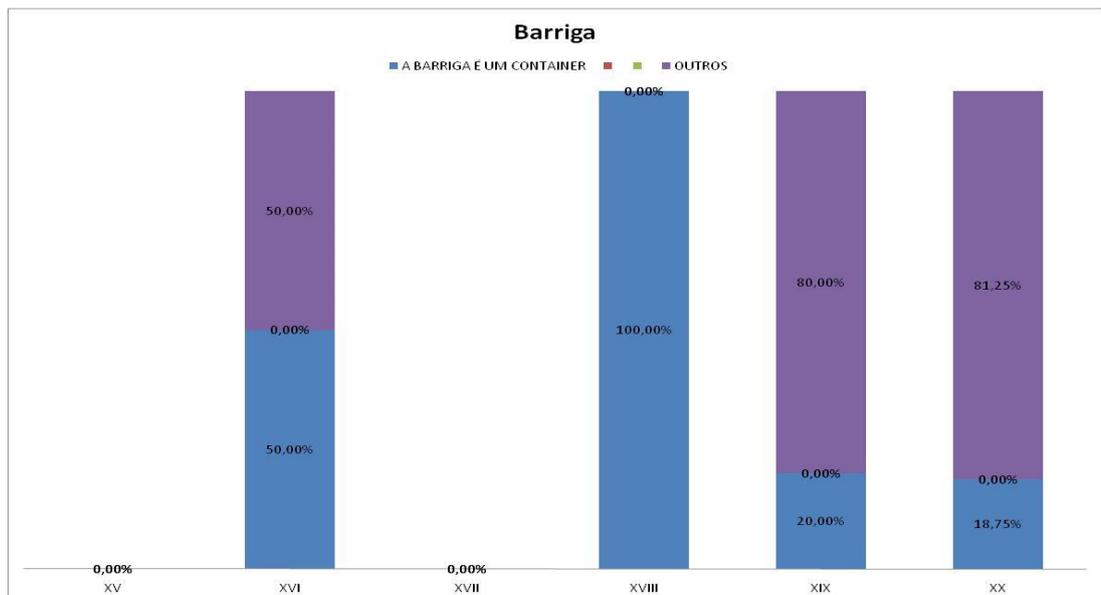
<sup>124</sup> Identificação no *corpus Poesias TOMO III Poesia ACS=1807*

(88) Era este o nome que soava *de boca em boca*, mais com inveja do que hostilidade<sup>126</sup>

Resumindo, o item 4.21 demonstrou as conceitualizações mais frequentes relacionadas ao lexema *boca*. Nessa parte, descrevemos BOCA por COMEÇO, o lexema *boca* com o sentido literal, mas fazendo parte de expressões metafóricas, a metonímia conceptual UMA PESSOA É UMA BOCA e, finalmente, a expressão idiomática *de boca em boca*. Logo, iremos agora para o item 4.2.2 para discutir a conceptualização mais frequente relacionada ao lexema *barriga*.

#### 4.2.2 Caso de *barriga*

Gráfico 8- Ocorrência da principal conceptualização do lexema *barriga*



A investigação do lexema *barriga* apresentou apenas uma metonímia conceptual que ocorreu nos séculos XVI, XVIII, XIX e XX: A GRAVIDEZ É A BARRIGA. Considerando a gravidez como um MCI estruturado e composto por diferentes efeitos, percebemos que provavelmente o mais saliente deles está ligado ao crescimento da barriga. Nesse caso, podemos dizer que o efeito de ter a barriga aumentada está tão próximo da causa, isto é, da gravidez, que acaba criando uma dependência indissociável entre os fatos e produzindo a

<sup>125</sup> Identificação no corpus *A Morgadinha dos Canaviais Prosa JD=1868*

<sup>126</sup> Identificação no corpus *Viriato Prosa TB=1904*

metonímia EFEITO pela CAUSA, nesse caso, BARRIGA pela GRAVIDEZ. Sendo assim, observamos nos exemplos abaixo como o efeito serve de veículo para acessar a causa. Dito de outro modo, como o lexema *barriga* enquadra a gravidez.

(89) á princesa com o que *trazia na barriga*,<sup>127</sup>

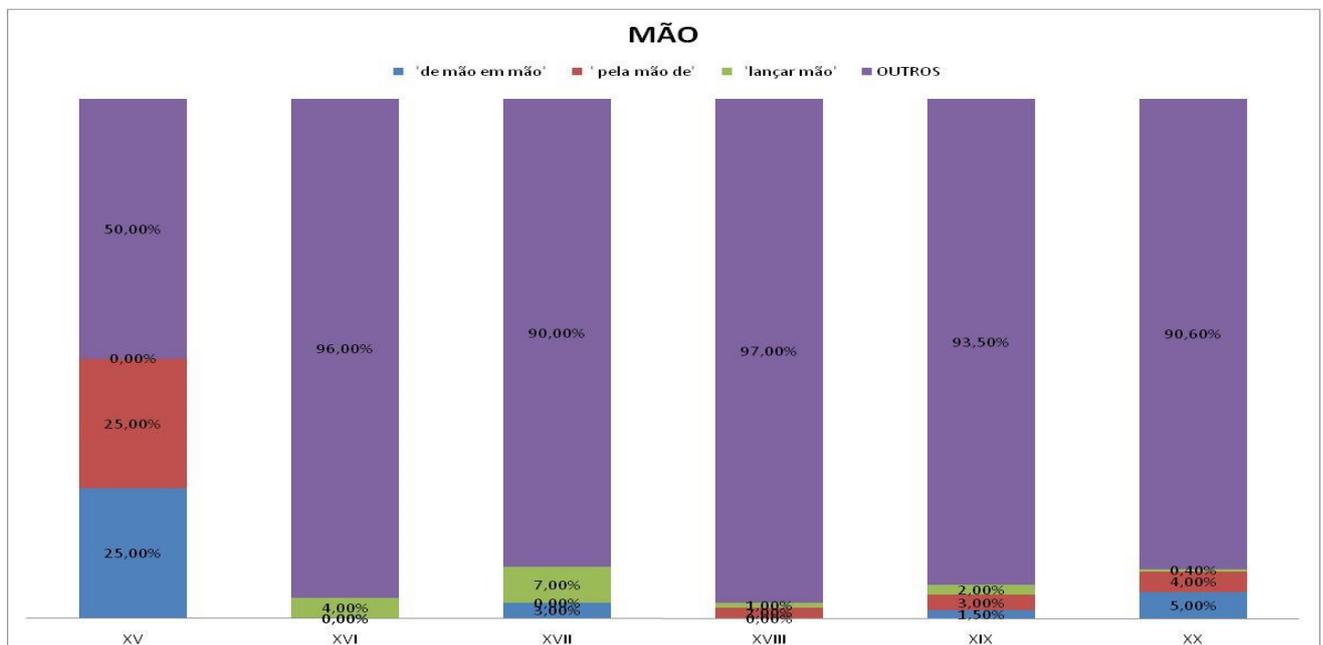
(90) quando *nasci da barriga* de minha<sup>128</sup>

(91) que te fadou *na barriga* da mãe<sup>129</sup>

Resumindo, no item 4.2.2 foi apresentada a única conceptualização frequente do lexema *barriga*, A GRAVIDEZ É A BARRIGA. Aqui foi discutido a proximidade conceptual que o efeito tem sobre a causa, permitindo a produção de expressões como aquelas apresentadas nos exemplos (89), (90) e (91).

#### 4.2.3 Caso de mão

GRÁFICO 9- Ocorrências da principal metáfora conceptual com lexema *mão*



O GRÁFICO 9 representa as conceptualizações mais regulares ao longo dos séculos para do lexema *mão*. Na seção 4.1.3, descrevemos algumas construções sintáticas que

<sup>127</sup> Identificação no corpus *Auto Chamado de Filodemo Teatro LVC=1587*»

<sup>128</sup> Identificação no corpus *Anfitrião ou Júpiter e Alcmena Teatro AJS=1736*»

<sup>129</sup> Identificação no corpus *Crónica Certa e muito Verdadeira de Maria da Fonte Prosa AFC=1846*

empregam o lexema *mão*. Agora, exploraremos os padrões *de mão em mão*, *pela mão de*, *lançar mão* sob uma perspectiva diacrônica. Considerando todos os itens analisados nessa pesquisa, percebemos que ao ocorrer de maneira não literal, o item *mão* tem a forte tendência de estar dependente dos seus colocados, em um padrão semifixo. Sendo assim, vejamos primeiramente o padrão *de mão em mão*.

A construção *de mão em mão* se refere ao movimento de um objeto, que passa para várias pessoas em um curto período tempo. Essa expressão ocorre 58 vezes no minicorpus preparado para o estudo do lexema *mão* e como podemos observar no Gráfico 9, ela aparece no século XV, não ocorre no século XVI, mas volta a surgir do século XVII, salta o século XVIII e continua no século XIX até o século XX. Vejamos alguns exemplos:

(92) ... fora de casa quomo ouue estes, & *de mão em mão* corre o profaça,..<sup>130</sup>

(93) ... nestas semelhanças e passarem *de mão em mão*, não haverá quem nos desapegue.<sup>131</sup>

(94) O pergaminho passou rapidamente *de mão em mão*.<sup>132</sup>

Verificamos que essa construção pode ser considerada uma expressão idiomática, pois ela se enquadra na descrição de Fernandez (1996 apud DEIGNAN, 2005:195) que declara: “Expressões idiomáticas são unidades, cujos componentes não podem variar ou variam dentro de um limite”<sup>133</sup>. Além disso, percebemos que *de mão em mão* apresenta outras características que a determinam como expressão idiomática. Primeiramente, notamos que ela é composta por mais de uma palavra, ela é lexicalmente fixa. Destarte, todas as partes da expressão só podem ser substituídas por um sinônimo que se refira ao sentido da expressão completa e não apenas a uma de suas partes. Ademais, ela é gramaticalmente fixa na medida em que não pode ser passivizada e nem pluralizada sem perder o sentido idiomático (DEIGNAN, 2005). Segundo Deignan (2005), as expressões idiomáticas que têm todas essas características são raramente encontradas em estudos de língua em uso baseadas em *corpus*. O que acontece com mais frequência é encontrar expressões ‘quase idiomáticas’ que apresentam parte das

<sup>130</sup> Identificação no corpus *Crónica do Felicíssimo Rei D Manuel Parte II Prosa DG*

<sup>131</sup> Identificação no corpus *Corte na Aldeia Prosa FRL=1618*»

<sup>132</sup> Identificação no corpus *Lendas e Narrativas I Prosa AH*

<sup>133</sup> “Idioms are indivisible units whose components cannot be varied or varied only within definable limits.” (Tradução da autora da dissertação)

peculiaridades descritas acima. Observemos agora a construção *pela mão de* e suas implicações:

A construção *pela mão de* ocorreu 75 vezes em todo o *corpus*. Dessa forma, notamos que ela aparece no século XV, em seguida do século XVIII até o século XX. Primeiramente, ressaltamos que a expressão vem acompanhada de uma entidade, sendo a essa entidade humana ou não humana, como podemos visualizar nos exemplos abaixo.

(95) *Pela mão de Minerva* conduzido Moves<sup>134</sup>

(96) ..., escritas *pela mão de Deus*,<sup>135</sup>

(97) ...os dois povos convivem, não incorporados *pela mão de ferro da conquista*<sup>136</sup>

(98) ... preciso que te deixes cegamente levar *pela mão de teu pai*.<sup>137</sup>

As sentenças (95), (96) e (97) demonstram que o sentido metafórico da construção *pela mão de* é dependente da NP que a segue. Nos exemplos acima, entendemos que as NPs das sentenças são entidades abstratas, sendo (95) e (96) divindades e em (101) há uma ‘personificação’ do substantivo ‘conquista’. Por outro lado, ao observar a sentença (102), notamos uma diferença em relação às sentenças anteriores, porque, em (97), ocorre uma conceptualização metonímica, do tipo PARTE pelo TODO, na qual a entidade ‘pai’ é metonimicamente acionada pela parte do corpo *mão*. Entretanto, podemos dizer que, em todos os exemplos acima, compreendemos o sentido não literal conforme as entidades relacionadas ao NP. Assim sendo, o AGENTE é relacionado aos verbos *levar*, *escrever*, *permitir* e *conduzir*. Logo, consoante ao AGENTE próximo da construção *pela mão de* apreendemos o sentido dos verbos como o ‘ato de acessar’. Destarte, a construção ‘*pela mão de*’ está envolvida semanticamente com a ‘metáfora do conduto’, à proporção que nos permite acessar ‘X causa Y *pela mão de X*’. Passaremos agora para a descrição da construção *lançar mão* e, em seguida finalizaremos a seção:

A construção *lançar mão* significa ‘utilizar’ e ela ocorreu do século XVI até o século XX. Nessa construção o verbo *lançar* pode ser conjugado nas diferentes pessoas, em

<sup>134</sup> Identificação no corpus *Obras Vol I Poesia DRQ*

<sup>135</sup> Identificação no corpus *A Voz do Profeta Prosa AH*

<sup>136</sup> Identificação no corpus *História de Portugal III Prosa AH*

<sup>137</sup> Identificação no corpus *Amor de Perdição Prosa CCB*

diferentes tempos e o significado se mantém. Como poderemos observar nos exemplos abaixo.

(98)... ou cousa de que se pudesse *lançar mão*...<sup>138</sup>

(99) ...vejo o bem que fazer-vos posso, e dele *lanço mão*,...<sup>139</sup>

(100) Imediatamente, *lançou mão* da pena para cantar a Vitória da França.<sup>140</sup>

Aqui, percebemos que uma tendência do sentido metafórico do verbo *lançar* está ligado a sua proximidade ao lexema *mão*, pois ambos os lexemas, quando juntos, exprimem o sentido não literal. Considerando que o verbo *lançar* pode aparecer flexionado ao estar próximo ao lexema *mão*, não podemos nominar a construção como uma expressão idiomática. Entendemos, portanto, como admitido por Deignan (2005), que há uma disposição dos lexemas relacionados às partes do corpo em serem dependentes de seus colocados, para atrair o sentido metafórico, e esse fato gera o que ela chama de ‘expressões quase idiomáticas’ (*almost idioms*).

“Elas são quase próximas a expressões idiomáticas, pois são formadas por mais de uma palavra, são não literais e têm uma forma prototípica, [...], mas diferente das expressões idiomáticas clássicas, elas não são gramaticalmente fixas.”<sup>141</sup> Deignan (2005:207).

Consequentemente, a conjugação do verbo *lançar* não modifica o sentido metafórico da expressão *lançar mão*, e por isso a compreendemos como uma expressão quase idiomática.

Concluindo, o item 4.2.3 apresentou as conceptualizações que do século XV até o século XX envolvem o lexema *mão*. A discussão apresentada nessa seção demonstra como o lexema *mão* ocorre com sentido abstrato em expressões já no século XV e que três delas, *de mão em mão*, *pela mão de* e *lançar mão* apresentam uma frequência regular de relação à ocorrência nos séculos estudados. Além disso, demonstramos como esse lexema faz parte de uma expressão idiomática *de mão em mão* e de as outras duas podem ser denominadas como ‘expressões quase idiomáticas’, *pela mão de* e *lançar mão*. A seguir, analisaremos as conceptualizações mais frequentes do lexema *cabeça*.

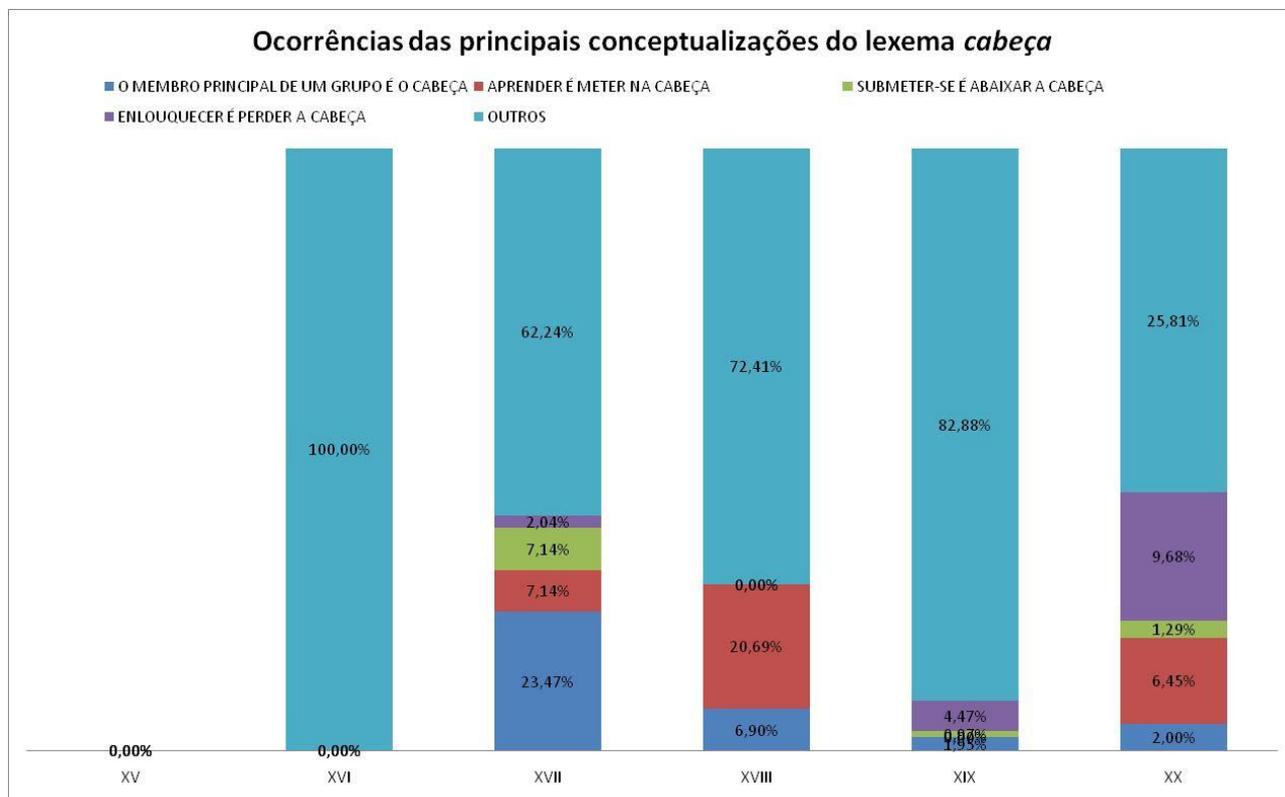
<sup>138</sup> Identificação no corpus «*Peregrinação Prosa FMP=1614*»:

<sup>139</sup> Identificação no corpus «*Obras Completas Tomo X Prosa FMN=1799*»:

<sup>140</sup> Identificação no corpus «*Horas de Luta Poesia GJ=1910*»:

<sup>141</sup> “These are idiom-like in that they are multi-word, non-literal and have a prototypical form, (...), but unlike classical idioms they are not grammatically fixed.” ( Tradução livre)

## 4.2.4 Caso de cabeça

Gráfico 10 - Ocorrências das principais conceptualizações do lexema *cabeça*

O lexema *cabeça* apresenta as conceptualizações O MEMBRO PRINCIPAL DE UM GRUPO É O CABEÇA, APRENDER É METER NA CABEÇA, SUBMETER-SE É ABAIXAR A CABEÇA e PERDER A CABEÇA É ENLOQUECER, o que demonstra uma série de mapeamentos distintos do mesmo lexema. Sendo assim, decidimos empregar a proposta na Teoria da Mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002), sobre a noção de espaços mentais, que são construídos na medida em que buscamos dar sentido a um enunciado para descrever a primeira conceitualização. Em seguida, descreveremos as conceitualizações metonímicas de APRENDER É METER NA CABEÇA e terminaremos a seção descrevendo o mapeamento metafórico de ACEITAR É ABAIXAR A CABEÇA.

Começaremos com a descrição dicionarizada do lexema *cabeça*, a fim de demonstrar que o significado literal pode nos ajudar a desvendar o percurso conceptual do termo. Logo, se tomarmos o significado dicionarizado do lexema *cabeça*, encontramos três principais; 1- parte superior do corpo humano e dos animais que contém os cabelos, o crânio, olhos,

ouvidos, nariz, e cérebro; 2- parte superior arredondada dos objetos ou dos vegetais; 3- líder ou pessoa mais importante de um grupo.

A partir da descrição dicionarizada do lexema *cabeça*, verificamos que o terceiro sentido é abstrato e se refere à metáfora conceptual O MEMBRO PRINCIPAL DE UM GRUPO É O CABEÇA. Essa metonímia é a mais abrangente em termos de ocorrência temporal, pois aparece nos dados do século XVII até o século XX. Além disso, percebemos que o uso é fortemente convencionalizado, apesar do complexo mapeamento conceptual do qual origina como podemos visualizar nos exemplos (101) e (102).

(101) A pessoa Real é a *cabeça da República*<sup>142</sup>

(102) Nomeou o Sátrapa em *cabeça de lista* um Juiz<sup>143</sup>

Portanto, para descrever o mapeamento O MEMBRO PRINCIPAL DE UM GRUPO É O CABEÇA, buscamos na Teoria da Mesclagem (FAUCONNIER & TURNER, 2002) a explicação para descrever como esse significado tão específico do lexema *cabeça* foi processado, para oferecer as pistas necessárias para explicar como falantes e ouvintes/leitores interpretem o lexema. Logo, quando nos deparamos com uma expressão como (108), não percebemos a complexidade de relações que são construídas.

(103) É preso o *cabeça de motim* Martins Rolão<sup>144</sup>

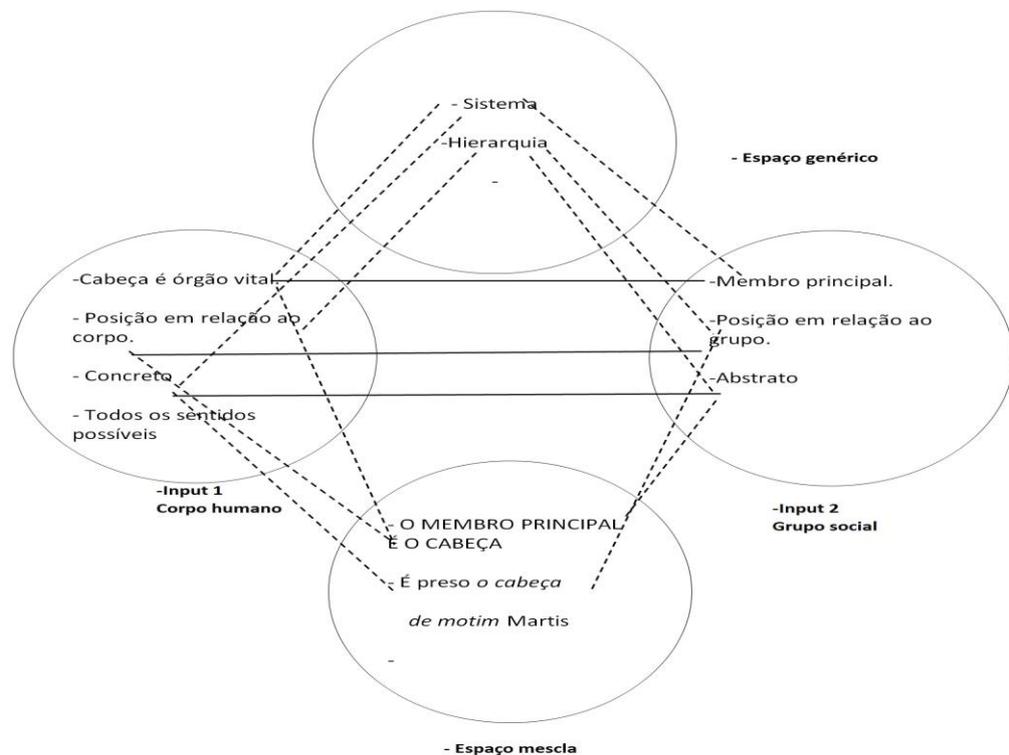
Logo, no momento que lexema *cabeça* aparece em uma expressão linguística, tal como aquela em (103), ele ativa uma variedade de espaços mentais ao mesmo tempo, tais como chefe, parte superior com o formato arredondado dos seres vivos (seres humanos, plantas e animais,) e local onde se alojam outros órgãos. Os espaços mentais são pacotes construídos conceitualmente, na medida em que pensamos ou conversamos com algum objetivo. Sendo assim, quando nos deparamos com uma expressão como (103), diferentes espaços mentais são formados. Na Figura 6, eles estão representados pelos círculos, os elementos pelos pontos dentro dos círculos e as conexões pelas linhas pontilhadas. Logo, para interpretar a sentença, primeiramente, conceptualizamos metonimicamente CABEÇA por PESSOA, a posição física e concreta da cabeça em relação ao corpo substituindo a posição abstrata da pessoa em relação ao grupo, a importância da cabeça para o corpo, no lugar da

<sup>142</sup> Identificação no *corpus* «Corte na Aldeia Prosa FRL=1618»

<sup>143</sup> Identificação no *corpus* «Obras Tomo IX Prosa FMN=1789»

<sup>144</sup> Identificação no *corpus* «El-Rei Junot Prosa RB=1903»

importância da pessoa perante o grupo e, finalmente, compreendemos o enunciado. A Figura 6 demonstra esse mapeamento.



**Figura 6- Mapeamento da metáfora conceptual  
O MEMBRO PRINCIPAL DE UM GRUPO É O CABEÇA**

Destarte, a Teoria da Mesclagem demonstrada acima nos ajudou a descrever como interpretamos um dos sentidos do lexema *cabeça*. Utilizando essa teoria, confirmamos que o sentido pode ser mapeado por um processo cognitivo *online*. Entretanto, trataremos a seguir de outras conceptualizações ocorridas nesse trabalho com o lexema *cabeça*.

A segunda ocorrência do lexema *cabeça* que aparece no *corpus* do século XVII até o século XX é APRENDER É METER NA CABEÇA. Primeiramente, percebemos que nessa conceptualização, o lexema *cabeça* é metonimicamente interpretado como ‘memória’ ou ‘juízo’. Essa relação é permeada pela metonímia CONCRETO por ABSTRATO, permitindo que *cabeça* dê uma forma à ‘memória’. Em seguida, percebemos que para dar sentido às expressões correspondentes à metáfora conceptual APRENDER É METER NA CABEÇA, *cabeça* é metonimicamente compreendida por ‘cérebro’, em uma relação de CONTÊNER por CONTEÚDO. Logo, sendo a cabeça conceitualizada primeiramente como memória, concretamente como o contêner do ‘cérebro’, por uma associação de CONTÊNER por CONTEÚDO, imaginamos a cabeça como uma caixa na qual podemos colocar e retirar

objetos, pela metáfora do conduto, aceitamos que conhecimentos e idéias são objetos e como objetos. Eles podem entrar e sair da cabeça. Destarte, podemos dizer que a metáfora APRENDER É METER NA CABEÇA é baseada em uma metonímia.

(104) elle tinha *metido em cabeça*, determinou de o leuar por outra via diferente...<sup>145</sup>

(105) ...mas *meter na cabeça* senão ele ?<sup>146</sup>

A terceira metáfora conceptual com relativa abrangência no corpus é SUBMETER-SE É ABAIXAR A CABEÇA e começa a surgir no século XVII, salta o século XVIII e ocorre novamente nos séculos XIX e XX. Essa metáfora conceptual demonstra como ações físicas podem fornecer bases para dar forma a conteúdos abstratos. Considerando *aceitar* como um evento comunicativo, no qual uma pessoa ouve algo, analisa a proposição, concorda ou discorda com ela para finalmente aceitá-la, percebemos que todo esse percurso é abstrato, e obtêm-se como resultado de *aceitar* o movimento físico de *abaixar a cabeça*. Sendo assim, acredita-se que o movimento físico é mapeado dentro do evento ‘aceitar’ e o substitui em uma relação de parte pelo todo, gerando expressões linguísticas que demonstram uma ação concreta sendo convencionalmente mapeada para um evento abstrato, como podemos verificar nos exemplos (106), (107) e (108):

(106) ... seus *inclinasse a cabeça* a pessoa humana..<sup>147</sup>

(107) ... do império à servidão e do leão ao jumento, todos, *abaixando a cabeça*, se contentaram e conformaram com a sua sorte...<sup>148</sup>

(108)... Eu *abaixo a cabeça* e humilho-me...<sup>149</sup>

Sintetizando, nesta seção analisamos as conceptualizações A CABEÇA É O MEMBRO PRINCIPAL DE UM GRUPO, APRENDER É METER NA CABEÇA, SUMETER-SE É ABAIXAR A CABEÇA, que envolvem o lexema *cabeça* de maneira metonímica e metafórica. Em nossa primeira análise, apresentamos o estudo sobre O MEMBRO PRINCIPAL DE O CABEÇA a partir da arcabouço da Teoria da Mesclagem. No exame da metáfora conceptual APRENDER É METER NA CABEÇA, demonstramos como

<sup>145</sup> Identificação no corpus *Peregrinação Prosa FMP=1614*

<sup>146</sup> Identificação no corpus *O Arco de Santana Prosa=AG1845*

<sup>147</sup> Identificação no corpus *Corte na Aldeia Prosa FRL=1618*

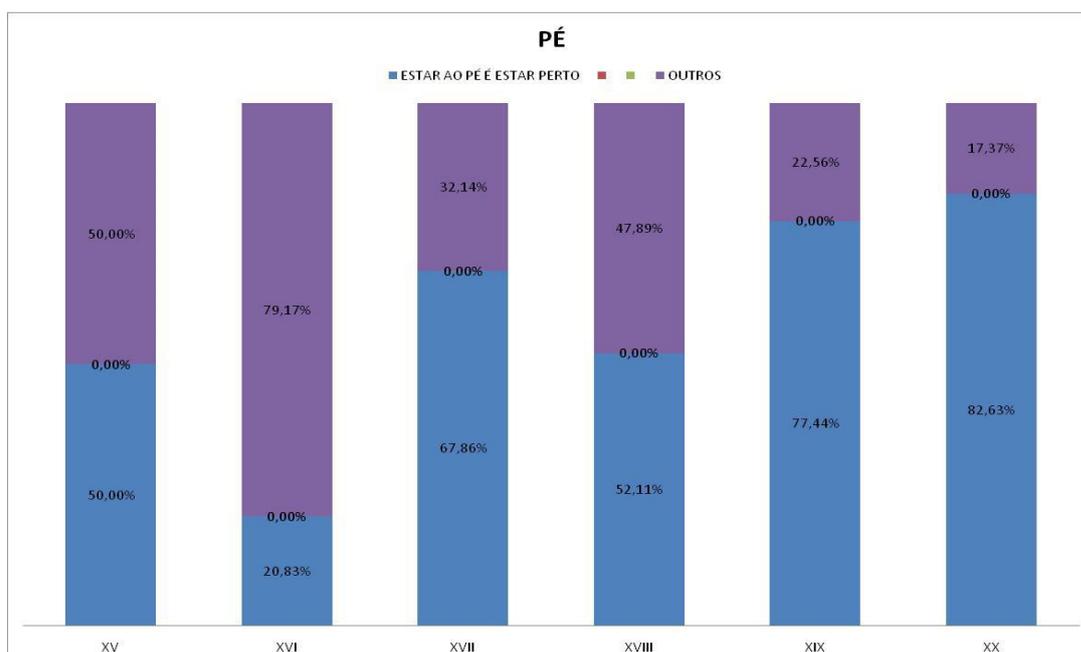
<sup>148</sup> Identificação no corpus *Sermão da Primeira Dominga do Advento Prosa AV=1655*

<sup>149</sup> Identificação no corpus *Teatro Teatro RB=1923*

uma metáfora pode ser composta de metonímias. Finalmente, na metonímia conceptual ACEITAR É ABAIXAR A CABEÇA, demonstramos que por meio da conceptualização metonímica, uma ação singular/particular pode substituir um evento.

#### 4.2.5 Caso de pé

Gráfico 11- Ocorrências da principal metáfora conceptual com lexema *pé*



O Gráfico 11 apresenta os dados correspondentes à conceitualização do lexema *pé*. A partir do gráfico 11, podemos perceber a regularidade da metáfora conceitual ESTAR PERTO É ESTAR AO PÉ, pois ela ocorre com alta frequência do século XV até século o XX. Além disso, pode-se, a partir dos dados, descrever dois fatos salientes: o primeiro está relacionado à regularidade sintática, como foi descrito no item 4.1.5 que envolve essa metáfora conceptual, e o segundo fato está relacionado ao tipo raro de metáfora que esse lexema compõe, sendo ele denominado por Goossen (1995 apud DEIGNAN 2005) ‘metáfora baseada em metonímia’ (*metaphor from metonymy*), como explicaremos a seguir.

Primeiramente, vamos lembrar em linhas gerais as interações da metáfora e da metonímia. Consideramos um processo como metafórico no caso de um mapeamento entre dois domínios do conhecimento, no qual compreendemos (B) por meio de (A), enquanto a metonímia produz uma relação de substituição na qual apenas um domínio do conhecimento

está envolvido. Nesse caso compreendemos (B) por (B1), podemos dizer que há uma diferença de conceitualização entre ambas. Todavia, é possível dizer que existem interações metafóricas disparadas por relações da metonímia conceptual. Podemos dizer que uma metáfora baseada em uma metonímia é representada por expressões que eram inicialmente metonímias, mas são mapeadas para outro domínio (GOOSSEN, 1995 apud DEIGNAN, 2005). Vejamos primeiramente o exemplo (109) e em seguida o exemplo (48).

(109) E vê um anjo *ao pé dela!*<sup>150</sup>

Considerando o trabalho desenvolvido por Goossens (1998 apud DEIGNAN, 2005), sobre a combinação de metáfora e metonímia, no qual o autor cria um corpus de dados formado por inúmeras expressões baseadas em metonímias e convencionalizadas na língua, ele classifica as interações entre as metáforas e as metonímias. Por isso, buscamos descrever a construção *ao pé de* como um exemplo de interação de metáfora com metonímia. Portanto, visualizando o exemplo (109) encontramos a metáfora conceitual ESTAR PERTO É ESTAR AO PÉ. Nesse exemplo, acreditamos que o lexema *pé* substitui uma pessoa, em uma relação metonímica de parte pelo todo. Em seguida, a construção *ao pé de* implica na proximidade, como essa relação é abstrata, acreditamos que se trata de uma metáfora. Agora, vejamos o exemplo (110):

(110) Detinhas sobre mim, *ao pé daquelas rosas!*<sup>151</sup>

Nesse caso, encontramos uma conceitualização um pouco diferente da última. Em primeiro lugar, o lexema *pé* é conceptualizado como uma posição e, ao estar próximo de alguma entidade, a expressão pode ser considerada apenas como um advérbio de lugar, isto é, *perto*. Considerando os estudos de Heine (1995 apud KÖVECSES, 2005), o autor descreve que partes do corpo servem como domínio-fonte para a descrição espacial. Segundo o autor, as relações espaciais básicas, tais como EM, EM BAIXO, NA FRENTE, ATRAS são conceptualizadas em diferentes partes do corpo. Estudando línguas da África e da Oceania, em um dos seus achados, o autor demonstra que na África a posição EM BAIXO é derivada para posição das nádegas/anus, enquanto na Oceania EM BAIXO é conceptualizado a partir de pé/perna. Assim como ocorre nas línguas da Oceania, percebemos que em português conceptualizamos a posição ‘vertical’ pela construção *de pé*. Partindo dessa conceptualização básica, e, portanto considerada literal, reconhecemos uma extensão da mesma ao compreender

<sup>150</sup> Identificação no corpus *Alba Plena Poesia AGil 1916*

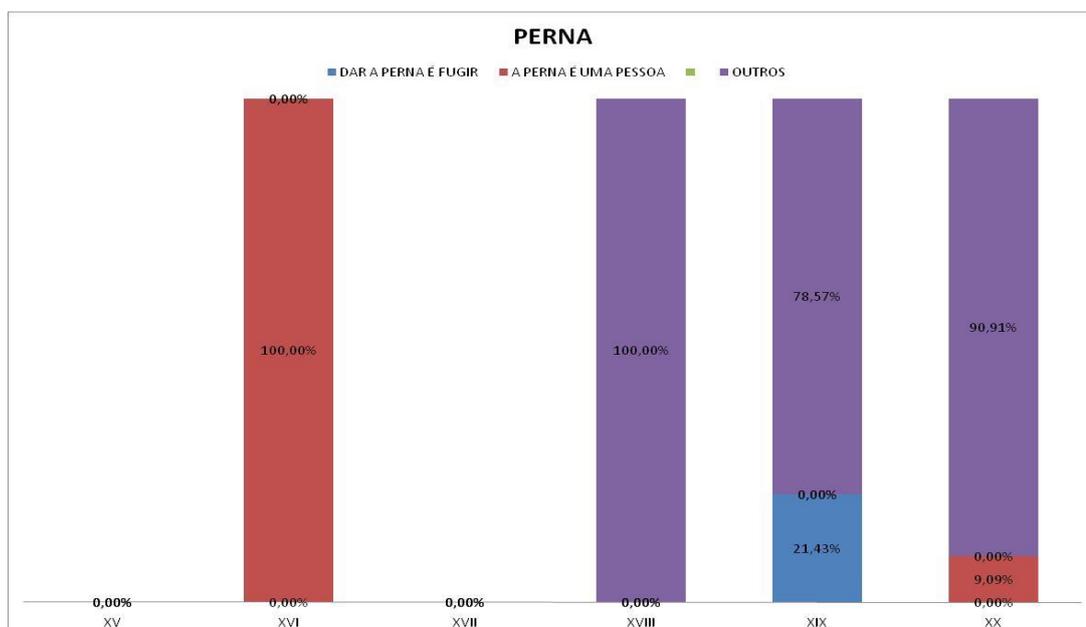
<sup>151</sup> Identificação no corpus *O Livro de Cesário Verde Poesia CV=1901*

*ao pé de* como uma posição, isto é, ‘estar próximo’. Sendo assim, toda a expressão é empregada como um sinônimo do advérbio *perto*.

Finalizando, na seção 4.2.5, delimitamos como uma metáfora convencionalizada apresenta um padrão de ocorrência. Esse padrão acontece pela interação de metáfora com uma metonímia. Seguiremos agora para a última descrição da conceitualização desta pesquisa: a conceitualização do lexema *perna*.

#### 4.2.6 Caso de perna

Gráfico 12- Ocorrências da principal metáfora conceptual com lexema *perna*



O Gráfico 12 representa as conceptualizações mais frequentes do lexema *perna* em termos temporais. Como podemos observar, o gráfico sugere que esse lexema não seja muito produtivo para a criação de metáforas, como os anteriores, pois, apesar de ter sido encontrado em algumas conceptualizações, apenas a metonímia conceptual UMA PERNA É UMA PESSOA se repete em dois diferentes séculos, isto é, nos séculos XVI e XX. Além disso, encontramos, no século XIX uma metáfora FUGIR É DAR À PERNA que apresentou uma conceptualização interessante, e por isso iremos descrevê-la.

Considerando o CORPO HUMANO um domínio-fonte ideal, já que a sua delimitação é clara e bem conhecida, isso não significa que todas as suas partes serão utilizadas para criar expressões metafóricas (KÖVECSES, 2010), pois existem algumas partes que são mais comumente empregadas para representar determinadas entidades. Acreditando que o conhecimento é organizado em domínios esquematicamente estruturados, os quais podem ser compreendidos como um TODO, formado por PARTES, percebemos que essa capacidade de compreender os conceitos é extremamente importantes para o processamento de uma metonímia (KÖVECSES & RADDEN, 1999). Por isso, para se processar um domínio completo por meio de uma parte é preciso lançar mão da nossa capacidade de acionar a conceptualização denominada PARTE pelo TODO. Nessa conceptualização, podemos compreender uma entidade por meio de uma de suas partes e isso ocorre quando utilizamos conceptualmente *perna* no lugar de ‘pessoa’. Segundo Kövecses & Radden (1999), empregamos frequentemente *mão, rosto, cabeça e perna* no lugar de uma ‘pessoa’, pois essas partes são possivelmente as partes do corpo que podem ser consideradas como fontes de discrepância para apontar a entidade ‘pessoa’ como um todo. Analisaremos a seguir a expressão *dar à perna* e suas implicações metafóricas.

Logo, como dissemos anteriormente, apesar de haver inúmeras expressões que utilizam o corpo como base para os mapeamentos metafóricos, o uso não é regular. Por isso, não encontramos muitas construções que utilizam *perna* como base conceptual. No entanto, a expressão *dar à perna* se mostrou funcional como um ‘veículo’ para acessar o domínio que a ação de ‘fugir’. Logo, se consideramos o ato de ‘fugir’ como um evento formado por partes, sabemos que um dos movimentos concretos mais salientes é a ação de movimentar as pernas, e para isso, enviamos comandos mentais para as *pernas* para que elas se movam com força. Sendo assim, acessamos a idéia de ‘força’ pelo verbo *dar* e com *à perna* conseguimos apreender a imagem dos movimentos rápidos da *perna* para ‘fugir’. Finalmente, percebemos que o evento ‘fugir’ é metonimicamente conceptualizado pela ação das movimentar as pernas com força, e podemos acessar essa conceptualização pela expressão *dar à perna*.

Finalizamos a seção 4.2.6 com a descrição das principais conceptualizações do lexema *perna* encontradas no *corpus* estudado. Percebemos que o lexema *perna* não é comumente empregado na criação de expressões não literais, todavia, compreendemos que o lexema *perna* representa metonimicamente uma ‘pessoa’ e verificamos ao final da seção uma construção que utiliza o lexema *perna* para compor o sentido metafórico.

### 4.3 O caso da metáfora conceptual ENLOQUECER É PERDER A CABEÇA

A partir da separação dos dados entre metafóricos e literais na seção 4.1, evidenciamos como os itens lexicais *boca*, *barriga*, *mão*, *cabeça*, *pé* e *perna* fazem parte de estruturas linguísticas que geravam padrões sintáticos com sentido metafórico. Além disso, demonstramos na seção 4.2 como as conceptualizações diacronicamente mais frequentes são mapeadas ao produzirem expressões linguísticas metafóricas. Agora, a última parte desse capítulo visa descrever o desenvolvimento diacrônico de uma metáfora conceitual, demonstrando a partir das expressões metafóricas como uma metáfora conceitual passa de inovadora em um contexto histórico e se torna convencionalizada na atualidade. Sendo assim, indicamos o caminho percorrido pela metáfora conceitual ENLOQUECER É PERDER A CABEÇA como metáfora inovadora a partir de um evento social, passando por um processo de ‘habitualização’ até a ‘convencionalização’ da mesma (BECKMANN, 2001). Além disso, propomos uma leitura histórica para ilustrar a passagem do uso literal para o uso metafórico.

Primeiramente, encontramos no *corpus* pesquisado, isto é, no *corpus* eletrônico diacrônico do século XVI ao século XX, de literatura portuguesa, a expressão *cortar a cabeça* que é metonimicamente empregado no sentido de ‘matar’ pertencente ao MCI ‘morrer’, como podemos acompanhar no exemplo (111).

(111) ...lhe mandasse *cortar a cabeça*, que offender a Deo.<sup>152</sup>

Segundo Kövecses & Radden (1999), um MCI de ‘evento’ envolve uma diversidade de partes que podem ser empregadas metonimicamente em seu lugar. Nesse caso, a ação de *cortar a cabeça* substitui todo o evento de ‘matar’. Logo, sabemos que *cortar a cabeça* é facilmente compreendido como uma ação letal, pois sabemos que não é possível viver sem a *cabeça*. Sendo assim, compreendemos uma PARTE ‘cortar a cabeça’ pelo TODO, isto é, pelo MCI do evento ‘morrer’. Entretanto, nos deparamos, no mesmo texto do século XVII, com a expressão (112).

(112) ...assentão junto de sua pessoa, so pena de *perder a cabeça* o que isto não fizer de boa vontade...<sup>153</sup>

<sup>152</sup> Identificação no corpus «*Peregrinação Prosa FMP=1614*»

<sup>153</sup> Identificação no corpus «*Peregrinação Prosa FMP=1614*»

Nesse exemplo, a expressão *perder a cabeça* é sinonímia de ‘cortar a cabeça’, isto é, ‘morrer’. Curiosamente, nos séculos seguintes, as expressões compostas da construção *perder a cabeça* apontam uma mudança de metonímia para metáfora, como se vê em (113) e (114):

(113) ...confunde-se, *perde-se-me* esta cabeça nos desvarios do coração...<sup>154</sup>

(114) *Perde a cabeça* o farmacêutico por se ver sem acólito,...<sup>155</sup>

Os dois exemplos acima sugerem que algo possa ter acontecido para que os escritores de ambos dos textos em séculos distintos utilizassem a expressão de maneira tão similar, enquanto aquele exemplo (112) aponta um sentido bem diferente. Portanto, enquanto o exemplo (112) indica um sentido metonímico, isto é, *perder a cabeça* é ‘morrer’, as sentenças (113) e (114) aludem à metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA. Assim, nos perguntamos o que aconteceu entre o século XVI ao XX que influenciou a mudança de sentido da expressão *perder a cabeça*? Para tentar responder essa pergunta, colhemos dados de outro *corpus* eletrônico, o *Corpus do Português*,<sup>156</sup> a fim de comparar os dados da pesquisa com a realidade linguística em um *corpus* maior. Primeiramente, apresentamos como ocorre uma metonímia nos dados do século XV, como podemos observar no exemplo (115), enquanto percebemos o sentido metafórico no enunciado (116) proveniente do século do XVIII:

(115) ...que podia, prometendo-lhes que lhes seria padre e defendedor ataa *perder a cabeça*<sup>157</sup>

(116) ... cheiros a fazer *perder a cabeça* dos homens de bom juízo.<sup>158</sup>

QUADRO 3 Ocorrências relacionadas ao lema *perder* junto ao lema *cabeça*

Séculos	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
Número de Citações	3	1	0	1	1	10	9
Metonímia	3	1	0	1	0	0	0
Metafórica	0	0	0	0	1	10	9

<sup>154</sup> Identificação no corpus «*Viagens na Minha Terra Prosa=AG1846*»

<sup>155</sup> Identificação no corpus «*In Illo Tempore Prosa TC=1902*»

<sup>156</sup> <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>

<sup>157</sup> <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>

<sup>158</sup> <<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>

Para esclarecer essa questão, propomos, entre outros fatores, uma explicação voltada para uma conexão entre os diferentes usos de *perder a cabeça* e um evento social que marcou a história europeia ao trazer transformações sociais, econômicas, e culturais e também ao influenciar países tão distantes como o Brasil: a Revolução Francesa. Logo, partindo das profundas modificações pela qual a Europa passou a partir do século XVIII como produto do Iluminismo, instauram-se em vários países da Europa, por influência dos pensamentos filosóficos, mudanças sociais e religiosas, combustíveis para inflamar diversos movimentos sociais liberalista tendo a Revolução Francesa como um dos mais fortes marcos.

A Revolução Francesa compreende um período de dez anos no fim do século XVIII, no qual os franceses, inspirados na Revolução America, em 1776, implantaram o novo regime político e social no país. Esse período torna clássico o confronto entre a burguesia e a nobreza, a tomada da Bastilha e a abolição da servidão, disputas políticas que sustentavam o Estado Absoluto representado por um rei. A Assembléia Nacional Constituinte foi instaurada e dela nasceram os novos princípios da nova sociedade como parte da Declaração do Direito Universal do Homem (LEFEBVRE,1966:132), gerando o famoso slogan *Liberté, Fraternité, Égalite*. Contudo, há outro conceito também frequentemente associado à Revolução Francesa: a ‘guilhotina’.

A guilhotina foi o instrumento utilizado para a decapitação de condenados à morte. A criação do seu nome está associada a Joseph-Ignace Guillotin (1738-1814), médico francês que sugeriu o uso do aparelho nos condenados à pena capital. Dessa maneira, eles sofreriam uma morte menos brutal do que aquelas por enforcamento, por espadas, por torturas e com o machado. Sendo assim, percebemos que já havia na Europa a pena de morte arrancando a cabeça visto que, no *corpus*, encontramos vários indícios de que ‘cortar a cabeça’ significa ‘matar’, como atestamos nos exemplos dos séculos XVI, XVII, XIX e XX.

(117) ..lhe *cortaram a cabeça* de que sayo sangue artificial que parecia que era .  
domem vivo<sup>159</sup>

(118)... que era capitão, com proposito de lhe mandar *cortar a cabeça*, o qual deitando-se na cama...<sup>160</sup>

---

<sup>159</sup> Identificação no corpus *Livro das Obras Prosa GR=1545*

(119) Não te mando *cortar a cabeça*, como tinhas apostado, porque te basta a desonra de tua filha .<sup>161</sup>

(120) ...não o guilhotinaria, para não desonrar o cutelo de aço que *cortou a cabeça* a Danton...<sup>162</sup>

Entretanto, as expressões formadas pelo lema *perder* com o lexema *cabeça*, como verificamos nos exemplos (113) e (114) passam a ocorrer somente no sentido metafórico após o uso frequente da guilhotina no fim do século XVIII. No período de 1789 até 1790, os franceses presenciaram o nascimento de uma Assembleia Constituinte, a abolição dos privilégios da aristocracia e do clero, o fim do regime feudal e a Declaração dos Direitos do Homem. Segundo Murat (2012), essa fase revolucionária disseminou por Paris um clima de ameaça e medo que foi manifestado nos hospitais de alienados, e muitos pacientes tinham, sobretudo, medo de *perder a cabeça*.

Dessa forma, enfatizamos que metáfora conceptual ENLOQUECER É PERDER A CABEÇA foi provavelmente motivada pela necessidade de produzir um sentido abstrato para a expressão *perder a cabeça*. Segundo Berger & Luckmann (1966/1982 apud BECKMANN, 2001), o emprego de uma metáfora não significa que ela esteja estabilizada na língua, pois, para tal feito é preciso passar pelo processo de ‘tipicalização’. Sendo assim, para que uma ‘tipicalização’ ocorra, é preciso haver uma situação social frequente, que seja linguisticamente representada por meio de uma metáfora ‘típica’, também pela qual se economiza o tempo na comunicação, visto que o falante e o ouvinte a processam de maneira semelhante. Logo, a construção *perder a cabeça* com o sentido abstrato pode ter sido motivada pelo momento de instabilidade que a França vivia no fim do século XVIII originada pela revolução. No começo dela, apenas os nobres perdiam, literalmente, as cabeças, como percebemos em uma música da época:

“Repleta teu cesto divino com cabeças de tiranos.../ Santa Guilhotina, protetora dos patriotas, /Rogai por nós/Santa Guilhotina, calafrio dos aristocratas,/Protegei-nos!”<sup>163</sup>

<sup>160</sup> Identificação no corpus *Peregrinação Prosa FMP=1614*

<sup>161</sup> Identificação no corpus *Contos Tradicionais do Povo Português Vol I Prosa TB=1883*

<sup>162</sup> Identificação no corpus *A Capital Prosa EQ*

<sup>163</sup> Prece revolucionária 1792-1794. Disponível em < <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/mundo/guilhotina>> Acesso em 01 fev.2013.

Contudo, a situação na França ficara cada vez mais instável na medida em que importantes figuras do movimento revolucionário também foram condenadas a morrer pela guilhotina.

Para tocar em um ponto fundamental e explicar até que ponto esse acontecimento tange Portugal e por isso, como esse evento influencia a língua portuguesa, precisamos ir buscar referências ainda no século XVIII, mas pouco antes da revolução, quando o trono português era aconselhado por um ministro de grande influência no reino, o Marquês de Pombal. O Marquês de Pombal foi ministro de Dom José I se tornando em pouco tempo uma das figuras mais importantes do governo português. Conhecido por ter acabado com a Inquisição, por ter reformado o exército e o sistema de ensino ao introduzir as ciências naturais nas aulas, o Marquês de Pombal fez muitos inimigos ao diminuir os privilégios do clero e da nobreza. Todavia, acabou perdendo o poder político com a morte de Dom José I. A morte de Dom José fez subir ao trono Maria I, a Louca, que ouvia apenas o clero e a nobreza (mais tarde, dizia ver e ouvir o marido morto perseguindo) e, por intermédio deles, consegue desarmar o ímpeto revolucionário de Pombal, o acusando de corrupção. Humilhado e ressentido, o Marquês despede-se da vida política, retirando-se para o seu palácio e morre com 83 anos.

As reformas feitas por Pombal permanecem em Portugal sob um ideal da liberdade, um dos marcos da sua reforma. Por isso, apesar de todos os esforços da coroa portuguesa para evitar as “más influências francesas”, o espírito revolucionário já havia se estabelecido pela via dos ‘estrangeirados’, isto é, portugueses que se educaram dentro do novo sistema educacional, fruto das reformas pombalinas e que continuavam a ser fortemente vigiada pela polícia. Finalmente, a família Real foge para o Brasil ao perceber que não podia escapar da força armada da Revolução Francesa, já que o exército francês foi naquela época o mais importante disseminador da Revolução.

Logo, a necessidade de separar a experiência física de *perder a cabeça* daquela de ‘perder a razão’, a racionalidade, aponta para uma possível origem da metáfora conceptual ENLOQUECER É PERDER A CABEÇA, pois ela foi provavelmente motivada por mudanças sociais e pelo uso sistemático da guilhotina para matar os inimigos da revolução. Havendo uma pressão social, esse fato gerou a necessidade comunicativa diferente daquela vigente até o século XVII, ao diferenciar os dois sentidos. Para Beckmann (2001:156) a fala é parte do tratamento social, sendo assim ela declara:

[...]As atividades linguísticas não são unidades isoladas, mas parte do jogo da fala, que, como afirma Wittgenstein podem ser

permeadas pela forma de vida do falante. A forma de vida se modifica e com ela se modifica a necessidade comunicativa do falante.<sup>164</sup>

Investigando as linhas de concordância de dentro do corpus *Vercial* por meio da busca [lema="perder"] [lema="o"] [lema="cabeça"] apresentamos na TABELA 10 os resultados relativos às ocorrências.

QUADRO 4. Ocorrências relacionadas ao lema perder junto ao lema *cabeça*/Corpus *Vercial*

Séculos	XVII	XVIII	XIX	XX
Número de Citações	1	0	23	15
Metonímia	1	0	0	0
Metafórica	0	0	23	15

Logo, seguindo a descrição de Beckmann (2001) sobre o processo de convencionalização de uma metáfora que se dá por dois processos anteriores, a ‘habitualização’ e ‘tipicalização’, entendemos por ‘habitualização’ todo o comportamento, que é frequentemente repetido e consolidado em um modelo. O modelo funciona como um modo de economia comunicativa. Sendo assim, a ‘habitualização’ aponta quando esse determinado modelo de comportamento é empregado em situações futuras, com o mesmo sentido, como efeito de economia comunicativa. A ‘tipicalização’ é o emprego desse modelo de comportamento em uma situação social, na qual o falante e o ouvinte compreendem o sentido. Portanto, podemos aplicar os conceitos de ‘habitualização’ e ‘tipicalização’ para o processo de ‘convencionalização’ de uma metáfora. Logo, para que uma metáfora seja ‘típica’ é preciso haver uma situação, na qual a aplicamos sem nos referirmos ao momento de sua criação.

A teoria de Beckmann (2001) demonstra que a ‘habitualização’ e a ‘tipicalização’ são marcadas pelo uso, isto é, pelo modo que falantes (falantes e ouvintes) compartilham simultaneamente o conhecimento sobre a mesma metáfora. O caminho para o uso convencionalizado de uma metáfora não é tão facilmente empiricamente assentado, é preciso relacionar outros elementos que apoiam a convencionalização. Destarte, como esta pesquisa empregou um *corpus* diacrônico de literatura, utilizamos os mesmos dados encontrados para demonstrar o processo de desenvolvimento da metáfora conceptual ENLOQUECER É PERDER A CABEÇA, nos séculos XIX e XX.

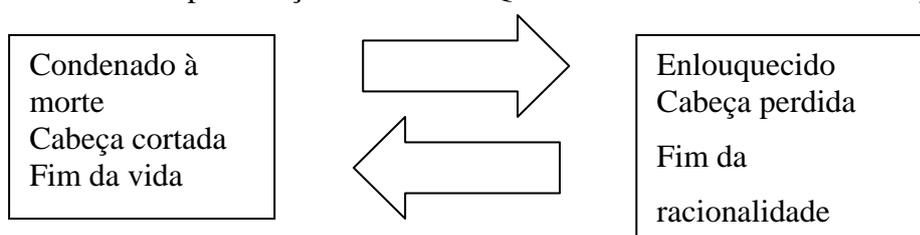
<sup>164</sup> Sprechendhandlung sind keine isolierten Einheiten, sondern Teile Von Sprachspielen, die mit Wittgenstein wiederum als Teile Von Lebensformen aufgefasst werden können. Lebensformen verändert sic- und mit ihnen die kommunikativen Bedürfnisse der Sprecher. (Tradução da autora da dissertação)

Logo, como observado na TABELA 10, encontramos expressões metafóricas resultantes da metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA. No século XVII, há uma expressão com sentido literal, no século XVIII não há dados, nos séculos XIX e no século XX encontramos dados somente com o sentido da metáfora conceptual analisada. Considerando o exemplo do século XVII, não podemos dizer que a expressão foi apenas criada e repetida, já que há evidências da sua existência com o sentido não literal, metonímico, como observamos no exemplo (118), o que não a estabelece como metáfora. Sendo assim, é provável que, antes do século XVIII, os falantes empregavam *perder da cabeça* concretamente, como sinônimo de ‘morrer’. Todavia diante da necessidade comunicativa, ‘perder a cabeça’ literalmente e metaforicamente se encontravam no mesmo MCI de ‘morrer’, até que diante de uma nova necessidade, o uso metafórico passou a se referir à ‘loucura’, fixando a metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA em um domínio distinto. Logo, cremos que metáfora se apresenta no fim do século XVIII e acaba sendo utilizada sem demandar esforços cognitivos para a compreensão para, finalmente, no século XIX estar completamente convencionalizada.

Para apontar a convencionalização foi feita uma nova busca em um *corpus* contemporâneo, parte do *Linguateca*, denominado CETEMPúblico e composto por textos jornalísticos, totalizando 97.9 milhões de palavras. A expressão em questão apresentou 277 ocorrências sempre no sentido metafórico. Sendo assim, os resultados assinalam os três aspectos da convencionalização citados por Beckmann (2001). Essa metáfora conceptual está representada nos meios de comunicação, e é utilizada em diversas situações, o que a torna fortemente conhecida.

Em relação a sua classificação, a metáfora ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA pode ser sistematizada como uma *metáfora conceptual* já que o domínio-fonte, concreto, é mapeado e concebido pelos falantes a partir da imagem de um corpo sem a *cabeça* para o domínio-alvo, abstrato, ‘enlouquecer’.

FIGURA 7- Conceptualização de ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA



De acordo com Deignan (2005) é difícil diferenciar ‘metáforas convencionalizadas’ (*conventionalized metaphor*) de ‘metáforas mortas’ (*dead metaphor*) utilizando a metodologia do corpus. A autora propõe que uma ‘metáfora convencionalizada’ tem a tendência de evocar o sentido literal, enquanto a metáfora morta não se relaciona como a sua origem literal. Sendo assim, percebemos que a metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA ilustra o caso de uma metáfora convencionalizada, pois a estrutura sintática *perder + a + cabeça* qualifica o domínio-fonte, inicialmente literal, que fornece as bases para o sentido metafórico ‘enlouquecer’ seja mapeado à imagem de um corpo sem a cabeça.

Finalmente, após observar as ocorrências, conseguimos demonstrar quais os padrões que criam esse sentido não literal relacionado ao lexema *cabeça*. Nesta seção, demonstramos como os verbos *cortar* e *perder* próximos ao lexema *cabeça* apresentam o sentido conceptual de uma metonímia do MCI de um evento. Além disso, buscamos diacronicamente a mudança de metonímia para metáfora da estrutura *a perder a cabeça* gerando a metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA. Para ilustrar a mudança de sentido, destacamos a o uso da guilhotina na Revolução Francesa no século XVIII como o fato que pode ter contribuído para a convencionalizá-la nos séculos seguintes. Por último, delineamos o mapeamento da metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA a partir da sua estrutura sintática.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quando falamos uma língua sabemos muito mais do que aquilo que aprendemos*  
(Noam Chomsky)

A partir das análises expostas no capítulo anterior, buscamos retomar os objetivos apresentados na introdução e as discussões dos dados, descrevendo-os em consonância com as hipóteses do trabalho. Além disso, desejamos apresentar algumas possibilidades para pesquisas futuras.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar diacronicamente os lexemas ligados ao domínio fonte CORPO, *boca, barriga, cabeça, mão, pé e perna* na língua portuguesa, a fim de verificar como eles são empregados ao fazer parte de construções conceptuais. Para isso, enfatizamos o uso da metodologia da Linguística de *Corpus*, pois essa metodologia demonstra ser consistente para estudos de língua em uso, visto que ela fornece exemplos mais realista do que o uso da introspecção. Sendo assim, destacamos o uso do *corpus* eletrônico especializado em literatura portuguesa, pois ele contém dados relevantes em relação ao alcance temporal necessário para o desenvolvimento dessa pesquisa. Além disso, esperamos ter contribuído com as pesquisas empíricas da TCM, conforme salientamos a dinâmica das expressões metafóricas baseadas em partes do corpo ao longo de cinco séculos.

A partir desse ponto, investigamos os dados de maneira onomasiológica. Apontamos diferentes padrões sintáticos relacionados aos lexemas estudados, descrevendo-os à maneira que eles se organizavam para produzir o sentido não literal. Delimitamos, então, as relações sintagmáticas, os mapeamentos conceptuais mais frequentes, a produção de expressões idiomáticas e, principalmente, realçamos a importância da metonímia como um fenômeno conceptual para, em seguida, dar continuidade à busca pelos padrões não literais mais frequentemente ao longo dos cinco séculos. Dessa forma, descrevemos os diferentes resultados para cada um dos lexemas analisados.

Nessa perspectiva, a primeira hipótese da pesquisa visava verificar se os lexemas estudados apareciam mais literais no século XV e caminhavam para o sentido mais metafórico até chegar ao século XX. Com base nos dados obtidos, encontramos três lexemas *barriga, boca* e *mão* que confirmaram a hipótese inicial, pois os três aparecem no *corpus* mais como literais no século XV e ficam mais metafóricos nos séculos restantes.

Na descrição do uso não literal do lexema *boca*, destacamos a sua ocorrência próxima a outros conceitos concretos. Esse fato acabou por demonstrar que conceitos concretos podem conceptualizar outros conceitos concretos, como podemos verificar em

enunciados tais como “quando o batel chegou à *boca do rio*,...” ou “Entanto Deu a volta fatal e derradeira A chave do ataúde; cai a laje Sobre a *boca do túmulo*.” Esse fato alude a uma das críticas de Jäkel sobre a Unidirecionalidade da metáfora, como podemos perceber, conceitos concretos podem mapear outros conceitos concretos.

Ademais, entendemos que uma ‘expressão idiomática’ que emprega as partes do corpo seja resultado de conceptualizações metonímicas ou de ‘metáforas de metonímias’, como é o caso do lexema *boca* na base da expressão *de boca em boca*. Paralelamente nos deparamos com outra ‘expressão idiomática’ de mesmo sentido, *de mão em mão*. Uma e outra ocorrem dentro do mesmo princípio de expressões idiomáticas, sendo ambas compostas por mais de uma palavra e lexicalmente fixas, adquirindo um significado mais amplo do que as suas partes teriam individualmente. Em seguida, descobrimos que o lexema *barriga* também corrobora a primeira hipótese da pesquisa, mas apresenta uma peculiaridade. Por ser o lexema com o menor número de ocorrências no *corpus*, vê-se que mesmo dentro de um domínio-fonte preferencial, nos termos de Kövecses (2010), nesse caso, no domínio CORPO, há partes que são menos favorecidas na realização de expressões metafóricas. Dessa forma, apesar de encontrarmos o lexema *barriga* no sentido não literal, ele não é muito produtivo na criação de expressões metafóricas. Por outro lado, o lexema *mão* apresentou a maior ocorrência do *corpus* e também comprovou a primeira hipótese da pesquisa, mesmo que, no século XX, ele tenha incidido com mais dados literais. Na análise dos dados sobre *mão*, percebemos a dependência do lexema dos seus colocados para criar expressões metafóricas, pelo fato de não o encontrarmos com o sentido metafórico sozinho, o que seria uma instancia clássica do uso metafórico dos termos.

Entretanto, a análise dos lexemas *cabeça*, *pé* e *perna* não corroboraram a primeira hipótese, já que, primeiramente, o lexema *cabeça* ocorreu sempre mais literal que metafórico nos cinco séculos. O lexema *pé* aparece no século XV até o século XX sempre no sentido mais metafórico do que literal e o lexema *perna* nem ocorre no século XV, sua primeira incidência começa no século XVI como literal e continua sempre com o sentido mais literal do que metafórico até o século XX. A partir da ocorrência desses três lexemas, enfatizamos a alta produtividade do lexema *cabeça*, primeiramente encontramos o sentido metafórico, dependente do seu padrão sintático como nesses dois casos: “A pessoa Real é *a cabeça da República*,” e “Nomeou o Sátrapa *em cabeça de lista* um Juiz”. Além disso, o lexema *cabeça* apresenta a instância clássica do sentido metafórico, ao ter sentido não literal independente do contexto, como revemos em “Eis aqui, quase cume *da cabeça De Europa* toda.” Já o lexema

*pé* realça o sentido orientacional da posição ‘em baixo’, tal achado é interessante, pois demonstra como o nosso sistema orientacional está baseado no CORPO. Finalmente, enfatizamos que o lexema *perna*, assim como o lexema *barriga*, não foi muito produtivo na criação de expressões metafóricas.

Com base nos dados obtidos, destacamos a relação dos lexemas *boca*, *barriga*, *cabeça*, *mão*, *pé* e *perna* como metonímias na produção de expressões idiomáticas e de expressões quase idiomáticas. A pesquisa demonstrou que as partes do corpo envolvidas neste estudo são em grande parte metonímias que ativam o domínio-fonte CORPO gerando um grande número de conceptualizações e metáforas.

Considerando a segunda hipótese do trabalho: Metáforas conceptuais podem revelar posições paradigmáticas de períodos históricos, destacamos o emprego da metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA, pois, acreditamos que o período de incerteza social provocado pelos resultados na Revolução Francesa, no qual o medo e a desorientação provocam a ancoragem do sentido *perder a cabeça* concretamente para o sentido abstrato ‘enlouquecer’. Tal achado confirma a hipótese 3 da pesquisa, que consiste em averiguar se eventos sociais podem influenciar na convencionalização de uma metáfora conceptual. Afirmamos que isso acontece, pois a partir das ocorrências no *corpus* eletrônico diacrônico de literatura, encontrados dados sobre o uso da expressão ‘*perder a cabeça*’ como o sentido de ‘morrer’, antes da Revolução Francesa. Entretanto, esse evento histórico parece ter marcado tão fortemente a sociedade européia, já que a imagem da guilhotina aparece como um indicador que perpetuou o delírio daqueles massacrados pela revolução e o medo de perder a própria cabeça. Sendo assim, a necessidade discursiva de diferenciar o sentido concreto daquele abstrato, parece ter influenciado na convencionalização da metáfora conceptual ENLOUQUECER É PERDER A CABEÇA.

Um dos maiores desafios enfrentados para a produção desta pesquisa está relacionado à produção do *corpus* de pesquisa, pois, apesar de termos empregado um *corpus* eletrônico, a necessidade de ter os dados organizados temporalmente demandou horas consideráveis de trabalho. Em seguida, após de ter todos os dados compilados, foi bastante árdua a leitura de inúmeras linhas de concordância.

Apesar de algumas dificuldades enfrentadas, esperamos que este estudo tenha trazido esclarecimentos para o campo de pesquisa da metonímia e da metáfora. Além disso,

destacamos a importância da continuidade dos estudos da TCM baseando em *corpus* e, por isso, almejamos que novas investigações da língua em uso empregando essa metodologia continue crescendo, sendo assim, fazemos as seguintes sugestões:

(a) como este estudo se desenvolveu sob um viés diacrônico, estudos sincrônicos baseado em corpus e empregando apenas um lexema, mas com diferentes tipos de texto podem revelar mais sobre cada um dos lexemas aqui estudados;

(b) como nesta pesquisa, buscamos estudar os padrões dos lexemas, sempre no singular, é provável que um estudo dos mesmos lexemas no plural possa revelar novas descobertas sobre o uso em expressões não literais;

(c) como este estudo se desenvolveu com base em apenas uma língua, acreditamos que seria enriquecedor fazer estudos comparativos entre os mesmos lexemas em diferentes línguas;

(d) finalmente, sugerimos o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a forte relação das metonímias e as expressões idiomáticas.

## REFERÊNCIAS

- BECKMANN, Susanne. *Die Grammatik der Metapher: Eine gebrauchstheoretische Untersuchung des metaphorischen Sprechens*. Tübingen, Niemeyer, 2001.
- BALDAUF, Christa. *Metapher und Kognition: Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher*. Frankfurt, Berlin, Berna, Nova York, Paris, Viena: Peter Lang, 1997.
- BÜHLER, Karl. *Theory of Language/ The representational function of language*. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Filadélfia, 2011.
- BUENO, Silveira Francisco. Grande Dicionário Etimológico.
- DEIGNAN, Alice. *Metaphor and Corpus Linguistics*: Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2005.
- CUNHA, Antonio Geraldo. Dicionário Etimológico de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexicon1999. 4º Edição, 2010.
- DEIGNAN, Alice ; POTTER, Liz. *A corpus study of metaphors and metonyms in English and Italian*. Birmingham Uk, Elsevier, 2003.
- FAGARD, Benjamin: *Après, de l'espace au temps, la sémantique en diachronie*. In SOARES DA SILVA, A., TORRES, A., GONÇALVES, M. *Linguagem, Cultura e cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Livraria Almedina, 2004 volume 1
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *Rethinking Metaphor*. In R. GIBBS (ed.). *Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. UK: CUP, 2006.
- FAUCONNIER, Gilles. TURNER, Mark. *The Way we Think: conceptual blending and the mind' hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- GOLDBERG, Adele E. *Construction Grammar. The inherent semantics or argument structure: The case of English ditransitive construction*. In GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin, 2006, 403-437.
- GOLDBERG, Adele E. *Constructions: a constructional grammar approach to argument structure*. London: The University of Chicago Press, 1995.
- GRIES, Stefan Th. & Anatol STEFANOWITSCH *Corpora in cognitive linguistics: corpus-based approaches to syntax and lexis*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2006.

HILPERT, Martin. Keeping an eye on the data: Metonymies and their patterns. . In: STEFANOWITSCH, Anatol. *Corpus-based approaches to metaphor and metonymy*. [Trends in Linguistics Studies and Monographs 171] Berlin & Nova York: Mouton de Gruyter, 2006

ILARI, R. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In MUSSALIM, F & BENTE, C (orgs.): *Introdução à Linguística: Fundamentos Epistemológicos*. São Paulo: Cortez Editora, 2005 Volume 3

KENEDY, Eduardo. Gerativismo in MAROLOTTA, Mário Eduardo et al *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KOLLER, Veronika. Of critical importance: Using electronic text corpora to study metaphors in business media discourse. In: In: STEFANOWITSCH, Anatol. *Corpus-based approaches to metaphor and metonymy*. [Trends in Linguistics Studies and Monographs 171] Berlin & Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

KÖVECESES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. 2ª edição. Oxford: Oxford University Press, 2010.

KÖVECESES, Zoltán & RADDEN, Günter. Towards a Theory of Metonymy. In PANTHER, Klaus U. & RADDEN, Günter. *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing 1999, p. 17-59.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. The Neural Theory of Metaphor. In GIBBS, R. *The Metaphor Handbook*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: What categories reveals about Mind*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. TURNER, Mark. *More than cool reason: field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LARS, Roger. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

LEFEBVRE, Georges. *A Revolução Francesa*. Paris Taylor & Francis, 1966

MACHADO, José Pedro. Dicionário da língua portuguesa, 1914.

NASCENTES, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1932.

SARDINHA, Beber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SEMINO, Elena. A corpus-based study of metaphor for speech activity in British English. In: STEFANOWITSCH, Anatol. *Corpus-based approaches to metaphor and metonymy*. [Trends in Linguistics Studies and Monographs 171] Berlin & Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

SCHRÖDER, Ulrike, Trinta anos da Teoria Conceptual da Metáfora: uma retrospectiva Crítica. [Cadernos de Estudos Lingüísticos\(UNICAMP\)](#), v. 53, p. 59-71, 2011.

\_\_\_\_\_, A mesclagem metafórica de Fauconnier & Turner e as teorias de Karl Bühler e Wilhelm Stählin: Antecipações e complementos. *Revista da ABRALIN*, v. 9, p. 129-154, 2010.

\_\_\_\_\_, Antecipações da metáfora cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, p. 39-54, 2008.

\_\_\_\_\_, Os Precusores Filosóficos da Teoria Cognitiva das Metáforas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, Campinas, v. 46, n. 2, p. 243-252, 2004.

STEFANOWITSCH, Anatol. *Words and their metaphor: A corpus based approach*. In: \_\_\_\_\_. *Corpus-based approaches to metaphor and metonymy*. [Trends in Linguistics Studies and Monographs 171.] Berlin & Nova York: Mouton de Gruyter, 2006.

STEEN, Gerard, et al. Pragglez in practice: Finding metaphorically used words in natural discourse. In: LOW, G.; TODD, Z.; DEIGNAN, A.; CAMERON, L. *Researching and Applying Metaphor in the Real World* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing 2010, p. 165-184.

SWEETSER, Eve E. *From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure* Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TENUTA, Adriana. M. *Estrutura Narrativa & Espaços Mentais*. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

TISSARI, Heli. Love, metaphor and responsibility: Some examples from Early Modern and Present- Day English corpora. In: LOW, G.; TODD, Z.; DEIGNAN, A.;

CAMERON, L. *Researching and Applying Metaphor in the Real World* Amsterdam/  
Philadelphia: John Benjamins Publishing 2010, p. 126-143.